
AS PRETESIOSAS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ

PEDRO APOLINÁRIO

MESTRADO EM LÍGUAS BÍBLICAS PELA

ANDREWS UNIVERSITY

INSTITUTO ADVENTISTA DE ENSINO

3ª EDIÇÃO REVISTA E AMPLIADA

SÃO PAULO, MAIO DE 1981

INDICE DO CONTEÚDO

1. Introdução	4
2. Princípios e Normas de Uma Interpretação Correta: Hermenêutica e Exegese	9
3. Ferramentas Necessárias para a Interpretação Bíblica	19
4. Sintética História da Hermenêutica na Igreja Cristã	21
5. Síntese Histórica e Doutrinária das Testemunhas de Jeová	27
6. Como Trabalhar com as Testemunhas de Jeová	34
7. A Divindade ou Deidade de Jesus	41
8. Como Harmonizar o Monoteísmo com a Trindade	53
9. Nomes para Deus	67
10. Cristo – O Primogênito da Criação de Deus	87
11. Cristo – O Princípio da Criação de Deus	93
12. Cristo – O Príncipe	98
13. Cristo – O Unigênito Filho de Deus	101
14. Qual o Significado de "Tu És Meu Filho, Hoje Te Gerei?" Heb. 1:5 ..	107
15. A Problemática Tradução de João 1:1	115
16. A Igualdade de Cristo com o Pai. João 5:18	124
17. Antes que Abraão Existisse, Eu sou. João 8:58	126
18. Que Significa "Pois o Pai é maior do que Eu" em S. João 14:28? . . .	130

19. A Glória de Cristo, Uma Prova da Sua Divindade. João 17:5	134
20. Tomé Confirma a Divindade de Cristo. João 20:28	138
21. Qual o Exato Sentido de Filipenses 2:6?	141
22. Uma Tradução Ampliada – Col. 1:15-17	149
23. A Segunda Vinda de Jesus – Parusia	151
24. Polêmica em Torno da Mudança de Uma Letra	161
25. Pode Ser Diferente a Tradução de Tito 2:13?	167
26. Morreu Cristo Numa Cruz ou Numa Estaca?	172
27. A Bíblia e a Palavra Religião	176
28. Que Dizem as Escrituras da "Segunda Oportunidade"?	177
29. Bibliografia	180

INTRODUÇÃO

Todos os que entram em contato com os russelitas percebem logo que procuram fundamentar suas asserções nas línguas originais da Bíblia, especialmente no grego. Serão eles bons conhecedores do original, ou simplesmente citam de outiva? Sabatini Lalli, em seu conhecido livro *O Logos Eterno*, página 17 diz com muita presteza:

"Digo falsos mestres e digo bem, porque eles alardeiam conhecimento que não possuem. Em suas discussões, freqüentemente citam palavras gregas e hebraicas e não se sentem acanhados em revelar a indisfarçável ignorância do vernáculo! O Hebraico e o Grego são idiomas difíceis, cujo aprendizado consome anos de estudos penosos. Entretanto, de repente, como por um milagre, um recém-converso à heresia russelita toma a Bíblia editada em português e passa a corrigi-la".

Dentre os movimentos religiosos existentes no mundo nenhum cita mais e valoriza tanto a língua grega, chegando seus líderes à pretensão de serem os únicos conhecedores deste idioma.

O conhecimento do grego dos seguidores de Russell deve ser mais ou menos idêntico ao que o seu líder possuía. Certa feita Russell foi acusado de não possuir conhecimento humanístico, de grego e de teologia. Ele se defendeu da acusação afirmando entre outras coisas que conhecia o grego, querendo ainda processar o Pastor J.J. Ross que o havia acusado.

Walter R. Martin, no livro *The Kingdom of the Cults*, páginas 38 e 39 nos informa sobre esta polêmica, acrescentando o interrogatório

público a que Russell se submeteu durante cinco horas perante o promotor Staunton.

Eis apenas um trecho do diálogo entre o promotor e Russell sobre seu conhecimento do grego:

Pergunta (Promotor Staunton) – Conhece o senhor o alfabeto grego?

Resposta (Russell) – Sim.

Pergunta (Staunton) – Pode o senhor me dizer os nomes destas letras que o senhor vê?

Resposta (Russell) – Algumas delas, posso cometer um erro em algumas.

Pergunta (Staunton) – Quer me dizer os nomes destas letras no alto da página, da página 447 que eu tenho aqui?

Resposta (Russell) – Bem, eu não sei se estou apto a fazê-lo.

Pergunta (Staunton) – Pode o senhor me dizer que letras são estas? Olhe bem e veja se as conhece.

Resposta (Russell) – Meu estado ... Ele foi interrompido neste ponto e não lhe permitiram explicar.

Pergunta (Staunton) – Está o senhor familiarizado com a língua grega?

Resposta (Russell) – Não.

Desconhecer o grego não é desdouro para ninguém, mas afirmar que tem conhecimento da língua e depois perante um tribunal ter de retratar-se é uma atitude indigna para um "Pastor" e líder religioso.

O estudo de algumas passagens citadas por eles nos levam à conclusão que torcem, truncam e deturpam os textos bíblicos para defenderem idéias errôneas, que jamais se encontram nas Escrituras.

Bruce M. Metzger na "Revista Teológica de Campinas", em dezembro de 1952, publicou excelente artigo com referência à variedade de erros crassos que as Testemunhas de Jeová ensinam. Esclarece-nos: "A segunda variedade de erros no ensino dos Rutherfordistas deriva-se

não do fato de menoscabarem ou excluírem uma parte do ensino bíblico, mas antes do fato de darem ênfase unilateral a certas passagens interpretadas de maneira puramente literal, sem levar em conta o contexto ou a analogia da fé. Deste modo, tomando as Escrituras e relacionando porções que não devem ser relacionadas, é possível provar muitos absurdos pela Bíblia.

Por exemplo:

Em Mat. 27:5, lemos: "Judas retirou-se e foi-se enforcar"; em Luc. 10:37 se diz: "Vai e faze da mesma maneira"; em João 13:27, está registrado: "O que fazes faze-o depressa". Para ser específico, o extravagante ensino escatológico da seita é devido, em grande parte, a combinações impróprias de certas passagens bíblicas misturadas com muitas asserções gratuitas". Citação de Sabatini Lalli, em *O Logos Eterno*, página 53.

Este mesmo autor prossegue declarando no parágrafo seguinte: "Na sempre citada *Tradução do Novo Mundo* os 'Testemunhas de Jeová' adicionam aos textos palavras e idéias apócrifas, a fim de poderem sustentar, na Bíblia e com a Bíblia, suas heresias.

Pastor Christianini, pesquisador consciente e profundo estudou-lhes os negativismos, mostrando-nos a fragilidade de suas afirmações e a sua contumácia na distorção dos textos originais. Seus líderes vão além, pois têm a ousadia de afirmar que todas as traduções da Bíblia são viciosas, com exceção do Diaglótico Enfático. Tradução feita pela primeira vez, em 1864, por Benjamim Wilson, redator da revista "A Bandeira Evangélica e o Advogado Milenal". Tradução baseada no Novo Testamento grego de Griesbach. Embora esta tradução seja considerada como de grande autoridade pelo jeovistas, os entendidos no grego bíblico, nos problemas de tradução e em Crítica Textual nem sequer a citam. Outra tradução, não viciada, segundo eles, portanto digna de crédito é a "Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas", orientada segundo tudo indica pelo Diaglótico, os entendidos na arte de

traduzir a classificam de preconcebida, tendenciosa, excêntrica, tendo como fim último, negar doutrinas fundamentais do cristianismo.

O Diaglótico Enfático e a Tradução do Novo Mundo, únicas traduções corretas para eles, não são reconhecidos pelos eruditos da Crítica Textual por atentarem contra regras fundamentais da Gramática Grega. Diante desta situação, em vez de reconhecerem a fragilidade de suas ponderações, simplesmente afirmam que isto acontece devido ao preconceito dos "religionistas".

Russell – o fundador da seita – "valendo-se da Bíblia par apoiar seus disparates mutila, a seu talante, textos e doutrinas do Sagrado Livro". A principal característica da heresia jeovista é a negação de doutrinas fundamentais ensinadas na Bíblia.

Notem a lista de suas doutrinas negativistas apresentadas no livro "*Los Testigos de Jehova – Quiénes Son y lo que Creen* de Wilton M. Nelson:

"Nego que a Bíblia seja a Regra Suficiente para a Fé e Prática; nego a Trindade; nego a Personalidade do Espírito Santo; nego a Divindade de Jesus Cristo; nego a Sua Verdadeira Encarnação; nego a Sua Obra Expiatória pelos pecados de todo o mundo; nego a Ressurreição do Seu corpo; nego a Sua Vinda visível e corpórea; nego o perigo de um Juízo depois da morte; nego o castigo eterno dos pecadores; nego que o cristão tenha deveres para com o governo civil; nego o seu direito de ser comerciante; nego o seu direito de pertencer a uma Igreja organizada". Apud, *O Logos Eterno* página 16.

A comprovação mais evidente da deletéria influência de seus ensinoss negativistas se encontra num exemplo citado no livro *Los Falsos Testigos de Jehová*, página nove, de Fernandez Suarez, que reza assim:

"Em agosto de 1953 se suicidou, na Vila de Banes, Manuel Monteiro, deixando uma carta, onde expunha que se suicidava porque as Testemunhas de Jeová lhe haviam ensinado 'que todas as religiões são obra de Satanás'. Torna-se claro, se não há uma única religião verdadeira, a quem vai acudir o homem quando se vê angustiado com os

problemas da consciência e do mundo em que vive? O ensino destrutivo das Testemunhas levaram Monteiro a esta triste declaração com que terminava sua carta: 'Morro na crença de que a religião não pode salvar-me'."

Em nossa primeira edição, em 1974, escrevíamos: Muitos outros textos gregos mencionados pelas Testemunhas de Jeová mereceriam um detido estudo de nossa parte. Talvez o façamos em outra oportunidade, porém os fundamentais são apresentados neste singelo trabalho, que esperamos possa ser de utilidade para os estudantes de Exegese Grega.

Cumprindo esta promessa, aqui está a segunda edição, refundida e ampliada em alguns capítulos e com o acréscimo de outros, tais como:

- a) Síntese Histórica e Doutrinária das Testemunhas de Jeová;
- b) Princípios e Normas de uma Interpretação Correta;
- c) A Igualdade de Cristo com o Pai;
- d) O significado da expressão "O Pai é maior do que Eu";
- e) Uma tradução ampliada.

Nota da Terceira Edição

A boa acolhida dispensada a nossa segunda edição fez com que em 1980 já estivesse esgotada. Esta circunstância levou os dirigentes do Instituto Adventista de Ensino a me pedirem a preparação da terceira edição. Ela aqui se encontra com pequenas alterações em alguns capítulos e com acréscimos em outros, que julguei oportunos para uma compreensão mais abarcante dos princípios exegéticos e das doutrinas ensinadas e defendidas com tanto denodo pelas Testemunhas de Jeová.

Pedro Apolinário

PRINCÍPIOS E NORMAS DE UMA INTERPRETAÇÃO CORRETA – HERMENÊUTICA E EXEGESE

HERMENÊUTICA

Este termo provém do verbo grego **κηρυττειν** que significa declarar, anunciar, interpretar ou esclarecer o sentido de uma palavra ou de uma frase. Estas múltiplas significações do verbo *hermeneuo* podem ser sintetizadas na frase: tornar alguma coisa compreensível.

Ela é definida como a ciência da interpretação de textos escritos, de acordo com as regras e princípios cientificamente formulados.

Há cogitações, mas não absoluta certeza de que a palavra seja derivada de Hermes, o mensageiro dos deuses a quem se atribui a origem da linguagem.

Schleirmacher explica hermenêutica como sendo, "a doutrina da arte de compreender".

Louis Berkhof no livro *Princípios de Interpretação Bíblica*, página 11, assim a define: "Hermenêutica é a ciência que nos ensina os princípios, as leis e os métodos de interpretação".

A necessidade de uma ciência da interpretação nasceu virtude das diversidades mentais e culturais das pessoas e nações.

O objetivo da interpretação é apresentar a revelação Deus, numa linguagem que seja compreensiva ao homem moderno.

Roberto M. Grant definiu a tarefa da interpretação de qualquer registro do pensamento humano como sendo a exposição que o autor

quer dizer em termos de nossas próprias formas pensamento. *A Short History of the Interpretation of the Bible*, p. 11.

A hermenêutica estabelece princípios, métodos e regras necessárias para elucidar palavras ou frases, cujo sentido não esteja bem claro. A hermenêutica teológica procura traduzir, interpretar e fazer compreensiva a mensagem da Bíblia na situação contemporânea.

POR QUE HÁ NECESSIDADE DO ESTUDO DA HERMENÊUTICA?

O estudo de Hermenêutica é muito importante para os futuros ministros do evangelho, porque:

- a) Somente o estudo inteligente da Bíblia lhes fornecerá o material de que necessitam para a construção de sua teologia.
- b) Cada sermão pregado deve repousar numa sólida fundamentação exegética. Esta é uma das maiores aspirações dos nossos dias.
- c) Instruindo os jovens da igreja, e na visitação aos lares, os ministros são freqüentemente solicitados a interpretar passagens da Escritura, Em tais ocasiões, um conhecimento razoável das leis de interpretação será de valor inestimável.
- d) Será parte de seu ministério defender a verdade contra os ataques da Alta Crítica. Mas, para poder fazer isto eficientemente, os ministros devem saber manuseá-la.
- e) A exegese se tornou necessária para evitar o erro, desde que o pecado obscureceu o entendimento do homem.

EXEGESE

Disciplina que aplica métodos e técnicas que ajudam na compreensão do texto.

Do ponto de vista etimológico hermenêutica e exegese são sinônimas, mas hoje os especialistas costumam fazer a seguinte diferença: hermenêutica é a ciência das normas que permitem descobrir e

explicar o verdadeiro sentido do texto, enquanto a exegese é a arte de aplicar essas normas.

PRINCIPIOS HERMENÊUTICOS

Retirados de várias fontes e harmonizados, aqui se encontram doze princípios que devem ser seguidos na interpretação bíblica:

1º) Denomina-se princípio da unidade escriturística. Sob a inspiração divina a Bíblia ensina apenas uma teologia. Não pode haver diferença doutrinária entre um livro e outro da Bíblia.

2º) Deixe a Bíblia interpretar a própria Bíblia. A Escritura é a sua própria intérprete. Este princípio vem da Reforma Protestante, que declarava *Sola Scriptura*, isto é, só a Bíblia. (Ver Apêndice). O sentido mais claro e mais fácil de uma passagem explica outra com sentido mais difícil e mais obscuro. Este princípio é uma dedução do anterior.

3º) Jamais esquecer a Regra Áurea da Interpretação, chamada por Orígenes de Analogia da Fé. O texto deve ser interpretado através do conjunto das Escrituras e nunca através de passagens isoladas.

4º) Sempre ter em vista o contexto. Ler o que está antes e o que vem depois para concluir aquilo que o autor tinha em mente.

5º) Primeiro procura-se o sentido literal, a menos que as evidências demonstrem que este é figurado.

6º) Ler e reler o texto, com profunda atenção. Consultar todas as traduções possíveis para melhor elucidação do problema. Muitas vezes uma destas traduções nos esclarece sobre o que o autor queria dizer.

7º) Apenas um sentido deve ser procurado em cada texto.

8º) O trabalho de interpretação é científico, por isso deve ser feito com isenção de ânimo e desprendido de qualquer preconceito.

9º) Fazer algumas perguntas relacionadas com a para chegar a conclusões circunstanciais da passagem Por exemplo:

a) Quem escreveu?

b) Qual o tempo e o lugar em que escreveu?

- c) Por que escreveu?
- d) A quem se dirigia o escrito?
- e) O que o autor queria dizer?

10º) Feita a exegese, se o resultado obtido contrariar os princípios fundamentais da Bíblia, ele deve ser colocado de lado e o trabalho exegético recommençado novamente.

11º) Para uma boa compreensão de determinada passagem deve-se consultar sempre as passagens paralelas. Isto é comparar, valendo-se das referências no rodapé ou na margem, com outras passagens que tratam do mesmo assunto.

12º) Na interpretação deve-se atender mais ao psicológico do que as palavras gramaticais.

Um ponto fundamental ao fazer a interpretação da Bíblia, é levar em consideração o princípio de que estes escritos são divinamente inspirados. Qualquer interpretação que ignore esta fundamental verdade divina não nos levará a compreender a Bíblia como a segura Palavra de Deus.

Lembremo-nos sempre da frase de Lutero: "As Escrituras são fáceis, claras e se interpretam a si mesmas."

O objetivo da interpretação é apresentar a revelação de Deus numa linguagem que seja compreensiva ao homem moderno.

As idéias seguintes nos ajudarão a compreender melhor o valor da correta interpretação:

a) Jesus foi o maior intérprete. Recebeu o título de Mestre por causa da sua interpretação e aplicação dos Escritos do Velho Testamento.

b) O erro primordial do povo judeu esteve na interpretação errada da figura do Messias que esperavam.

c) A diferença fundamental entre os apóstolos e os fariseus esteve na interpretação das Escrituras.

d) Muitos conceitos bíblicos são estranhos aos membros comuns de nossa igreja. É preciso que alguém lhes explique para que possam entender.

e) Princípios errados de interpretação têm sido usados para apoiar atividades e atitudes condenadas pela Bíblia.

Sirvam de exemplo:

1º) Usar a Bíblia em defesa da poligamia porque os patriarcas a praticaram.

2º) Defender a escravidão porque ela foi praticada nos tempos bíblicos.

3º) A defesa da superioridade de uma raça sobre a outra, justificada pela nação israelita.

QUALIDADES DO INTÉRPRETE

De acordo com M. S. Terry em seu livro *Hermenêutica Bíblica*, páginas 9 a 12 são estas as qualidades do intérprete:

a) Em primeiro lugar, o intérprete das Escrituras deve possuir uma mente sã e bem equilibrada; esta condição é indispensável, pois a dificuldade de compreensão, o raciocínio defeituoso e a imaginação extravagante são coisas que pervertem o raciocínio e conduzem a idéias vãs e néscias.

b) O exegeta deve ser capaz de perceber rapidamente o que uma passagem não ensina, bem como captar sua verdadeira tendência.

c) Deve possuir uma intuição da natureza e da vida humana que lhe permita colocar-se no lugar dos escritores bíblicos para ver e sentir como eles.

d) Antes de expor suas conclusões, precisa pesar todos os prós e contras de sua interpretação para ver se elas são sustentáveis e conseqüentes.

e) Ele precisa não apenas entender as Escrituras, mas também ser apto para ensinar (II Tim. 2:24) aos outros de forma vívida e clara o que ele entendeu. Para isto deve possuir linguagem correta, clara e simples.

f) Firme disposição para buscar e conhecer a verdade. Um vez alcançada deve ser aceita na própria vida.

g) Sua mente necessita ser disciplinada e controlada por verdadeira reverência, desde que a Bíblia nos ensina em Prov. 1:7, que o temor do Senhor é o principio da sabedoria.

h) Como qualidade final o autor nos apresenta a seguinte: O expositor da Bíblia necessita gozar de uma comunhão viva com o Espírito Santo. Por meio de uma profunda experiência da alma deve alcançar o conhecimento salvador que há em Cristo; e em proporção à profundidade e plenitude de tal experiência, conhecerá a vida e a paz, como declara Paulo em Romanos 8:6. Deve fazer sua a oração de Paulo, em Efésios 1:17-18.

APÊNDICE

O PRINCÍPIO DE "SÓ A BÍBLIA" E ELLEN G. WHITE

A ênfase que damos ao princípio de "só a Bíblia" requer alguns esclarecimentos com respeito ao lugar e propósito dos escritos de E. G. White. Entre os adventistas do sétimo dia aceita-se geralmente o fato do Espírito Santo ter inspirado os escritos de E.G. White da mesma maneira que inspirou os profetas bíblicos. Contudo, os escritos inspirados da mensageira de Deus para a Igreja Adventista não substituem a Bíblia,¹ nem são qualquer acréscimo ao cânon da Escritura. A própria E.G. White sustenta que a Bíblia é "a prova de toda a inspiração"² e "a pedra de toque da experiência religiosa".³ Com respeito à relação que existe entre os seus escritos e a suprema autoridade da Bíblia, E. G. White afirmou explicitamente o seguinte:

"Pouca atenção se deu à Bíblia, e o Senhor deu uma luz menor para conduzir os homens e mulheres a uma luz maior."⁴ "Sendo que seus escritos são tão inspirados como os da Escritura, são eles, como esta, também uma luz, mas não um acréscimo à Escritura, nem estão acima dela e nem são iguais a ela. O propósito dos testemunhos inspirados de E.G. White é, pois, dirigir o povo para a luz maior da Escritura e impressionar as mentes humanas com a importância."⁵

Considerando a inspiração dos escritos de E. G. White, os adventistas do sétimo dia afirmam corretamente que eles têm uma autoridade superior a de outros escritos, excetuando unicamente a Escritura. Contudo, isto não significa que seus escritos tenham primazia sobre a Bíblia. Seus escritos têm um papel subordinado ao da Escritura e visam dar uma compreensão mais clara dela,⁶ exaltá-la,⁷ atrair as mentes para ela,⁸ chamar a atenção para verdades negligenciadas,⁹ fixar verdades inspiradas já reveladas,¹⁰ despertar e impressionar as mentes,¹¹ trazer o povo de volta à Bíblia,¹² chamar atenção para os princípios bíblicos,¹³ e aplicá-los à vida prática.¹⁴

Não surpreende, pois, que os escritos de E.G. White tenham um lugar especialmente honrado junto aos adventistas do sétimo dia porque representam um comentário inspirado sobre a Escritura e explicam sua aplicação à vida. Contudo, E.G. White insiste no fato de que eles "não foram dados para substituir a Bíblia", nem constituem "um acrescentamento à Palavra de Deus".¹⁵ Em virtude deste lugar ocupado por E. G. White entre os adventistas do sétimo dia, seus escritos inspirados são uma fonte constante de informação e orientação na interpretação da Bíblia. O exegeta cuidadoso consultará constantemente seus comentários inspirados sobre a Escritura.

Estes comentários foram feitos pelo professor Gerhard F. Hasel do Seminário Teológico da Andrews.

1. G. C. p. 10

2. G. C. p. 190

-
- | | |
|--|-----------------------------------|
| 3. G. C. p. 9 | 10. 2 T.S. p. 281 |
| 4. R. H. (20 de janeiro de 1903) p. 15 | 11. Ibidem |
| 5. 2 T. S. p. 281 | 12. 2 T.S. p. 455; 2 T. S. p. 279 |
| 6. 2 T. S. p. 279 | 13. 2 T.S. p. 687; 2 T. S. p. 279 |
| 7. 2 T. S. p. 281 | 14. 2 T. S. p. 688 |
| 8. 4 T. P. p. 246 | 15. 2 T. S. p. 279 |
| 9. 2 T. S. 279 | |

PENSAMENTOS DE ELLEN G. WHITE RELACIONADOS COM A INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA

"Não existe justificativa para alguém assumir a posição de que não há mais verdades a serem reveladas, e que todas as nossas exposições das Escrituras não contêm qualquer erro. O fato de que certas doutrinas têm sido aceitas como verdadeiras, durante muitos anos por nosso povo, não constitui uma prova de que nossas idéias são infalíveis. O tempo não transformará o erro em verdade, e a verdade pode permitir-se ser bela. Nenhuma doutrina verdadeira perderá algo por rigorosa investigação".

Conselhos aos Escritores e Editores, p. 35.

"É investigando rigorosamente cada jota ou til que pensamos ser verdade estabelecida, comparando uma passagem com outra, que poderemos descobrir erros em nossas interpretações das Escrituras. Cristo deseja que o pesquisador de Sua Palavra lance a pá mais profundamente nas minas da verdade. Se a pesquisa é realizada de modo apropriado, serão encontradas jóias de inestimável valor".

Review and Herald, 12 de Julho de 1898.

"A Bíblia interpreta a si mesma. Um texto deve ser comparado com outro. O estudante deve aprender a encarar a Palavra como um todo, e ver a relação de suas partes. ... Devemos dar atenção ao Antigo Testamento, não menos que ao Novo. ... O Antigo Testamento derrama luz sobre o Novo, e o Novo sobre o Antigo."

Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes, página 462.

"Quando a pesquisa é conduzida de modo apropriado, envida-se todo o esforço para conservar pura a compreensão e o coração. Se a mente se mantiver aberta e esquadrihar constantemente o campo da revelação, encontraremos ricos depósitos de verdade. Velhas verdades serão reveladas sob novos aspectos, e aparecerão verdades que foram omitidas na investigação".

Manuscrito 75, 1897, citado no *Ministry* de Junho de 1953.

"Como o clarão de um relâmpago, novas significações cintilarão de textos familiares da Escritura; vereis a relação de outras verdades com a obra da redenção, e sabereis que Cristo vos está guiando; que tendes ao lado um Mestre divino".

O Maior Discurso de Cristo, p. 20.

INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

Por J. Arthur Buckwalter

"A integridade ministerial no uso de textos bíblicos é grandemente fortalecida pelo conhecimento de seu sentido original. Saber o que o texto realmente significava para o escritor e o que ele tencionava que significasse para seus primeiros leitores, é o segredo da exegese bíblica correta. A compreensão da Bíblia exige a compreensão do significado do texto em sua forma original. No preparo dos sermões, o uso do texto não é determinado pela pergunta: 'Como posso usar este passo da Escritura para ajudar o meu povo?', por mais importante que essa pergunta possa

ser, mas antes: 'Que ensina ele realmente?' Quando o pregador se tiver satisfeito sobre esse ponto, poderá então de maneira exata e eficaz descobrir que uso do texto será de primordial importância para os membros de sua congregação.

Deve o pregador acautelar-se para que seus próprios conceitos não tenham prioridade sobre as palavras das Escrituras. Nenhum pregador sincero porá em dúvida as óbvias vantagens de começar a usar um texto com uma compreensão tão clara quanto possível, de seu significado original. Isto, certamente, exige estudo diligente e com oração da parte do pregador. Requer grande familiaridade com os livros da Bíblia. Além disso sua compreensão é aumentada pela informação cultural e histórica relativa aos tempos e condições sob que a mensagem originalmente foi dada.

Precisamos de mais pregadores que preguem a significação bíblica e histórica dos textos. Toda a fantasiosa alegorização e separação do significado básico dos textos deve ser evitada. Estamos certamente cientes de que quando soubermos o que certo texto disse à sua geração, saberemos qual seja sua principal mensagem para a nossa geração. É verdade que a passagem do tempo e o cumprimento de profecias aumentaram grandemente a compreensão das mensagens originais de passos proféticos das Escrituras. Sua verdade essencial, contudo, é sua significação original.

Muitos textos, certamente, têm uma rica variedade de implícitas significações, mas é muito necessário ser muito cuidadoso para não tirar do texto o que seu autor nunca tencionou dizer. Quando alguém começa com uma compreensão tão clara quanto possível do significado original do texto, tem um leme para guiá-lo em seu uso presente e não se desviará para longe. Não há afastamento do texto quando se encontra um novo significado que esteja de acordo com o significado original; nem quando os acontecimentos atuais ou novas revelações lançam luz adicional sobre a importância de seu significado em nossos dias. O homem que tenha sido ordenado para pregar a Palavra de Deus, sempre procurará, com

toda a integridade, transmitir a sua congregação a significação que Deus tencionava dar.

FERRAMENTAS NECESSÁRIAS PARA A INTERPRETAÇÃO BÍBLICA

Sakae Kubo e Leona Running, professores de Línguas Bíblicas em nossa Universidade na Andrews nos sugerem as seguintes ferramentas:

1º) Usar a Bíblia que contiver o texto mais fidedigno na língua original.

Para o Velho Testamento deve ser a terceira edição de R. Kittel – Bíblia Hebraica, 1937. Para o Novo Testamento a 25ª. Edição do Novo Testamento Grego de Nestle - Aland – 1963; é o melhor por causa do seu completo Aparato Crítico. *The Greek New Testament*, editado por Aland, Black, Metzger e Vikgren tem melhor tipo e texto, mas seu aparato não é tão completo.

Os que não podem ler a Bíblia no original deviam usar uma tradução fiel.

Escolhido o texto é necessário saber exatamente o que ele diz. Para isto são necessárias duas espécies de ferramentas:

a) Dicionários.

Para o Velho Testamento o melhor em inglês é: *Um Conciso Léxico Hebraico e Aramaico do Velho Testamento* de William Holaday (Grand Rapids: Eerdmans, 1971). Para o Novo Testamento o melhor é: *Léxico*

Grego - Inglês do Novo Testamento de Walter Bauer (Universidade de Chicago, 1957), traduzido e adaptado para o inglês por Arndt and Gingrich.

Em português não há nem um dicionário para o grego bíblico. Para o grego clássico o melhor que temos é: *Dicionário Grego-Português e Português-Grego* de Isidro Pereira, Edição do Porto, Portugal.

b) Gramáticas

A melhor do hebraico é a de Gesenius.

Para o Novo Testamento as melhores gramáticas são as de Blass, Moulton e Robertson.

Depois de determinado o que o texto registra, é preciso ir além e investigar mais precisamente a significação teológica de certas palavras. A melhor fonte para este estudo no grego é o *Dicionário Teológico do Novo Testamento*, editado por Kittel e Friedrich. São dez alentados volumes de mais ou menos mil páginas cada um, obra traduzida do alemão para o inglês.

Para o Velho Testamento não existe trabalho idêntico. Em português continuamos numa pobreza mais do que franciscana neste aspecto.

O próximo passo é uma pesquisa conscienciosa do contexto para que não haja afirmações que se oponham ao que o autor queria dizer ou distorções daquilo que ele disse.

Após esta pesquisa é necessário considerar cuidadosamente a teologia, o estilo, o propósito e o objetivo do autor. Para este mister as obras mais necessárias são: concordâncias, introduções e livros teológicos. Em inglês há duas excelentes concordâncias: a de Young e a de Strong. Em português temos a *Concordância Bíblica*, publicação da Sociedade Bíblica do Brasil, 1975. Dá-nos a impressão de uma obra de mérito e respeitável sob todos os aspectos. A *Introdução do Velho Testamento* de R. K. Harrison é a mais conservadora.

Muito úteis para nosso propósito são os estudos teológicos que tratam com o livro específico do qual estamos fazendo a exegese. Infelizmente há poucas obras teológicas conservadoras.

O próximo passo em exegese é a familiarização com o "background" bíblico, ou seja o conhecimento geográfico, histórico, os hábitos e práticas podem iluminar nossa compreensão sobre o texto. Para tal propósito são necessários atlas, livros arqueológicos, histórias e dicionários bíblicos. Dicionários da Bíblia são muito úteis para rápidas informações sobre um assunto, identificação de nomes de pessoas, lugares ou coisas. O melhor dicionário da Bíblia é: *The Interpreter's Dictionary of the Bible*, em quatro volumes.

Recomendam ainda os dois professores o Comentário Adventista, *The Interpreter's Bible*, *The Anchor Bible*, etc., etc.

SINTÉTICA HISTÓRIA DA HERMENÊUTICA NA IGREJA CRISTÃ

Este estudo começou já nos primórdios do cristianismo como nos comprovam os documentos existentes.

Para facilidade didática, estudiosos da hermenêutica costumam dividir este estudo em cinco fases, como o faz Louis Berkohof no livro: *Princípios de Interpretação Bíblica*.

I – Fase Patrística

Os principais representantes deste período foram: Clemente de Alexandria e seu mais notável discípulo, Orígenes. Ambos defendiam o sentido literal da Bíblia, mas criam que uma interpretação alegórica era muito útil para um conhecimento real.

A escola destes dois vultos preeminentes teve como sede Alexandria, por isso sofreu a decisiva influência da filosofia grega e do gnosticismo.

Outra figura que não pode ser olvidada pela pujança do seu talento exegético, mas sobretudo pelos seus dotes de orador foi João Crisóstomo (boca de ouro). Crisóstomo, que pertenceu à Escola de Antioquia,

sustentou denodadamente que a Bíblia é a infalível Palavra de Deus. Defendeu uma exegese científica, para isto pesquisando bem o sentido original do vocábulo. Rejeitou terminantemente o processo alegórico de interpretação, fixando-se no sentido literal da Bíblia.

Merecem uma rápida menção no período patrístico: Hilário, Ambrósio, Jerônimo e Agostinho. A característica fundamental da exegese dos quatro nomes citados, se encontra no acréscimo de um elemento novo, não considerado nas escolas de Alexandria e da Síria, isto é, a autoridade da tradição e da Igreja na interpretação da Bíblia.

Nenhum dos quatro foi grande exegeta no sentido completo do termo. Jerônimo, sua maior fama lhe vem da tradução da Vulgata, pois no campo da exegese, limitou-se a notas lingüísticas, históricas e arqueológicas. Agostinho, conhecido na teologia católica como o sistematizador de verdades bíblicas, apresentou boas regras hermenêuticas na obra *De Doctrina Christiana*, mas não soube comprová-las na prática. Quando o sentido bíblico era dúbio ele se valeu da autoridade da Igreja na conhecida expressão – regula fidei. Sua influência se projeta na exegese da Idade Média.

II – Período da Idade Média

A frase que melhor caracterizaria a exegese deste tempo seria esta: A profunda ignorância da Bíblia fez com que a hermenêutica estivesse de mãos e pés amarrados pela tradição e autoridade da Igreja dominante. Os dois nomes mais significativos seriam os de Pedro Lombardo com os seus livros das Sentenças e Tomás de Aquino com nove comentários bíblicos aos quatro livros das sentenças de Pedro Lombardo e a sua obra mais destacada – *A Súmula Teológica*.

III – Período da Reforma

Primeira característica. Os intérpretes da Bíblia tinham necessidade de estudá-la nas línguas originais. Contribuíram para este incentivo os dois grandes humanistas – Reuchlin e Erasmo.

Característica fundamental. A mais alta autoridade na interpretação da Bíblia é a própria Bíblia. Opuseram-se tenazmente à infalibilidade da Igreja, defendendo a infalibilidade da Palavra. Seu roteiro foi este: Não é a Igreja que determina o que as Escrituras ensinam, mas as Escrituras que determinam o que a Igreja deve ensinar.

A exegese da reforma está baseada nestas duas premissas:

1ª.) A Escritura é a intérprete da própria Escritura.

2ª.) Toda a compreensão bíblica deve estar de acordo com a analogia da fé.

Pela ordem decrescente de valor, como exegetas, destacam-se:

a) **Calvino** – o maior exegeta da reforma. Condenou o método alegórico como uma arma de Satanás.

De suas múltiplas idéias na explicação bíblica avultam.

1ª) os profetas deviam ser interpretados à luz das circunstâncias históricas.

2ª) O primeiro dever de um intérprete é permitir que o autor diga o que realmente diz, ao invés de lhe atribuir o que pensamos que devia dizer.

b) **Melanchton**. Sua notável cultura e profundo conhecimento do grego e do hebraico capacitaram-no a tornar-se um exímio intérprete.

Seus trabalhos exegéticos foram pautados pelos princípios de que as Escrituras devem ser entendidas gramaticalmente antes de o serem teologicamente e ainda que há nas Escrituras apenas um simples e determinado sentido.

c) **Lutero**. Suas regras hermenêuticas foram bem melhores do que sua comprovação na prática.

Seus fundamentais conceitos são conhecidos os seguintes:

1º) Cristo é encontrado em toda a parte na Bíblia.

2º) O intérprete deve possuir intuição espiritual e fé.

3º) Enfatizou a necessidade de se considerar o contexto e as circunstâncias históricas.

Os intérpretes católicos quase nada fizeram no campo da explicação bíblica, no período da Reforma, porque se opunham tenazmente ao direito do juízo individual e por defenderem, ardorosamente, que a Bíblia devia ser interpretada de acordo com a tradição.

IV – O Período do Confessionalismo

Foi assim denominado por se deixarem escravizar pelos Confessionais da Igreja. Surgiram acérrimas controvérsias entre os grupos emersos da Reforma, todos apelando para as Escrituras na busca de textos – provas para confirmação de suas idéias.

A exegese envereda por um caminho perigoso porque os estudiosos valorizaram muito suas próprias idéias em vez de se deixarem guiar pela simplicidade dos ensinamentos divinos.

Merecem ligeira menção os seguintes movimentos:

1º) Os Socinianos

Suas crenças hermenêuticas poderiam ser apresentadas nesta síntese:

A Bíblia deve ser interpretada racionalmente, isto é, em harmonia com a razão. Diante desta afirmativa é fácil concluir que doutrinas fundamentais do Cristianismo, como a Trindade e as duas naturezas de Cristo foram abandonadas.

2º) As idéias defendidas por Coccejus

Coccejus foi um notável teólogo holandês que se opôs duramente ao uso da Bíblia como textos – provas para defesa de opiniões pessoais. Conclamou os intérpretes a usarem a Bíblia como um todo harmonioso e também a explicarem cada passagem à luz do seu contexto.

3º) **Os pietistas.** Como o próprio nome indica estes foram os defensores uma vida verdadeiramente piedosa.

Opuseram-se ao estudo teórico das Escrituras, que não traz nenhum benefício, defendendo o estudo porismático (aquele que é útil para

repreensão) e o prático (com muita oração e tristeza pela nossa condição desvalida perante Deus).

Introduziram um elemento novo, chamado de interpretação psicológica, segundo o qual o intérprete deveria estar em harmonia com o autor bíblico para compreendê-lo melhor.

V – O Período Histórico-Crítico

Não há necessidade de nos demorarmos nesta fase quando sabemos que ela se caracterizou por defender princípios interpretativos não aceitos pelos estudiosos conservadores.

Basta citar estas afirmações capitaneadas por seus mais notáveis poderes.

1º) A negação da infalibilidade das Escrituras.

2º) Discordavam da inspiração divina, crendo que os escritores bíblicos foram inspirados somente no sentido de terem capacitação natural, como a tiveram Homero e Camões na elaboração de suas obras,

3º) A interpretação bíblica deve ser feita como a de qualquer outro livro. A conseqüência mais significativa destas opiniões foi surgimento da interpretação gramático-histórica da Bíblia.

a) A Escola Gramatical

Ernesti, o iniciador da Escola, apresentou em notável trabalho os princípios que deveriam nortear os intérpretes da Bíblia.

O fato mais destacado seria a valorização das palavras do texto como a verdadeira fonte de interpretação da verdade religiosa.

b) A Escola Histórica

O vulto mais preeminente desta corrente interpretativa foi Semler. Para ele os livros da Bíblia se originaram de modo histórico e historicamente devem ser interpretados.

As tendências resultantes destas escolas antagônicas foram muito trágicas para a hermenêutica e a exegese, pelo surgimento do Racionalismo na explicação dos fatos bíblicos.

A principal conseqüência foi a afirmativa de que há muitos erros no texto sagrado. Apesar destas declarações corrosivas dos críticos, não devemos dobrar os joelhos diante da falsa ciência dos que se arrogam o direito de criticar a inspirada palavra de Deus.

Muito poderia ser dito sobre os resultados em nossos dias desta exegese. Um destes é o caráter mitológico do Novo Testamento defendido com todo o ardor pelo teólogo Bultmann.

Creemos ser melhor não prosseguir com os aspectos negativos na explicação da Palavra de Deus. Quero apenas concluir com as declarações de Paul M. Schelp, encontradas no prefácio do livro *Dificuldades Bíblicas* de M. Arndt:

"Na Bíblia não consta qualquer erro, qualquer contradição. Afirmamos isso, porque toda a Escritura foi inspirada por Deus (II Tim. 3:16). O Espírito Santo falou por intermédio dos santos escritores (Mat. 4:14; At. 4:25 e outros). A Escritura não pode falhar numa única palavra (João 10:35), nem no singular nem no plural dum substantivo (Gál. 3:16).

"Contradições aparentes podem ser resolvidas por exegese sadia, e sendo, ao nosso ver, impossível a harmonização de certas passagens, o crente terá paciência e esperará tranqüilamente a sua transferência para as mansões celestiais, onde tudo lhe será claríssimo como a luz meridiana".

NOTA: A fonte mais significativa para a elaboração deste ponto foi *Princípios de Interpretação Bíblica* de Louis Berkhof, editado pela Casa Publicadora Batista.

SÍNTESE HISTÓRICA E DOUTRINÁRIA DAS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ

A seita muito conhecida, mas também muito controversa, denominada "Testemunhas de Jeová", teve sua origem em 1870, quando seu fundador, Carlos Taze Russell organizou uma classe bíblica em Pittsburgh, no estado da Pensilvânia – América do Norte. Esta classe o elegeu em 1876 Pastor do grupo.

Não existem relatórios uniformes e harmoniosos concernentes a este movimento religioso, e seus adeptos desconhecem o fato, de que o grupo tenha uma história. Se perguntarmos a um Testemunha de Jeová como e quando teve origem o movimento, ele dirá que há 60 séculos. Abel foi a primeira Testemunha de Jeová, depois Enoque, Noé, Abraão, Moisés, Elias, Jeremias, João Batista.

Embora sejam muito conhecidos pelo nome Testemunhas de Jeová, diversos outros nomes já os identificaram, como: Aurora do Milênio, Russelitas, Povo Bíblico da Torre de Vigia, Estudantes Internacionais da Bíblia, Rutherfordistas. Ultimamente têm adotado um outro nome: Sociedade do Novo Mundo. Em 1931, numa reunião, no Estado de Ohio,

Rutherford propôs que a organização não usasse o nome de nenhum homem em seu título oficial, surgindo assim a denominação de "As Testemunhas de Jeová".

Este movimento religioso se difundiu de maneira bastante acentuada: em 1880 foi aberta uma sucursal na Inglaterra para a difusão de publicações. Mais ou menos em 1888, suas doutrinas eram anunciadas na Inglaterra, China, África, Índia, Turquia e Haiti. De acordo com Walter R. Martin, no livro *The Kingdom of the Cults*, página 35: "Na década de 1942 a 1952 seu número de membros dobrou na América do Norte, multiplicou-se quinze vezes na América do Sul, doze vezes nas ilhas do Atlântico, cinco vezes na Ásia, sete vezes na Europa e África e seis vezes nas ilhas do Pacífico".

As Testemunhas de Jeová eram dirigidas por uma junta formada do Presidente – Russell, de um vice-presidente, um secretário-tesoureiro e mais três pessoas.

Em 1908 a sede do movimento foi transferida para o Brooklyn, Nova Iorque, com personalidade jurídica, sob o nome de Associação do Púlpito do Povo. A junta, no entanto, era apenas uma estrutura formal e legal, pois Russell tinha todo o controle e autoridade. Russell continuou ensinando e dirigindo a igreja que estabelecera, até o dia de sua morte em 31 de outubro de 1916.

Problemas surgiram ao ser substituído na presidência da junta por Rutherford, pois vários elementos de proa, por discordarem do nome escolhido se afastaram do movimento.

Após a liderança de Rutherford por 26 anos (faleceu em 1942), torna-se seu diretor Knorr.

Arnaldo B. Christianini, com sucintas palavras, em *Radiografia do Jeovismo*, página 104, segunda Edição Refundida e Ampliada, caracterizou bem a liderança de cada uma destas três personalidades:

"Russell possuía imaginação fertilíssima, e elaborou muitos esquemas proféticos que culminavam em datas definidas para certos eventos bíblico-históricos. Alguns foram retificados, e outros

abandonados totalmente. Rutherford era menos imaginoso, porém mais culto e sagaz, timbrava em modernizar as teorias russelitas. Knorr pouca coisa acrescentou às bases doutrinárias da seita, e seu empenho é mais no sentido de arranjar bases científicas ou fundamento nas línguas bíblicas originais para o jeovismo."

QUAIS OS PONTOS FUNDAMENTAIS DE SUA CRENÇA?

A mais sistemática exposição de suas doutrinas é encontrada na série de sete volumes *Estudos nas Escrituras*. Os exemplares dessa obra eram vendidos por pouco dinheiro e oferecidos gratuitamente a quem não os pudesse comprar.

A frase que melhor pode sintetizar suas convicções religiosas seria esta: caracterizam-se por negarem as doutrinas fundamentais ensinadas na Bíblia.

Desprezando os princípios mais rudimentares da hermenêutica e da exegese, explicam, a seu modo, passagens bíblicas, adulterando os ensinamentos de Cristo.

Orgulham-se de poderem declarar que têm conseguido, com êxito, a resposta definitiva para todos os problemas religiosos importantes.

Russell com sua imaginação fértil e poderosa, mas transtornada por idéias heréticas arquitetou novas doutrinas e para comprová-las compulsava as páginas bíblicas, procurando passagens, que fora do contexto se adaptassem as suas idéias. Com este método destruiu a fé naquelas doutrinas, que foram entregues aos santos, substituindo-as por novas doutrinas não embasadas pelas Escrituras.

Seus ensinamentos são evidentes distorções dos claros ensinamentos da Palavra de Deus. Seus líderes ao fazerem suas declarações doutrinárias, ignoraram a séria advertência do apóstolo Paulo, em Gálatas 1:8-9 contra o pregar algum outro evangelho.

A afirmação que se segue vem provar de maneira inelutável a pretensão de seus líderes e sua atitude para com a Bíblia. Em artigo

apresentado na revista de sua denominação – *O Atalaia*, de 15 setembro de 1910, Russell faz a seguinte declaração:

"Os seis tomos dos Estudos nas Escrituras, constituem praticamente a Bíblia mesma. Não se pode ver o plano divino, estudando a Bíblia por si só. Encontramos que se alguém põe de lado os *Estudos*, mesmo depois de familiarizar-se com eles ... e se dirige unicamente à Bíblia, dentro de dois anos ele se volta às trevas. Ao contrário, se lê os *Estudos nas Escrituras* com suas citações e não tem lido nem uma página da Bíblia, no final de dois anos ele estará na luz".

Desta afirmação, bastante trágica e ousada, se conclui que Russell não crê no valor da leitura da Bíblia sem a lente russelita, ou para entendê-la a pessoa precisa ser iluminada pelos *Estudos nas Escrituras*. Se assim fosse estas passagens bíblicas perderiam toda a sua significação: Salmo 119:130; S. João 5:39; II Timóteo 3:15-17. É uma ousada pretensão alguém, que afirma crer na Bíblia, declarar que é melhor negligenciar as Escrituras do que os seus próprios escritos. Se Russell tivesse lido atentamente as palavras de Paulo em Col. 2:18 e I Tim. 6:3-5 jamais teria feito estas afirmações.

Sempre se interessaram por temas escatológicos. São useiros e vezeiros em marcarem datas para a segunda vinda de Cristo. Seus livros falam em 1874, 1878, 1914, 1925 e 1975. O juiz Rutherford escreveu no livro *Milhões dos que Agora Vivem Jamais Morrerão*, página 89: "Podemos confiantemente esperar que 1925, marcará o retorno de Abraão, Isaque e Jacó e outros fiéis do passado". Com esta crença Rutherford construiu uma casa em San Diego, na Califórnia, para hospedar estes príncipes quando ressuscitados. A casa recebeu o nome de "Beth-Sarim", que significa "Casa dos Príncipes" em hebraico. Os príncipes até hoje, ainda não retornaram.

Sendo que nada de anormal houve nestas datas preestabelecidas, eles se justificam com a seguinte evasiva: Cristo já veio de maneira invisível, iniciando seu Reino Teocrático. Por pertencerem ao Reino

Teocrático não podem pertencer ao reino deste mundo, por isso são contra os governos estabelecidos, que na sua opinião são sempre maus.

Chamam as leis e os governos terrestres de organizações do demônio. Dizendo-se embaixadores e súditos de Jeová não podem ser súditos de governos terrestres. Recusam-se a prestar homenagem à bandeira. Negam-se a defender a Pátria, mesmo que ela seja atacada por inimigos externos.

Esta idéia é antibíblica desde que Paulo em Rom. 13:1-7 nos ensina que os governos terrestres são estabelecidos por Deus em nosso benefício. O próprio Cristo sentenciou: "Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus." Mat. 22:21.

São unitaristas – não crêem que Jesus Cristo seja Deus. Suas idéias sobre Cristo são sempre inconseqüentes. Atanásio em seus escritos fazia uma pergunta aos seguidores de Ário e esta mesma pode ser feita aos russelitas, como modernos defensores da heresia ariana. Os arianos em vez de perguntarem por que Cristo, que é Deus, se fez homem; perguntam: Porque sendo ele homem se fez Deus? Negam a encarnação de Cristo.

Notem bem estas duas afirmações heréticas:

"Do ponto de vista das Escrituras, a doutrina da encarnação de Jesus é errônea". – *A Harpa de Deus*, pág. 101. De modo idêntico negam a obra expiatória de Cristo. "Uma vida irrepreensível poderia redimir somente outra vida contaminada, porém, nada mais". – Russell, *Estudos nas Escrituras*, série I, pág. 133.

Para eles a salvação não depende do caráter, da conduta moral, mas da aceitação da verdade.

Não crêem na ressurreição corporal de Cristo, mas sim que ele ressuscitou como um espírito. Defendem esta crença citando passagens da Bíblia como I Pedro 3:18; João 20:14-16.

Quando citamos Lucas 24: 36-43 eles dizem que Jesus fez um milagre "materializando-se". Outra passagem que os contradiz é João 20:27.

São irreconciliáveis inimigos da doutrina da Trindade.

Interpretando mal certas passagens bíblicas, como Gên. 9:4; Lev. 3:17; 7:27; 17:10, 11, 14; 19:26; Atos 15:20, 29; 21:25, que aconselham a não comer a carne com o seu sangue, ensinam os seus seguidores a não permitirem a transfusão de sangue.

No artigo: "A Santidade do Sangue", publicado na revista "A Torre de Vigia" (em inglês), no dia 10 de julho de 1945, Knorr ensinou que a transfusão de sangue era uma violação do Concerto de Jeová. Problemas sérios se têm levantado com as autoridades médicas e civis por esta atitude fanática e antibíblica. A Bíblia nada diz sobre transfusão de sangue, processo não praticado naquele tempo.

Negam a criação do mundo em seis dias, defendendo a tese de que o nosso mundo foi criado em 42.000 anos, ou seja em seis dias de 7 mil anos cada um. Suas explicações sibilinas para esta conclusão se encontram no livro *Seja Deus Verdadeiro*, páginas 174 e 175.

Afirmam a seguir: se Deus precisou de tantas "gerações" para criar esta terra; não há necessidade de guardar nenhum dia até o milênio.

No início do movimento observavam três cerimônias "importantes", a saber: o batismo, a ceia do Senhor e o domingo (A Torre de Vigia, março de 1896). Posteriormente negligenciaram o domingo, considerando-o como qualquer outro dia de trabalho. Batizam por imersão, durante as convenções, porém, permitem a aspensão para as pessoas muito idosas ou inválidas.

Sempre tiveram ódio às escolas dominicais, tachando-as "uma coisa do passado" e "ferramenta do diabo".

Condenam todas as religiões como inimigas de Deus, chamando-as de organizações de Satanás.

Não cantam em suas reuniões, exceção feita em uma convenção internacional.

A princípio eram intransigentes quanto à temperança – condenando o fumo e as bebidas alcoólicas – mas hoje afirmam alguns, deixaram de ser tão estritos.

Quanto ao regime alimentar Russell propôs que os crentes não se preocupassem com estes assuntos. Em 1939 Rutherford afirmou que todos os alimentos são "limpos religiosamente" e acrescentou: "Não vejo razão alguma para alguém afirmar que o presunto e o toucinho sejam imundos".

Outra característica *sui-generis* da seita é o desprezo pela educação de seus jovens. Russell em *Estudos nas Escrituras*, série 4, página 450 declarou: "Se cada homem fosse um graduando de algum colégio, as condições seriam muito piores do que são atualmente. A educação não é para as massas".

Sustentam que o Armagedom bíblico é a batalha que dentro em breve será ganha pelas Testemunhas de Jeová, ajudadas por Deus contra as religiões organizadas, os poderes políticos e comerciais.

Diante de suas atitudes e doutrinas esdrúxulas alguém afirmou: este povo maldiz de tudo e de todos e por todos é maldito. Como cristãos devemos tratá-los com amor e pedir a Deus que se apiade dos que forem sinceros.

As Testemunhas de Jeová, geralmente, em sua interpretação da Bíblia não fazem exegese (explicação correta), mas eisegesis (extrair um sentido não explícito) dos textos.

Nada melhor para concluir este capítulo do que as palavras de Walter R. Martin: "As Testemunhas de Jeová abandonaram praticamente cada doutrina cardinal da Bíblia para seguir os desvios doutrinários de Charles Russell e J. F. Rutherford. As Escrituras Sagradas nos mostram que o Russelismo é uma armadilha da qual somente Jesus Cristo nos pode livrar." – *The Kingdom of the Cults*, página 46.

Dos escritos de Walter R. Martin e do Artigo "As Testemunhas de Jeová" de Maria Lebedoff, publicado em "O Pregador Adventista", Julho-Agosto de 1948, colhemos os principais subsídios para a elaboração deste capítulo.

COMO TRABALHAR COM AS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ

Por E. B. Price
Pastor da Divisão Australasiana

Faz exatamente seis anos que tive a alegria de ver a primeira família de Testemunhas de Jeová, com quem trabalhei, deixar aquela seita e aceitar a mensagem do Advento. Embora esta família tivesse estado ligada às Testemunhas por mais de dezoito anos e ainda tenha parentes naquela organização, é hoje uma família de leais adventistas do sétimo dia, e trabalham ativamente na difusão da mensagem para este tempo.

A partir dessa ocasião, tenho visto muitas outras excelentes famílias, quer membros daquele movimento ou prestes a o serem, deixarem os ensinamentos das Testemunhas e se unirem a nós.

Muitos, sinceros pesquisadores da verdade, ao lhes serem apresentadas com simplicidade e clareza as verdades bíblicas que nós, como um povo, temos o privilégio de conhecer, alegre e prontamente aceitam nossa mensagem.

Estou convicto de que todos nós nos deveríamos interessar mais nos processos de enfrentar com eficiência os ensinamentos das Testemunhas de

Jeová, com a nossa maravilhosa mensagem, e se o fizermos veremos muitos mais aceitarem a luz do Evangelho.

Tratando com os membros desta igreja, devemos empregar bastante gráficos e auxílios visuais. Costumam eles espiritualizar muito certos ensinamentos da Bíblia, por isso torna-se necessário ajudá-los a compreender como os textos simples das Escrituras devem ser tomados literalmente.

A apresentação da segunda vinda de Cristo, o milênio, a destruição dos ímpios, a Cidade Santa e a Nova Terra, em especial, precisam ser descritos visualmente para ajudá-los a formarem a concepção mental destas verdades.

Possuo diagramas que pintei, os quais reputo da mais alta valia; contudo uma disposição em fileira e em seqüência de boas ilustrações, ampliadas de nossas publicações, apresentando, passo por passo, desde os sinais dos últimos dias até a Nova Terra, pode ser usada com os melhores resultados.

Selecione poucos textos simples e diretos sobre cada assunto de seus estudos, e faça com que a pessoa os leia da própria Bíblia, e a seguir illustre visualmente, com gráficos e chapinhas luminosas o assunto apresentado. Esforce-se por ensinar de começo a fim com a maior clareza e a maior lógica possível, e verificará que as verdades se tornam poderosas sendo aclaradas desta maneira.

Ao apresentar a distinção entre as leis moral e cerimonial e seus aspectos recorte de um papelão ou cartolina grossa um simples rolo e tábuas de pedra para ilustrar como as leis escritas por Moisés foram colocadas ao lado da arca do concerto, ao passo que os mandamentos escritos por Deus sobre pedras foram postos dentro da arca. Conceda que as pessoas manuseiem estes gráficos e ilustrações; isto tornará o assunto uma realidade para elas.

Muito se poderá dizer sobre como apresentar cada aspecto da verdade, mas neste artigo tratarei somente dos ensinamentos das Testemunhas sobre o segundo advento de Cristo e o Sábado. Pude verificar, por experiência, que os seguintes meios são eficazes.

O SEGUNDO ADVENTO EM 1914

Eis seis razões por que Cristo não podia ter vindo em 1914, como pregam as Testemunhas de Jeová:

1. Todo o olho não O viu em 1914. (Apoc. 1:7). Não pode ser isso um discernimento espiritual, pois, "todas as tribos da Terra" não têm entendimento espiritual, e contudo elas, as tribos, O verão (S. Mat. 24:30).
2. Os justos mortos não ressuscitaram em 1914 (1 Tess. 4:16).
3. Os justos vivos não foram trasladados em 1914 (1 Tess. 4:16).
4. Os ímpios não foram destruídos em 1914 (II Tes. 2:8; S. Lucas 17:23-30).
5. O Serviço da comunhão não terminou em 1914 (1 Cor. 11:26). As Testemunhas de Jeová denominam a Santa Ceia de Culto Memorial e o realizam uma vez por ano por ocasião da Páscoa.
6. Cristo não tomou posse de Seu reino em 1914, porque, isso só teria significado se Sua obra mediadora, como Sumo Sacerdote, terminara e então, a partir desse tempo, ninguém mais podia ser salvo (Heb. 7:24-26).

O SEGUNDO ADVENTO OCORREU EM 1874

O ensino segundo o qual a vinda de Cristo ocorreu em 1914 é relativamente recente, pois desde o início do movimento a Torre de Vigia ensinava que o segundo advento de Cristo ocorreu em 1874. Isto foi ensinado até 1917, embora esta data seja três anos posterior à do segundo advento segundo crêem agora.

Em 1917, a Torre de Vigia publicou uma obra póstuma de C. T. Russell, o fundador, intitulada *O Mistério Terminado*, série 7 de *Estudos nas Escrituras*, na qual à página 167 aparece a arrojada declaração: "Por ocasião do Segundo Advento, em outubro de 1874".

Um gráfico à página 60 do livro aponta o outono de 1874 como a ocasião do segundo advento do Senhor, e a primavera de 1878 como o tempo da ressurreição. Há, ao todo, nove afirmações incisivas no livro indicando estas datas.

A pergunta que nenhum crente das Testemunhas de Jeová pode responder satisfatoriamente é esta: Por que a Torre de Vigia – se ela é o que pretende ser, o canal da verdade nestes últimos dias – publicou um livro três anos depois da suposta vinda de Cristo em 1914, declarando que Ele veio em 1874?

ENGANO NA DATA DE 1914

A data de 1914 A.D. é apoiada num tempo profético conhecido como "tempos dos gentios", período de 2.520 anos baseados em Dan. 4, quando Nabucodonosor perdeu a razão por um período de "sete tempos". Este tempo profético começou – segundo eles – em 607 A. C. quando, pretendem, Zedequias, o último rei judeu, foi levado cativo pelo rei gentio Nabucodonosor. O fim dos "tempos dos gentios" ocorreu, então, em 1914 A.D, que deve ser o segundo advento de Cristo de acordo com o cálculo deles.

No entanto, ao examinarmos este ensino verificaremos não só estar escrituristicamente errado, como também historicamente.

1. Daniel 4: 25 declara limpidamente que os "sete tempos", período da insânia de Nabucodonosor, começaram quando ele foi segregado da companhia dos homens, passando a habitar com os animais do campo. Este fato não ocorreu em tempo anterior, quando ele se achava no fastígio de suas conquistas.

2. Não há ligação alguma absolutamente entre Daniel 4 e os "tempos dos gentios" – expressão primeiramente empregada na Bíblia por Jesus em S. Lucas 21:24 para descrever a destruição de Jerusalém, no ano 70 A.D. e seu futuro subsequente.

3. Quando Jesus falou dos "tempos dos gentios" falou como estando no futuro, a partir da Sua época, e não recuando-os para 600 A.C.

4. A profecia dos "sete tempos" em Daniel 4 foi toda ela cumprida em Nabucodonosor (Dan. 4:28 e 33). Não poderia ser cumprida mais de 2.500 anos depois.

5. O ponto de partida da profecia está errado em dezenove anos. Zedequias foi levado cativo no ano 586 A.C. e não em 607 A.C, como declaram os livros das Testemunhas de Jeová, incluindo o recente *Do Paraíso Perdido ao Paraíso Reconquistado*, em inglês, pág. 103. Historiadores antigos e as enciclopédias estabelecem a data de 586 A. C. Contudo, uma versão discutível da Bíblia King James que traz datas, na margem, publicada pela Torre de Vigia, estabelece a data de 588 A.C, para o capítulo 25 do Segundo Livro de Reis. O primeiro versículo deste capítulo registra o cerco final de Jerusalém, o qual demorou dois anos, de modo que isto também concorda com a data de 586 A.C. a data exata do cativeiro de Zedequias. E esta discrepância de dezenove anos conduziria à data de 1933 e não a 1914.

A maioria das Testemunhas de Jeová aceita esta fantasiosa interpretação profética sem uma cuidadosa investigação de sua veracidade, embora seja ela a base de um de seus ensinoss essenciais.

O SÁBADO DE 7.000 ANOS

Sustentam a teoria de que cada dia da Criação era um período de 7.000 anos, o que quer dizer que hoje ainda estamos vivendo no sábado de 7.000 anos datando da criação. Desse modo ensina-se que não é necessário guardar um sábado semanal de vinte e quatro horas. Assim as Testemunhas de Jeová não guardam um dia de repouso em nenhum dia da semana.

Estas nove seguintes razões são suficientes para demonstrar que esta esdrúxula teoria não pode ser sustentada pela Bíblia.

1. Gênesis 1 declara que cada dia da Criação se compunha de "tarde e manhã".

2. Se cada dia tivesse a duração de 7.000 anos, o período de escuridão seria de 3.500 anos e nele toda a vegetação teria morrido.

3. A vegetação fora criada no dia anterior à criação sol e não podia ter existido durante 7.000 anos sem a luz solar.

4. A maior parte das plantas e árvores dependem de insetos para sua polinização e fertilização; no entanto os insetos não foram criados até o sexto dia, ou – segundo a absurda contagem das Testemunhas de Jeová – 21.000 anos depois.

5. Adão foi criado no sexto dia e, por conseguinte teria mais de 7.000 anos de idade antes que visse a luz do primeiro sábado.

6. A Bíblia ensina que Deus falou e tudo veio imediatamente à existência. Gênesis 1 emprega continuamente a expressão: "E disse Deus... e assim se fez"; também "por que falou, e tudo se fez; mandou, e logo tudo apareceu" (Salmo 33: 9).

7. O quarto mandamento fala dos dias da criação como sendo os mesmos que o sétimo; e o sábado baseia-se no ciclo semanal de dias de vinte e quatro horas.

8. A Bíblia sempre declara que Deus descansou no sétimo dia (Gên. 2:1-3; Êxo. 20:11; 31:17; Heb. 4:4) e em nenhuma vez se emprega os modos descansando ou descansa, como seria o caso se o sábado tivesse 7.000 anos de duração.

9. Em nenhuma parte da Bíblia há menção de que um dia igual a 7.000 anos. Esta suposição não passa de conveniência, fantasia sem nenhum apoio bíblico.

Embora, a princípio, outras diferenças doutrinárias possam avultar no espírito das Testemunhas, verifiquei que as duas doutrinas – a segunda vinda de Cristo e o sábado – formam as chaves mais fortes para abrir as fortalezas dos ensinamentos dos russelitas.

Deve ser também lembrado que o sistema de doutrinação empregado pelas Testemunhas de Jeová revela recitação entusiasta, e por

ela o interessado é levado de um estudo direto da Bíblia para um estudo das publicações e revistas da Torre de Vigia.

Durante um período de meses e mesmo de anos por vezes, estes ensinamentos são repetidos até que ocorrem no paciente uma espécie de lavagem cerebral. O interessado não apenas aceita os ensinamentos mas crê que são a verdade bíblica procedente diretamente da Torre de Vigia, a qual se proclama ser o único canal da verdade bíblica nos últimos dias, o "servo fiel e prudente" de S. Mateus 24:45.

Quando isto já ocorreu, então é necessário apresentar pacientemente a verdade bíblica também uma porção de vezes até que uma nova perspectiva possa ser apanhada pelo interessado e a multidão de ensinamentos errôneos comece a desfazer-se.

Trabalhar com as Testemunhas de Jeová é interessante e desafiante, mas é compensador para aqueles que estiverem sob a influência destes ensinamentos serem trazidos ao pleno conhecimento da mensagem do Advento. Eles tornam-se ganhadores de almas zelosos e bem sucedidos.

Este artigo, que apareceu no Ministério Adventista, Janeiro-Fevereiro de 1963, páginas 8 a 11 foi para aqui transcrito, porque estudando-o conclui que seria de muita utilidade tanto no trato pessoal com as Testemunhas de Jeová, quanto no conhecimento de alguns aspectos fundamentais de suas doutrinas não defensáveis pela Bíblia.

A DIVINDADE OU DEIDADE DE JESUS

Alguns estudiosos, incluindo pesquisadores adventistas, preferem o vocábulo Deidade à Divindade, porque este último, é aplicado também a outros deuses, enquanto o outro é aplicado ao Deus da Bíblia. Idéias heréticas negando a divindade ou a humanidade de Jesus surgiram rapidamente em muitos lugares sob as formas mais variadas. Dentre estas as mais conhecidas são as seguintes:

a) **O Docetismo**

Surgiu no ano 70 AD e morreu como organização lá pelo ano 170. Os docetistas negavam a humanidade de Cristo. Isto porque pensavam eles, a matéria é má, tudo o que é material é pecaminoso. O mal reside na matéria. E Cristo não tem pecado, neste caso não tinha também corpo material. E se não tinha corpo material também não sofreu a morte. O fundador desta teoria, segundo Clemente de Alexandria foi Júlio Cassiano.

O docetismo ensinava ainda: Se Jesus era Deus, então na verdade ele não sofreu, nem tão pouco morreu, mas tudo foi aparente. Se com

efeito, foi verdade, que Jesus padeceu sofrendo a morte, então não podia de maneira nenhuma ser Deus.

O termo docetismo surgiu do verbo grego φαειναι = parecer, aparentar, que se encontra em Lucas 24: 37.

b) Os Ebionitas

Aceitavam a idéia de que Jesus sofreu e inclusive experimentou a morte, mas que neste caso não podia tratar-se de um ser divino. Era apenas um grande profeta, um homem extraordinário, mas não um ser divino.

A palavra vem do hebraico **ebionim** = pobres, porque aplicavam a si mesmo a expressão de Cristo – pobres de espírito. Eusébio diz que mereceram o apelido de **ebiones** como indicação de sua pobreza intelectual, pois assim se chamam os mendigos entre os hebreus. Outros afirmam que se chamam ebionitas por terem como chefe Ebiom, discípulo de Cerinto – grande herege do período apostólico.

c) O Monarquianismo

Sustentava a idéia de que Cristo era simplesmente um homem, que recebeu poder do Pai por ocasião do batismo. O monarquianismo nasce como consequência do unitarismo judaico, dando ênfase à unidade da divindade. Surgiu como uma reação à pluralidade de deuses dos gnósticos e dos dois deuses de Márcion.

d) O Arianismo

Doutrina criada por Ário – presbítero de Alexandria. Negava a divindade de Cristo, afirmando que Ele e o Espírito Santo foram criados por Deus.

e) O Monofisismo

O vocábulo é formado de duas palavras gregas – **monos** = só e **fisis** = natureza, significando assim uma só natureza. Esta heresia era antagônica

ao **nestorianismo** que dizia haver em Cristo duas pessoas – uma divina e outra humana. Surgiu no quarto século, afirmando que Cristo tinha uma só natureza, desde que a divindade absorveu a humanidade.

A DIVINDADE NA BÍBLIA

João escrevendo seu Evangelho quando algumas destas heresias já começavam a vicejar teve como objetivo principal defender e exaltar a legítima Divindade e Eternidade de Cristo.

Compulsando o Livro Sagrado, do Gênesis ao Apocalipse, veremos que Cristo é apresentado como Deus. Sua divindade é o mais firme argumento do cristianismo, mas esta divindade por instigação satânica tem sido mais tenazmente atacada do que qualquer doutrina bíblica.

Os russelitas, como é do conhecimento geral, não negam a preexistência de Cristo, mas a sua Divindade e Eternidade. São modernos defensores da antiga heresia de Ário, para quem Cristo foi trazido à existência por Deus, para por meio dele efetuar a criação de todas as coisas.

Ário, embora seja hoje considerado o criador da heresia arianista, ele não é propriamente o pai do arianismo, mas sim o seu mais ardoroso defensor. Na verdade, o verdadeiro iniciador desta heresia foi Orígenes, que sendo dotado de mente fértil, deu início à corrente da eterna geração. Para os arianistas Cristo ou o Logos foi criado, portanto é inferior ao Pai.

Em sua obsessão de destruir a doutrina da Divindade de Cristo, o método mais empregado é a tradução de palavras gregas de conformidade com suas idéias preconcebidas. Por exemplo, quando traduzem a palavra grega adorar, referindo-se a Deus, dão-lhe o sentido do original, mas quando a mesma palavra se refere a Cristo não a traduzem por adorar, mas por prestar homenagem.

Em que dicionários e comentários de gabarito se baseiam para fazer tal distinção? Evidentemente em nenhum.

Dentre outras palavras gregas usadas na Bíblia para encontrarmos **προσκύνησθε** latréu e **προσκύνησθε** prosquinéo.

προσκύνησθε é adorar no íntimo, adorar para servir. Mat. 4:10; Atos 7:7; Hebreus 9:14; Apoc. 22:3. Nestas quatro passagens a nossa tradução de Almeida (tanto a Revista e Corrigida, quanto a Revista e Atualizada no Brasil) traduz o verbo latréu por servir.

προσκύνησθε, muito mais usada, significa ajoelhar-se ou prostrar-se em reverência. Este termo é usado para Deus em Mat. 4:10; Lucas 4:8; João 4:21; I Cor. 14:25, etc.

Notemos bem como esta mesma palavra é usada para Jesus, porque Ele deve também ser adorado como Deus, prova evidentíssima da Sua Divindade.

Mateus 2:2 – "... Porque vimos a sua estrela no Oriente e viemos para adorá-Lo."

Mateus 14:33 – "E os que estavam no barco O adoraram."

Mateus 28:9 – "... E elas, aproximando-se, abraçaram-lhe os pés e O adoraram."

Mateus 28:17 – "E, quando o viram, o adoraram (os discípulos); mas alguns duvidaram."

Lucas 24:52 – "Então eles, adorando-o, voltaram para Jerusalém, tomados de grande júbilo."

PROVAS DA DIVINDADE DE CRISTO NO VELHO TESTAMENTO

Dentre os versos do Velho Testamento que apresentam a divindade de Cristo, os três que mais se agigantam pela clareza incontestável de suas afirmativas são:

- 1) Miquéias 5:2
- 2) Isaías 7:14
- 3) Isaías 9:6

1) **Miquéias 5:2 declara de Cristo** – "cujas saídas são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade". Assim se encontra na Edição Revista e Corrigida de João Ferreira de Almeida, porém na Edição Revista e Atualizada no Brasil está – "e cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade".

O *Hebrew Lexicon of the Old Testament*, 426, 2 traduz saídas por origens. Sempre procurando fugir da realidade do original a Tradução do Novo Mundo em lugar de "desde os dias da eternidade" apresenta "desde os dias do tempo indefinido". A declaração de Miquéias "cuja origem é desde a eternidade" tem que se referir àquele que existe eternamente, isto é Deus. Isaías 44:6.

2) **Isaías 7:14 apresenta o nome pelo qual Cristo seria chamado Emanuel** – que, traduzido literalmente, significa – Deus conosco.

3) **Em Isaías 9:6 encontramos a declaração de que o profeta vê a Cristo sendo chamado de Deus forte.** Esta declaração de Isaías constitui-se no mais valioso argumento de todo o Velho Testamento sobre a divindade de Cristo.

Como se sentem as Testemunhas de Jeová quando lhes apresentamos este versículo? Esquivam-se da sua declaração contundente afirmando que não há artigo em hebraico, diante da expressão "Deus forte", portanto Cristo é chamado um Deus poderoso, mas não o Deus Todo-poderoso, que é Jeová. Argumento frágil, portanto inaceitável, desde que afirmam que há dois Deuses poderosos e a Bíblia não aceita isto. Isaías 45:22.

Apenas duas passagens provam a falácia da sua declaração:

Isaías 10:21 declara: "Os restantes se converterão ao Deus forte, sim, os restantes de Jacó." Em hebraico – Deus forte, está sem artigo, isto é Jeová.

Jer. 32:18 afirma que Ele (Jeová) é o poderoso Deus cujo nome é o Senhor dos Exércitos; no original se encontra o artigo.

PROVAS DA DIVINDADE DE CRISTO NO NOVO TESTAMENTO

A importância da Divindade de Cristo está nesta frase, encontrada em *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 530: "A Divindade de Cristo é a certeza de vida eterna para o crente."

Como é de nosso conhecimento os evangelhos foram escritos para leitores diferentes: Mateus para os judeus; Marcos para os romanos; Lucas para os gregos e João para os cristãos.

Se João escreveu o seu evangelho com o objetivo fundamental de provar a divindade de Cristo, então neste livro devem ser encontradas estas provas.

Eis algumas delas:

1ª.) Começa seu livro com a solene declaração:

João 1:1 – "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus."

2ª.) **João 3:13** – "Ora, ninguém subiu ao céu, senão aquele que de lá desceu, a saber, o Filho do Homem *que está no céu*."

3ª.) **João 5: 21, 26** – "Pois assim como o Pai ressuscita e vivifica os mortos, assim também o Filho vivifica aqueles a quem quer" "Porque assim como o Pai tem vida em si mesmo, também concedeu ao Filho ter vida em si mesmo."

4ª.) **João 8: 23** – "Vós sois cá de baixo, eu sou lá de cima; vós sois deste mundo, eu deste mundo não sou."

5ª.) **João 8:58** – "Em verdade, em verdade eu vos digo: antes que Abraão existisse, EU SOU."

6ª.) **João 10:30** – "Eu e o Pai somos um."

7ª.) **João 10:33** – "Não é por obra boa que te apedrejamos, e sim por causa da blasfêmia, pois, sendo tu homem, te fazes Deus a ti mesmo."

8ª.) **João 17:5** – "E, agora, glorifica-me, ó Pai, contigo mesmo, com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo."

9ª.) **I João 5:20** – Aqui, além do Evangelho, João escreveu sobre Cristo: "Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna". Nesta declaração se

encontra a melhor prova de toda a Bíblia da divindade de Cristo, desde que Ele é apresentado não apenas como Deus, mas o verdadeiro Deus.

10ª.) Outras passagens bíblicas que ensinam a mesma doutrina: Rom. 9:5; Heb. 1:8, Tito 1:3; 2:13; 3:4; Col. 2:9 (excelente passagem para provar a Sua Divindade por declarar que em Cristo habita toda a plenitude da Divindade); II Pedro 1:1.

Além destas provas já apresentadas no Ministério Adventista, Janeiro e Fevereiro de 1978, página 24, trouxe o seguinte tema que amplia nossa compreensão:

PROVAS DA DIVINDADE DE CRISTO

- 1) S. João 14:29 – Ele conseguia ler o coração humano.
- 2) S. João 14: 29 – Era capaz de predizer o futuro.
- 3) S. João 6: 1-33 – Tinha poder criador.
- 4) S. João 5:21; 11:43-45 – Tinha poder para dar vida.
- 5) S. João 8:46 – Era infalível em suas declarações. Jamais cometeu um erro.
- 6) S. Mateus 9:5 – Tinha autoridade para perdoar pecados.
- 7) S. Mateus 14:33 – Inspirava adoração.
- 8) S. João 5:25 e 26 – Tinha vida inerente em si mesmo.
- 9) S. João 1:12 – Tinha poder para transformar corações.

Phyllis Bailey

Diz Scheffer que Ário considerava Cristo como chamado Deus, somente por cortesia, como nós damos a um vice-governador o título de governador.

Como bem se expressou um dos pais da Igreja, Atanásio: Cristo por ser verdadeiro Deus pode efetuar uma salvação perfeita e completa; por ser homem pode efetuar a salvação para os homens.

Cristo é verdadeiramente Deus porque possui todos os atributos que pertencem exclusivamente a Deus:

- a) Eternidade – Miquéias 5:2; Isaías 9:6; Heb. 1:8;
- b) Onipotência – Heb. 1:2; S. Mat. 28:18; S. João 1:3,14
- c) Onisciência – Col. 2:3; Mat. 9:4;
- d) Imutabilidade – Heb. 13:8;
- e) Deus de adoração – Heb. 1:6; Mat. 14:33; Fil. 2:9-11;
- f) Originador da Vida – João 11:25; 14:6.

Jorge R. Jenson, no Estudo Bíblico, "É Cristo Deus?", Ministério Adventista, Março-Abril de 1964, página 21, afirma:

- 1) Seus ensinamentos comprovam Sua divindade. S. João 7:46; Mateus 7:29.
- 2) Seus milagres demonstram Sua divindade. S. João 3:2.
- 3) Sua autoridade para perdoar pecados comprova Sua divindade. Lucas 7:47; 5:20-21.
- 4) Seu nascimento atesta Sua divindade. Luc. 1:35.
- 5) Seu poder sobre a morte confirma Sua divindade. Luc. 1:79; Atos 2:32.
- 6) Sua vida sem pecado e sua morte substituinte confirmam Sua divindade. Isaías 53:8 e 10.
- 7) Sua ressurreição e Sua ascensão ao céu comprovam Sua divindade. Atos 2:30 e 36.

A PROVA PARA A DIVINDADE DE CRISTO DE I TIM. 3:16

Alguns estudiosos afirmam que outra prova para a Divindade de Cristo se encontra em I Tim. 3:16: "Deus foi manifestado em carne".

O Diálogo Enfático traz esta nota na margem: "Quase todos os antigos manuscritos, e todas as versões dizem: 'Aquele que foi manifestado', em lugar de 'Deus' neste versículo". Esta afirmação peremptória não corresponde bem à realidade, pois, é só tomarmos um Novo Testamento Grego e o Aparato Crítico nos mostrará que as duas

formas, isto é, o pronome relativo e o substantivo Deus aparecem nos manuscritos.

Evidentemente há neste versículo um problema de variante de leitura que deve ser esclarecido pela Crítica Textual. Um único traço tirado nos manuscritos unciais motivou a diferença: YV significa Deus e OS aquele que. É difícil afirmar qual era a forma primitiva, embora o Comentário Adventista analisando este verso afirma que as evidências textuais favorecem 'aquele que'.

Em virtude das duas variantes desta passagem, ela não deve ser usada como uma das provas para a Divindade de Cristo.

A esta seita bem se aplicam às palavras de Antenor Santos de Oliveira: "Os jeovistas, que não aceitam a Cristo como Ele é, recusando reconhecê-lo como Deus e Salvador, também Jesus recusará a reconhecê-los". *Testemunhas de Jeová*, página 120.

A CRENÇA ADVENTISTA NA DIVINDADE DE CRISTO

Do livro *Questions on Doctrine* transcrevemos "nossa crença na deidade e eterna preexistência de Cristo, a segunda pessoa da Divindade consta de nossas 'Crenças Fundamentais dos Adventistas do Sétimo Dia', que são anualmente reproduzidas em nosso *Yearbook*, e também em nosso autorizado *Manual da Igreja Adventista* (1951, páginas 29-36). Além disso, os que se batizam na igreja adventista subscrevem um sumário de crenças doutrinarias impresso no Certificado de Batismo, cujo artigo segundo declara:

'Jesus Cristo, a segunda pessoa da Divindade, e eterno Filho de Deus, é o único Salvador do pecado; e a salvação do homem é pela graça por meio da fé nele'.

O candidato assina esta declaração, como uma afirmação do que crê, antes do batismo.

E no Apêndice A, páginas 641-645, alinha-se uma compilação de declarações sobre a divindade e eterna preexistência de Cristo e Sua posição na Divindade, feita por um de nossos escritores mais representativos, Ellen G. White.

Quanto ao lugar de Cristo na Divindade, cremos que Ele é a segunda pessoa na Trindade celestial – composta do Pai, Filho e Espírito Santo – unidos não somente na Divindade, mas nas providências da redenção.

Uma série de sucintas declarações sobre a Trindade consta também do Apêndice A, 'O Lugar de Cristo na Divindade', claramente apresentado (1) que Cristo é um com o Eterno Pai – um em natureza, igual em poder e autoridade, Deus no mais alto sentido, eterno e existente por Si mesmo, com vida original, não emprestada, não derivada; e (2) que Cristo existiu desde toda a eternidade, distinto do Pai mas unido a Ele, possuindo a mesma glória e todos os atributos divinos.

Os adventistas do sétimo dia baseiam sua crença na Trindade, nas declarações da Sagrada Escritura mais do que num credo histórico. O segundo artigo das Crenças Fundamentais, é explícito:

'Que a Divindade, ou Trindade Divina, consiste do Eterno Pai, Ser pessoal, espiritual, onipotente, onipresente, onisciente, infinito em sabedoria e amor; do Senhor Jesus Cristo, Filho do Eterno Pai, por quem todas as coisas foram criadas e por quem se realizará a salvação dos remidos; do Espírito Santo, terceira pessoa da Divindade, o grande poder, regenerador na obra da redenção. S. Mateus 28:19.

Outra declaração autorizada consta do sumário de doutrinárias, no Certificado de Batismo:

1)

2) Jesus Cristo, a segunda pessoa da Divindade, e o eterno Filho de Deus, é o único Salvador do pecado; e a salvação do homem é pela graça por meio da fé nele (S. Mat. 28:18 e 19; S. João 3:16; Miq. 5:2; S. Mat. 1:21; 2:5 e 6; Atos 4:12; I João 5:11 e 12; Efés. 1:9-15; 2:4-8; Rom. 3:23-26)", páginas 35-37.

A crença adventista na Divindade de Cristo está baseada na Bíblia e esta afirma: "Cristo é aquele que era, que é e que há de vir". Apoc. 1:18.

Dentre os múltiplos pensamentos de Ellen G. White sobre este assunto, uma citação da *Review and Herald* de 05/04/1906, página 8: "O Senhor Jesus Cristo, o divino Filho de Deus, existiu desde a eternidade, tendo personalidade distinta, se bem que um com o Pai".

Esperamos que o lema das Testemunhas de Jeová: "A Verdade Vence" seja uma realidade neste estudo porque a verdade da Divindade de Cristo sempre haverá de triunfar porque está alicerçada na declaração bíblica: 'Assim diz o Senhor'."

ÚTEIS DECLARAÇÕES DO ESPIRITO DE PROFECIA REFERENTES À HUMANIDADE E À DIVINDADE DE CRISTO

"A humanidade do Filho de Deus é tudo para nós. É a corrente áurea que nos liga a alma a Cristo, e por meio de Cristo, a Deus. Isto devemos estudar. Cristo era um homem real; Ele deu prova de Sua humildade tornando-se homem. Entretanto era Deus na carne".

The Youth's Instructor, 13-10-1898.

"Que Deus se tenha manifestado assim na carne, é em verdade um mistério; e sem a ajuda do Espírito Santo, não podemos esperar compreender este assunto".

The Review The and Herald, 5-4-1906.

"Jesus tomou sobre si a humanidade para poder atingir a humanidade; mas não podemos explicar como a divindade se revestiu da humanidade".

The Review The and Herald, 1-10-1889.

"Despindo-se de Suas vestes régias e de Sua coroa real, Cristo vestiu Sua divindade com humanidade para que os seres humanos

pudessem ser erguidos de sua degradação e colocados em posição vantajosa. Cristo não podia vir a este mundo com a mesma glória que tinha nas cortes celestes. Os seres humanos pecadores não teriam podido suportar-lhe a presença. Encobriu Sua divindade com o traje da humanidade, mas não se separou da Sua divindade".

Idem, 15-6-1905.

"Transformou-se a natureza humana do Filho de Maria em a natureza divina do Filho de Deus? Não. As duas naturezas estavam misteriosamente combinadas em uma só pessoa – o homem Cristo Jesus. Nele habitava corporalmente toda a plenitude da divindade. Quando Cristo foi crucificado, foi Sua natureza humana que morreu. A divindade não minguou nem morreu; isso seria impossível".

The S.D.A.B.C., Vol. V, p.1.113.

"Pretendem muitos que era impossível Cristo ser vencido pela tentação. Neste caso, não teria sido colocado na posição de Adão; não poderia haver obtido a vitória que aquele deixara de ganhar. Se tivéssemos, em certo sentido, um mais probante conflito do que teve Cristo, então Ele não estaria habilitado para nos socorrer. Mas nosso Salvador Se revestiu da humanidade com todas as contingências da mesma. Tomou a natureza do homem com a possibilidade de ceder à tentação." – *O Desejado de Todas as Nações*, p. 117.

COMO HARMONIZAR O MONOTEÍSMO COM A TRINDADE

INTRODUÇÃO

Grande polêmica tem surgido através dos séculos, em torno da doutrina da Trindade.

Os unitaristas ou antitrinitaristas defendem ardorosamente que a doutrina da Trindade é estranha à Palavra de Deus, chegando alguns a afirmarem que ela é de origem pagã.

Sendo que o assunto é tão empolgante e sobretudo importante, no plano da salvação, ele deve ser pesquisado na Bíblia, porque ali encontraremos a orientação divina para dirimir as dúvidas.

Sem idéias preconcebidas vejamos o que ela tem a dizer sobre o assunto. Através de toda a Palavra de Deus os autores inspirados fazem

várias referências a três seres divinos cognominando-os como Criador, Deus, Salvador ou Redentor e apresentando-os sempre como dignos de receberem adoração, honra e louvor.

COMENTÁRIOS GERAIS SOBRE O TEMA

Desde a infinita eternidade, três são os que regem o universo. Iguais em onipotência, onisciência, onipresença, em substância, em glória e em eternidade. São três santos, três grandes poderes, três pessoas, quer dizer três seres independentes um do outro. Cada um deles é chamado Deus. Como sempre se encontram unidos em obras e propósitos, a Bíblia os identifica, muitas vezes, em sentido coletivo como Deus, que seria igual à Trindade. Quando o nome de Deus é usado em sentido coletivo, aparece escrito no plural (hebraico Eloim = Deus) e isto ocorre mais de 2.500 vezes no Velho Testamento. Outros defendem que Eloim seja apenas um plural majestático.

Em nossos dias os mais acérrimos inimigos da Trindade são as Testemunhas de Jeová que com ares doutorais afirmam que não pode haver trindade porque este termo não se encontra na Bíblia. Se não há trindade porque a palavra não se encontra na Bíblia, também não deve haver "Salões do Reino", "Reino Teocrático", "Milênio", "Bíblia", pois estas expressões não se encontram nas Escrituras Sagradas. Inegavelmente a palavra "Trindade" não se acha na Bíblia, mas a sua doutrina ali se encontra e isto é o mais importante.

Aliás, diga-se de passagem, que a seita que estamos analisando não aceita a palavra Bíblia (usada pela primeira vez por Crisóstomo para a Palavra de Deus). Parece-nos que a preocupação primordial deste povo é trazer discussão infundável a respeito de nomes, preocupando-se com o acessório em desprezo do fundamental.

No folheto, distribuído pela Torre de Vigia, *A Trindade – Mistério Divino ou Mito Pagão*, defendem que a idéia de Trindade procede de povos pagãos como os egípcios, hindus, babilônios e gregos. Entre estes

povos não existe uma idéia de Trindade encontrada na Bíblia, mas de uma tríade, formada de um deus, sua esposa e o filho. Neste mesmo folheto há ainda a afirmação de que a trindade se originou com Ninrod (Gên. 10:9) que se casou com a própria mãe. Estas afirmações não merecem nenhum crédito da nossa parte.

A palavra trindade do latim "Trinitas" foi formada por Tertuliano, na última década do segundo século AD. Significa a coexistência do Pai, do Filho e do Espírito Santo na unidade da Divindade. Embora não seja um termo bíblico, representa a cristalização do ensino da Bíblia que nos esclarece sobre seus componentes – Pai, Filho e Espírito Santo.

Outro problema que se nos apresenta neste estudo é o seguinte: sendo a mente humana finita não alcança o infinito, portanto em muitos aspectos, Deus, Cristo e o Espírito Santo são mistérios. Quantos de nós podemos entender o que é a vida? Quantos são capazes de explicar a Teoria da Relatividade de Einstein? Quem entende exatamente o que é a eletricidade? Vamos negar a trindade, tão claramente revelada nos Escritos Sagrados, porque ela transcende a nossa limitada compreensão?

Não há cabimento em negar a trindade tão evidente dos textos bíblicos, por ser difícil harmonizar a coexistência de três pessoas distintas na Divindade Única. Fiquem conosco as palavras de Pascal: "Há uma infinidade de coisas que a razão não pode atingir. Resolvam-se todas as questões, expliquem-se todas as palavras da Bíblia, e ainda ficarão as maiores dificuldades para exercício da nossa fé: a origem do mal, o mistério da divina presciência e da livre ação, e muito ainda sobre o plano da redenção. E nesta consideração diremos sempre: 'Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis os seus caminhos!'" – *História, Doutrina e Interpretação da Bíblia*, pág. 280.

A negação da trindade tem sido uma constante das religiões não cristãs, as Testemunhas de Jeová são os mais veementes, mais perigosos e mais fanáticos atacantes desta doutrina cristã. Para eles a trindade é anti-racional, pois justificam: se aceitarmos que Jesus é Deus como

podemos continuar dizendo que Deus é um? Crêem como Ário – o ancestral de suas idéias heréticas – que a divindade de Cristo não pode coexistir com a unidade de Deus.

Os cristãos não crêem que há "três deuses em um", como afirma o livro *Seja Deus Verdadeiro*, página 81; mas crêem na existência de três pessoas, todas da mesma substância, coeternas, coexistentes e coiguais.

Eles negam ainda a trindade por afirmarem que esta doutrina se choca com a "razão" que é o critério usado por eles para a aceitação de doutrinas bíblicas. Em defesa desta idéia citam Isaías 1:18: "Vinde, pois, e arrazoemos"; para concluírem que o ensinamento da trindade é impenetrável à razão. O mesmo Isaías, capítulo 55:8 e 9 afirma: "Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos diz o Senhor; porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos mais altos do que os vossos pensamentos". Estas assertivas não significam que a razão e o pensamento devam ser abandonados, mas sim que o homem é incapaz de conhecer a mente, natureza ou pensamentos de Deus em toda a sua plenitude. Deus não convida o homem a questionar sobre problemas que a mente humana por ser finita não alcança. Seria a razão humana um elemento válido para determinar uma doutrina bíblica? Evidentemente não.

As Testemunhas de Jeová em seu livro *Seja Deus Verdadeiro* afirmam: "Seria um mistério se a trindade fosse verdadeira". Seria um mistério mesmo a exemplo do surgimento do pecado no céu e de muitas coisas relacionadas com o plano da salvação. Eles sentenciam peremptoriamente: "A Bíblia não contém mistérios divinos, mas sim sagrados segredo. Há uma vasta diferença entre um segredo e um mistério. Um segredo é meramente o que não foi feito conhecido, mas um mistério é aquilo que não pode ser conhecido".

Qualquer dicionário nos comprovará que esta afirmação é improcedente. Eis o que nos diz o *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*:

Mistério – objeto de fé religiosa, e que é impenetrável à razão humana, segredo, enigma, tudo o que é incompreensível.

Segredo – aquilo que não está divulgado, mistério, coisa misteriosa, impenetrável.

Diz Sabatini Lalli, no livro *Logos Eterno*, páginas 77 a 78:

"Não podemos entender as verdades que se relacionam com a Doutrina da Trindade, mas reconhecemos que elas constituem parte integrante da Revelação de Deus..."

"Se não compreendemos a Doutrina da Trindade, não obstante reconhecê-la e aceitá-la como verdade revelada, é porque ela é tão transcendente quanto o próprio Deus. A Doutrina da Trindade é verdadeira, não porque possamos entendê-la, mas porque é um fato da revelação. Não podemos negá-la, porque, para fazê-lo, precisaríamos mutilar as Escrituras e, se o fizéssemos, além de não trazer nenhuma vantagem para a nossa inteligência, na solução do problema de Deus, esta atitude, altamente sacrílega, nos colocaria debaixo do anátema que pesa sobre os que tiram verdades das Escrituras ou lhas acrescentam! Deus, não obstante ser a mais gloriosa das realidades, é mistério com Trindade ou sem ela!"

É bom sabermos que a Revelação é obra de Deus, mas a especulação é a obra prima de Satanás.

Um estudo acurado das verdades bíblicas nos revelará que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são distintos e ao mesmo tempo completamente um. Esta declaração é um mistério que não nos foi revelado porque está além da nossa compreensão.

O mesmo autor mencionado acima, na página 61 cita as palavras de Boettner muito adequadas ao nosso assunto:

"Não temos obrigação de explicar estas verdades; somos entretanto, obrigados a sustentar aquilo que Deus revelou na Sua Palavra e, também,

somos obrigados, tanto quanto possível, a evitar que as afirmações da Palavra de Deus sejam mal interpretadas ou sofram objeções improcedentes. Tudo quanto sabemos a respeito de tão profundas verdades, é aquilo que o Espírito Santo tem revelado a respeito delas, e cremos que tudo quanto Deus revelou é indubitavelmente verdade e deve ser crido, ainda que a nossa razão não possa sondar as suas profundezas",

Como bem conclui Walter R. Martin, no livro *The Kingdom of the Cults*, página 57: "A verdade é que a Torre de Vigia rejeita a doutrina da Trindade e outras doutrinas fundamentais do Cristianismo não porque elas sejam misteriosas, mas porque as Testemunhas de Jeová estão determinadas a reduzir Jesus, o Filho de Deus a uma criatura ou "um segundo deus" a despeito de todas as evidências bíblicas."

Os unitaristas afirmam que a fé na Divindade de Cristo põe em jogo o monoteísmo da Bíblia. *O Comentário Adventista*, Vol. 5, página 911 afirma: "A Igreja cristã se defronta com o paradoxo de um monoteísmo triúno e o mistério de um Deus encarnado, conceitos que transcendem a compreensão finita e desafiam definição e análise conclusivas."

Eis o que dizem os russelitas sobre a Trindade: "Tal doutrina não é de Deus". – *Seja Deus Verdadeiro*, página 100. "A evidente conclusão é que Satanás é o originador da doutrina da trindade". – *Idem*, página 101.

Os russelitas não foram os primeiros antitrinitaristas, porque estudando a História Eclesiástica encontramos muitos predecessores dos jeovistas que não souberam harmonizar a unicidade de Deus, defendida nas Escrituras, com a multiplicidade de passagens, que nos provam a existência de três seres. Por provar a existência destes três estará a Bíblia defendendo o politeísmo? De modo nenhum.

PROVAS BÍBLICAS DE QUE HÁ UM DEUS

A Bíblia nos prova que há um só Deus, como podemos ver em: Deut. 6:4; Mar. 12:29; Rom. 16:27; 1 Cor. 8:4-6; Gál. 3:20; Tiago 2:19; Efésios 4:6; 1 Tim. 1:17; Judas 25.

Em Isaías 44:6; 45:6, 22 e 46:9 há a declaração de Deus que Ele é único e que além dele não há outro Deus.

Como nenhum deles é maior, a Bíblia os apresenta sem uma ordem determinada: ... o Espírito... o Senhor ... Deus – I Cor. 12:4-6; Senhor Jesus Cristo ... Deus ... Espírito Santo – II Cor. 13:13; Espírito do Senhor ... Deus ... o Santo – Isaías 40:13-25; um Espírito... um Senhor ... um Deus ... – Efésios 4:4-6; Santo, Santo, Santo ... – Isaías 6:3; Apoc. 4:8.

Os nomes – Pai, Filho, Espírito Santo designam a obra que cada um deles fez quando o plano da redenção foi posto em ação. Há uma hierarquia no plano da redenção.

Em uma nota da *Lição da Escola Sabatina* do dia 12 de setembro de 1980 havia esta declaração: "O Espírito Santo é Deus. O Conselheiro, Consolador e Ajudador de todos os cristãos. Deus o Pai é o Criador e Sustentador; Deus o Filho é o Salvador e Redentor; Deus, o Espírito Santo, é Deus que permanece ao lado das pessoas.

JESUS É DEUS

As Escrituras Sagradas nos esclarecem que Cristo é Deus. Estas provas, já estudadas ao vermos a sua divindade, se encontram, especialmente, nas seguintes passagens, aliás muito evidentes para serem negadas por pessoas que afirmam crerem na Bíblia e negarem com tanto ardor que Cristo não é Deus: João 1:1; 5:18; 10:28-33; 20:28; Atos 20:28 (Igreja de Deus, isto é Cristo); Rom. 9:5; Fil. 2:6; Col. 2:9; Heb. 1:8; II Ped. 1:1; 1 João 5:20.

O ESPIRITO SANTO É DEUS

Nomes para o Espírito Santo no Novo Testamento:

- a) Espírito de Deus – Rom. 8: 14.
- b) Espírito de Cristo – Rom, 8:9.

- c) Espírito do Pai – Mat. 10:20.
- d) Espírito do Senhor – II Cor. 3:17.
- e) Espírito Santo – Atos 2
- f) Espírito de sabedoria e revelação – Efés. 1:17.
- g) Espírito de poder, de amor... – II Tim. 1:7.
- h) Espírito de adoção ou oração – Rom. 8:15.
- i) Espírito de santificação – Rom. 1:4.
- j) Espírito de vida – Rom. 8:10.
- k) Espírito de mansidão – I Cor. 4:21.
- l) Espírito de consolo – Atos 9:31.
- m) Espírito da glória - I Ped. 4: 14.
- n) Espírito de selagem, garantia da vida eterna – Efés. 1:13-14.
- o) Espírito de todas as bênçãos carismáticas cristãs – I Cor. 12:4.
- p) Espírito da verdade – João 16:13.

Dentre as muitas afirmações das Testemunhas de Jeová sobre o Espírito Santo, as duas mais destacáveis são estas:

1ª.) – "O Espírito Santo é a força ativa e invisível de Deus, que move seus servos a fazerem a Sua vontade". *Seja Deus Verdadeiro*, página 108.

2ª.) – "O Espírito Santo não é um Deus, nem o membro de uma trindade, não é coigual, nem é mesmo um ser pessoal". – *Jehovah of the Watch Tower*, pág. 432.

As páginas inspiradas nos informam que o Espírito Santo é "outro" Deus, porque possui os atributos de Deus, tais como:

Santidade – Efésios 4:25-32;

Eternidade – Heb. 9:14, e 88 vezes nos livros do V.T.;

Onipotência – Atos 1:8 (virtude e poder);

Onisciência – I Cor. 2:10-11;

Onipresença – João 14:16; Salmos 139:1-10;

Doador da vida (junto com Jesus) – João 6:63;

Pode blasfemar-se contra ele – Mat. 12:31 (Blasfêmia é um pecado contra Deus);

Atos 5:3 e 4 afirma que Pedro declarou a Ananias que havia mentido ao Espírito Santo, isto é, a Deus.

"Precisamos reconhecer que o Espírito Santo, que é tanto uma pessoa como o próprio Deus, está andando por esses terrenos. Manuscrito 66, 1899." – citado em *Evangelismo*, página 616.

"O Espírito Santo tem personalidade, do contrário não poderia testificar ao nosso espírito e com nosso espírito que somos filhos de Deus. Deve ser também uma pessoa divina, do contrário não poderia perscrutar os segredos que jazem ocultos na mente de Deus. Manuscrito 20, 1906." – *Evangelismo*, 617.

Os atributos que a Bíblia atribui ao Espírito Santo são de um ser, e não de "um poder ativo" de uma influência.

O Espírito Santo:

- fala - I Tim. 4:1
- guia, ouve - João 16:13
- ensina - João 14:26; Luc. 12:12
- convence - João 16:8
- emociona-se - Efés. 4:30
- consola - Atos 9:31
- intercede - Rom. 8:26-27
- comissiona - Atos 13:4
- tem o Seu nome entre os de outras pessoas - Atos 15:28
- ama - Rom. 15: 30.

Kant outorga três atributos a uma personalidade: Inteligência, Vontade e Emoção. Estes três atributos são encontrados no Espírito Santo.

Inteligência - I Cor. 2:10-11; Atos 15:28;

Vontade - I Cor. 12:11; Efésios 4:30; João 15:26; 16:8;

Emoção - Rom. 15:30; Efésios 4:30; Isaías 63:10.

Antônio Neves de Mesquita no livro *A Doutrina da Trindade no Velho Testamento*, p. 37, declara: "O termo Parakletos jamais foi traduzido por 'conforto' e sim 'confortador', pois só assim expressa trabalho de Pessoa. Quando Jesus disse que mandaria o Seu espírito, não quis dizer o espírito pessoal, à parte de sua pessoa, mas o Vigário, o Consolador ou 'o outro Consolador', indicando a outra pessoa da Divindade".

Ainda um ponderável argumento para provar que o Espírito Santo é da mesma natureza de Deus se encontra no conhecimento das palavras gregas **allov** - álos e **ἕτερος** - héteros. Em português traduziremos as duas palavras por outro, mas álos é outro da mesma qualidade, enquanto héteros é outro de natureza diferente, contrária. Na expressão: outro Consolador de João 14: 16, temos **allov** indicando que o Espírito Santo é da mesma qualidade de Deus. Em Gálatas 1:6 Paulo afirma: "Admira-me que estejais passando tão depressa daquele que vos chamou na graça de Cristo para outro evangelho." O vocábulo grego neste caso é **ἕτερος** - outro, diferente.

Há passagens na Bíblia onde as três pessoas da trindade aparecem juntas, comprovando a existência de três pessoas distintas. Dentre estas passagens as duas mais significativas são:

1ª.) – A fórmula batismal em nome do Deus trino, colocada nos lábios dos apóstolos pelo próprio Cristo – Mat. 28:19.

"Há três pessoas viventes no trio celestial, no nome destes três poderes (o Pai, o Filho e o Espírito Santo), aqueles que por uma fé viva recebem a Cristo são batizados ... os três grandes poderes do céu são testemunhas, são invisíveis, mas presentes". Manuscrito 57, 1900 SDABC, Vol. VI, página 1074.

2ª.) – A bênção apostólica de II Cor. 13:13 onde atributos diferentes são atribuídas a cada pessoa da Divindade.

No Velho Testamento estudiosos têm apresentado Isaías 48:12-16 como uma prova para a Trindade, pois quem fala é Cristo, mas há o relato de mais dois seres.

O verso 16 declara: "... o Senhor Jeová Me enviou e o Seu Espírito".

A tradução da Bíblia feita por Figueiredo traz a seguinte nota ao pé da página sobre este verso: "Esta cláusula mostra que quem aqui fala de si, não é Isaías, como querem os rabinos, mas o Filho de Deus, anunciando a Sua encarnação. (Vol. III, p. 136).

Além destas a trindade é evidente nas seguintes passagens: João 14:16; Efés. 4: 4-6; 1 Pedro 1:2; Judas 20-21.

O ESPÍRITO DE PROFECIA E A TRINDADE

Existem categóricas declarações da pena inspirada sobre três pessoas da Trindade, como nos indicam as seguintes:

"Há três pessoas vivas pertencentes à trindade celeste; em nome destes três grandes poderes - o Pai, o Filho e o Espírito Santo - os que recebem a Cristo por fé viva são batizados, e esses poderes cooperarão com os súditos obedientes do Céu em seus esforços para viver a nova vida em Cristo." – *O Evangelismo*, p. 615.

"Mantende-vos onde os três grandes poderes celestes, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, sejam a vossa eficiência. Estes poderes operam com quem se entrega irrestritamente a Deus".

The Southern Watchman, 28-2-1904, p. 122.

"A nossa santificação é obra do Pai, do Filho e do Espírito Santo. É o cumprimento do concerto que Deus fez com os que com Ele se unem, para permanecerem com Ele, com Seu Filho, e com o Espírito Santo em santa comunhão". – *The Signs of the Times*, 19 de junho de 1901.

Três Dignitários Eternos – "Os eternos dignitários celestes - Deus, Cristo e o Espírito Santo - munindo-os [aos discípulos] de energia sobre-

humana, ... avançariam com eles para a obra e convenceriam o mundo do pecado." – *O Evangelismo*, p. 616.

A citação de **Deut. 6:4** – "Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor" como prova do unitarismo divino ou contra a Trindade requer uma explicação.

Devemos fazer distinção entre duas palavras hebraicas: *ekhad* que significa união, do verbo *yakhâd* = unir; e *yakhid*, que quer dizer solitário, só um, unicamente. Em Deut. 6:4 se encontra אֶחָד - *ekhad*, mas em Gên. 22:2, 12, 16 a palavra usada é *yakhid* (Nota: Estas palavras hebraicas têm sido transliteradas de outras maneiras como erad, yarad e yarid; echad, yachad e yachid).

Uma tradução de Deut. 6: 4 mais consentânea com o original hebraico seria: - Deus, Jeová é unido, ou os Deuses Jeová são unidos.

É útil ainda sabermos que em hebraico existe uma unidade simples ou absoluta e uma unidade composta. Em Gênesis 22:2, 12, 16 há referências a uma unidade simples – *yakhid*, mas em Deut. 6:4 a unidade é composta - *ekhad*. Logo Deut. 6:4 traduzido com mais fidelidade do original hebraico ficaria assim: "Ouve, ó Israel: Jeová nosso Deus, é Jeová único composto,

Em Gên. 2:24 temos a afirmação tornando-se os dois uma só carne - *bosor ekhad*. Será que os dois são um quantitativamente? Não. Eles são um na unidade de propósito, de ideal... A unidade do marido e da esposa está na unidade dos corpos, na comunidade de interesses e uma reciprocidade de afeições.

A passagem de I João 5:7, que aparece em algumas traduções: "Porque três são os que testificam no céu: o Pai, a Palavra e o Espírito Santo, e estes três são um" não deve ser usada para provar a Trindade, porque todas as evidências textuais nos provam que não aparece nos manuscritos gregos anteriores ao século XVI. A Crítica Textual tem chegado a algumas conclusões sobre esta passagem. Dentre estas a mais

viável para mim seria a seguinte: Considerando que não se encontra nos manuscritos unciais e na quase totalidade dos cursivos; considerando que não aparece em todas as versões antigas, com exceção da latina; considerando que nunca foi citada pelos Pais da Igreja, em seus escritos, em defesa da doutrina da Trindade, conclui-se que, inegavelmente foi uma interpolação posterior

"As Três testemunhas celestiais" ou Comma Joanina, como é conhecida pela Crítica Textual, surgiu segundo tudo indica de um comentário exegético que um copista colocou, à margem, do texto que estava copiando. Um copista posterior, achando que eram palavras próprias para o contexto, as inseriu na cópia que estava fazendo, mas por legítimo direito não pertencem ao texto sagrado.

NOTA: Antes de concluir que quem escreveu isto está ensinando heresias seria bom estudar bem o assunto; inclusive nos livros adventistas como:

Problems in Bible Translation e o *Comentário Adventista* para concluir que estamos escudados em fatos e não em cogitações.

Seria ainda de bom alvitre que todos os que se interessam pelo estudo da Bíblia, tivessem noções de Crítica Textual Bíblica. As ponderações que tenho recebido neste sentido não me têm impressionado muito, porque já há bastante tempo sei que a ignorância está ao alcance de todos, mas não o saber.

QUADRO SUCINTO DA TRINDADE

Este quadro foi apresentado por Arnaldo Christianini em *Radiografia do Jeovismo*, pág. 86.

	PAI	FILHO	E. SANTO
1. É Deus	Isa. 40:28; Êxo. 20:2 e outros.	Rom. 9:5; S. João 1:1;	Atos 5:3 e 4 ú.p.;
2. É eterno	Gên. 21:23; Sal. 90:2.	Miq. 5:2; Isa.9:6.	Heb. 9:14.

3. É Criador	Isa. 42:5; Atos 17:24.	João 1:3; Heb. 1:10.	Gên. 1:2; Sal. 104:30; Jó 33:4.
4. É onisciente	Prov. 15:3; Sal. 33:13.	S. Mat. 9:4; S. João 2:25.	I Cor. 2:10, 11; Isa. 40:13, 14;
5. É onipotente	Gên. 28:3; Apoc. 1:8.	S. Mat. 28:18.	Salmo 139.
6. É onipresente	Sal. 139:1, 8.	S. Mat. 18:20; S. Mat. 28:20.	Sal. 139:7-10.
7. É Senhor	Sal. 86:12; Ezeq. 13:20.27.	S. Mat. 14:22; S. Mar. 16:29.	II Cor. 3:17, 18.
8. É Recriador	Isa. 65:17.	II Cor. 5:17.	S. João 3:6.
9. Tem mente	Rom. 11:34.	I Cor. 2:16.	Rom. 8:27.
10. É Jeová	Isa. 40:28, etc.	Ver "Cristo identificado com Jeová"	Atos 28:25 com Isa. 6:3, 9,10.
11. É santo	Isa. 6:3; 5:16; Apoc. 4:8.	Atos 3:14; S. Luc. 1:35.	II Cor. 13:13, e inúmeros.
12. É a Verdade	Jer. 10:10; Zac. 8:8.	S. João 14:6.	I S. João 5:6 ú.p.; S. João 16:13.
13. Revela	Dan. 2:28.	S. Mat. 11:27; S. João 1:28.	I Cor. 2:10; Efés. 3:5.
14. É Presciente	Isa. 46:10.	S. Mat. 24:5-41; S. Luc. 22:31.	Atos 1:16; Heb. 9:8; II S. Ped. 1:21.

Do exposto chega-se a uma tríplice conclusão:

1ª. Se as Escrituras Sagradas chamam tanto o Pai, quanto o Filho e o Espírito Santo de Deus, é porque há três seres, formando portanto uma Trindade.

2ª. Jamais deve ser esquecido o fato de que seus autores eram na maioria judeus, portanto intransigentes defensores do monoteísmo.

3ª. A doutrina da trindade não é uma verdade insignificante, porém a mais profunda e extraordinária das revelações de Deus. A revelação desta verdade constitui a base de todas as outras grandes revelações

divinas. Deus é na verdade uma Unidade, ou quem sabe com uma expressão que transmita melhor a idéia original de Deut. 6:4, é uma triuniformidade ou Trindade.

A tradução de Fenton que melhor procurou transmitir a idéia contida no original em Deut. 6: 4 assinala: "Nosso Deus sempre vivente é uma Vida Indivisa".

Seria interessante destacar que fala de uma "Vida Indivisa" e não de uma Pessoa Indivisa.

NOMES PARA DEUS

Como bem demonstrou o Prof. Fidelino de Figueiredo no livro *A Luta pela Expressão*, na página 142, é difícil ou quase impossível ao ser humano nomear a Deus.

Seria interessante o conhecimento da origem do nome Deus. Deus é de origem latina e formado da mesma raiz do sânscrito div, que significa - luz, claridade. O nosso vocábulo cognato dia nos comprova o seu significado.

"Os hebreus antigos, como a maioria dos povos da antigüidade, davam extraordinária importância aos nomes de pessoas e de lugares, emprestando-lhes uma virtude mágica, especialmente aos nomes sagrados. Para os judeus o nome ou nomes de Deus tinham uma significação muito mais profunda do que têm para nós.

"Em vista da natureza absolutamente transcendente, única e infinita de Deus, é evidente que é de todo impossível expressá-la adequadamente, por qualquer nome por mais rico de significado que ele seja. Portanto todos os nomes de Deus devem ser sempre concebidos como apelações imperfeitas, incompletas, analógicas ou metafóricas".

Dicionário Prático, pág. 75. Adicionado à Bíblia Sagrada, Edição Barsa para a Família Católica.

Estudando os nomes da Bíblia, percebemos logo que não são como hoje mera legenda de identificação, mas uma expressão da natureza de seu portador.

Aqui se encontram algumas idéias extraídas do Dicionário Enciclopédico da Bíblia, sob o verbete nome.

"Na concepção de povos antigos e primitivos o nome não é apenas aquilo que caracteriza alguém e o distingue de outros, mas também uma parte essencial de sua pessoa: o que não tem nome não existe (Ecl. 6:10); um homem sem nome é um homem insignificante, desprezível (Jó 30:8). Julgava-se que o nome devia corresponder à essência ou pelo menos a uma qualidade da pessoa (I Sam. 25:25 "ele é o que o seu nome indica"). Essa íntima relação entre o nome e a pessoa explica diversas concepções.

"O nome é como que um sócio da pessoa; onde está o nome, aí está a pessoa (Jer. 14:9 "Estais no nosso meio, o vosso nome foi invocado sobre nós). Por isso nome pode ser equivalente de pessoa (Números 1:2-42; Apoc. 3:5, 12).

"Quando o nome de alguém é pronunciado sobre um objeto, então esse torna-se intimamente ligado à pessoa nomeada, ou torna-se sua

propriedade. Se Joabe pronunciasse seu nome sobre a cidade conquistada de Rabá essa lhe pertenceria (II Sam. 12:28)

"Quando alguém pronuncia sobre outrem o nome de um ser poderoso, garante-lhe a sua proteção. Quando o sacerdote abençoa, ele 'põe' o nome de Javé sobre o povo, e Javé abençoa realmente (Num. 6:27). O nome de Javé protege contra todo mal (Sal. 20:2; Prov.18:10), sobretudo contra maus espíritos, e é um meio para expulsá-los (confira Luc. 9:49; Atos 19:13). Os judeus posteriores não ousavam mais pronunciar o nome de Deus.

"Quem conhece o nome de alguém tem poder sobre ele e pode obrigá-lo à vontade. Por isso muitos primitivos, e às vezes os espíritos (Gên. 32:20; Juízes 13:6) não revelam seu nome.

"Essa crença na força do nome e sua íntima ligação com a pessoa tem um papel importante na feitiçaria e nas superstições de todos os tempos e povos, e não menos nas religiões politeístas. Nessas últimas é absolutamente necessário conhecer o nome da divindade que se pretende invocar; pronunciar esse nome em voz alta é parte essencial do culto; só desta maneira pode-se atrair a atenção da divindade e receber sua ajuda (confira I Reis 18:26-28). Isso reflete no antigo termo bíblico para o culto de Javé: 'invocar o nome de Javé (Gên. 4:26; 12:8; 13:4 etc.)'."

O termo hebraico mais comum para nome é "shêm", que também pode ser traduzido por pessoa. A origem deste nome é incerta e obscura. A palavra nome em grego "ónoma", é da mesma raiz da palavra "nus" – mente, inteligência e do verbo "guinosco" – saber, conhecer.

Outro termo usado em hebraico para nome é "zeker" – lembrança, memorial – Salmo 30:4

O nome de uma pessoa no texto bíblico revela seu caráter.

Cada um dos nomes de Jesus ou de Deus salienta um aspecto diferente de seu caráter.

"Os nomes para a Divindade não são meros vocábulo abstratos, antes, expressam a Sua natureza e vários de seus atributos. Discorre sobre o assunto e conclui que a variedade de nomes com que Deus se

revela nas Escrituras se explica pela multiplicidade de atributos que enaltecem a Sua pessoa." – *Logos Eterno*, 11-12.

De acordo com o Comentário Bíblico Adventista: "Os títulos de Deus, como apresentados nas Escrituras, revelam seu caráter e atributos como Deus".

Se os nomes da Divindade revelam o caráter e os atributos das pessoas divinas, logo os títulos de Deus são uma expressão ou revelação de Deus em sua relação pessoal com o homem, através do plano da salvação. Lendo Salmo 9:10 e São João 17:6, 26 conclui-se que conhecer o nome de Deus é conhecer a Deus como Ele se tem revelado.

Aqui se encontra um simples estudo dos nomes para Deus seguindo mais ou menos a ordem de importância, conforme o seu aparecimento na Bíblia.

Não tem sido fácil chegar a um acordo satisfatório de quantos nomes são usados na Bíblia para designar a Deus. Alguns comentaristas mencionam apenas três (Jeová, Eloim e Adonai); outros apresentam sete nomes: três expressando sua relação com a criação (Eloim, El e Adonai); três apresentando os mais importantes aspectos de sua perfeição intrínseca (Shadai, Elyon e Qadosh) e um nome "o mais próprio" de Deus, manifesta a essência divina – Jeová. Acontece que além destes sete se encontram ainda: Baal, Eloah e as formas compostas – El Shadai, El Elyon, El Sur, Jeová Sabaoth (Senhor dos Exércitos).

Deve-se ter em mente que na Bíblia há duas espécies de nomes para Deus: os próprios e os simbólicos ou metafóricos, como (Sur), Rei, Pai, Fogo, Luz, Leão e outros.

NOMES PROPRIOS

JAVÉ ou JEOVÁ

Este é o título mais comum no Velho Testamento para Deus pois aparece segundo os estudiosos 6.823 vezes. Javé é um substantivo

derivado da terceira pessoa do singular masculino do verbo ser e significa "Aquele que é" ou "Ente" conforme Êxodo 3:14. Este nome quer dizer - o Ser que com existência própria se revela aos homens.

O SDABC, Vol. I, p. 172 declara a propósito:

"Tem havido grande divergência entre os eruditos a respeito da origem, pronúncia e significado da palavra YHWH. Provavelmente YHWH é uma forma do verbo hebraico 'ser' e neste caso significa 'Eterno' ou 'O que existe por si mesmo'."

Existem muitas sugestões entre os estudiosos sobre a tradução dessa palavra:

- a) Logarde diz que significa "O executor das promessas de Deus".
- b) Kuenen - "Aquele que é a causa de nossa existência – o Criador".
- c) Schrader - "Aquele que dá vida".
- d) S.D.A.B.C. - "O Eterno".

O *Journal of Biblical Literature*, Dezembro de 1949, páginas 301 a 324 afirma que JHVH, na realidade, é o particípio causativo (Hifil) do verbo **hayah** (ser) e quer dizer – aquele que sustenta, mantém ou estabelece. Inicialmente a palavra foi usada como um epíteto isto é, como "magno" em Carlos Magno. Jeová Eloim, por isso, quer dizer - Deus, o Sustentador, etc. Mais tarde o sentido original se perdeu e a palavra foi usada apenas como um nome próprio.

Nome sagrado de Deus revelado a Moisés no Monte Horebe (Êxodo 3:13-15) e que em hebraico era escrito com quatro consoantes: o "iode", o "hê", o "vau" e novamente o "hê", conhecidas como YHWH, algumas vezes transliteradas com JHVH.

Nas línguas semitas, inicialmente, só se conheciam as consoantes das palavras; as vogais se deduziam mais ou menos pelo contexto ou eram simplesmente guardadas de memória. Mais tarde quando o hebraico foi deixado de ser língua falada por muitos dos hebreus, fez-se necessária a criação de sinais gráficos também para as vogais. Estes sinais foram criados pelos massoretas, mais ou menos no sexto século e

colocados em baixo e em cima das consoantes¹ para não haver alteração do texto primitivo.

Quando, porém, foram introduzidas as vogais, já era costume não mais se pronunciar o nome de Deus, Javé, por respeito a tão sagrado e supersticioso escrúpulo de o profanar. Assim, quando na leitura, um judeu o encontrasse, deveria pronunciar Adonai (Meu Senhor). Para lembrar isto ao leitor, foram colocadas as vogais de Adonai nas quatro consoantes de Javé. Jeová é uma forma artificial absurda, que não existiu antes de 1500, porém resultou da leitura das consoantes YHWH com as vogais da palavra Adonai.

Pelo fato de ter quatro letras, YHWH, este nome é conhecido como o tetragramaton ou o tetragrama sagrado.

Alguém mais perspicaz poderá indagar, mas como as vogais a-o-a-i de Adonai apareceram e-o-a em Jeová? Estas alterações se devem às leis fonéticas. O primeiro a é uma vogal brevíssima que com as guturais tem o som de a, mas com as outras consoantes o som de e. O i final só poderia ser colocado com o acréscimo de outra consoante, idéia inadmissível a um judeu.

As Testemunhas de Jeová se arrogam o direito de serem restauradoras do nome de Jeová, nome que segundo elas foi desprezado e alterado pelos "religionistas". Embora seja o mais usado para designar a Divindade, de modo nenhum é o único e exclusivo da Bíblia, como estamos vendo.

Como bem afirmou Arnaldo B. Christianini:

"Se os neo-russelitas pretendem hoje restaurar a pronúncia *Jeová* estão construindo uma fábula, pois procuram restaurar uma coisa incerta. Se querem restaurar um fato sobre a usança do tetragrama deveriam evitar de pronuncia-lo, substituindo-o pela palavra *Senhor*, o que se estabeleceu na cristandade. Se pretendem restaurar tão somente o tetragrama então deveriam grafar apenas as consoantes YHVH em suas 'traduções da Bíblia' ficando como uma expressão impronunciável."

¹ Apenas a consoante yau recebeu vogal em seu interior, porque fora antes uma consoante vocálica.

Jeová é o nome inefável, o nome por excelência, o nome incomunicável, por isso os judeus, ao escrevê-lo mudavam de pena.

Maimônides diz que todos os nomes de Deus que aparecem nas Escrituras são derivados de suas obras, com exceção de um e este é Jeová.

ELOIM

Este nome se encontra no primeiro capítulo de Gênesis 28 vezes, e em todo o Velho Testamento mais de 2.500.

Alguns críticos têm afirmado que o uso dos nomes Eloim e Javé ou Jeová nos indicam autores diferentes no livro de Gênesis, mas esta afirmação é improcedente. Indubitavelmente alguns escritores preferem usar um nome e outros o outro. Isto é demonstrado por uma comparação dos textos paralelos de Reis e Crônicas. Tomando os livros como eles aparecem, o ponto importante a observar é que os vários nomes de Deus são usados pelos vários escritores sagrados alternadamente, como para mostrar os diversos aspectos do seu caráter e dos seus atributos. Por exemplo, o primeiro capítulo de Gênesis coloca a criação como um ato de poder então a palavra Eloim é sempre usada.

Eloim é plural de Eloah, formado da mesma raiz das palavras poder, habilidade, força, por isso o termo é usado para Deus como o Criador em Gênesis 1:1. Eloim inclui a plenitude da Divindade. "Seu uso no plural tem levado alguns a quererem provar por ele a doutrina da Trindade". SDABC. Segundo outros este plural é chamado "plural de majestade". Sabemos que o plural nas línguas semitas servia como uma espécie de superlativo ou de sinal de intensidade. Por exemplo a palavra céu aparecia sempre na forma plural para designar sua majestade ou extensão. O mesmo acontece com a palavra mar.

ADONAI

O significado principal de Adonai é "Meu Mestre" e é aplicado nas Escrituras tanto aos homens como a Deus. Quando usado para Deus a palavra se refere a Ele como nosso Deus, nosso possuidor legal. (Veja Êxodo 4:10-12).

Outras fontes dizem que significa: governador, o juiz poderoso, aquele a quem todas as coisas estão sujeitas e a quem o homem se sujeita como servo, Deriva-se de "dún" - julgar, governar e se encontra 300 vezes no Velho Testamento.

É basicamente um título honorífico, normalmente usado como um título de cortesia e respeito, dirigindo-se a um superior, como em português – Senhor, Vossa Senhoria, Vossa Majestade. Bastante usado quando alguém se dirigia a um rei (I Samuel 24:8); por uma esposa a seu marido (Gên. 18:12); por uma filha a seu pai (Gên. 31:35); por um escravo a seu senhor (Gên. 24:12).

Algumas vezes ajunta-se com YAVÉ e os dois são traduzidos Senhor Deus (Êxodo 23:17); como também com ELOIM, Senhor Deus (Salmos 35:23).

A forma hebraica é "Adon", mas quando o título se refere a Deus é vocalizada Adonai, como um plural de Majestade, que literalmente seria - Meus Senhores, mas no sentido usual significa "Meu Senhor", sendo ainda traduzido simplesmente por "Senhor".

O título mostra a realidade de que Deus é o dono de cada membro da família humana, e que Ele conseqüentemente pede irrestrita obediência de todos. É primeiro usado para Deus em Gênesis 15:2, 8 e 18. É raro no Pentateuco e nos livros históricos mas freqüente nos Salmos, Isaías, Jeremias, Ezequiel, Daniel e Amós.

Quando encontramos o título "Senhor dos Senhores", as palavras literalmente significam "Mestre dos Mestres", isto é divino Mestre, o Mestre por excelência.

Há dois princípios inerentes nesta palavra:

1º.) O direito legal que possui o mestre para a obediência do servo (S. João 13:13; S. Mat. 23:10; Luc. 6:46).

2º.) O direito moral do servo de receber direção e conselho do Mestre (Isa. 6:8-11).

EL

Ocorre umas 250 vezes de acordo com as Notas Explicativas da Bíblia Vida Nova, p. 331.

É a mais antiga e mais espalhada designação da divindade entre os povos semitas, encontrando-se em formas várias em praticamente todas as línguas semitas.

Embora sua origem seja incerta, parece estar relacionada com uma raiz primitiva, que significa ser forte. Representa Deus revelando-se em seus atos poderosos na criação. Também significa poder, sentido preservado em expressões idiomáticas, como "as montanhas de El" (montanhas poderosas) Salmos 36:6; 80:10. O El da minha mão é traduzido como o poder da minha mão Gên. 2:29.

Este nome é usado para Deus mais de 200 vezes, com o significado de campeão ou herói do seu povo, como pode ser visto em Isa. 9:5; 10:21; Sal. 36:7.

El era um elemento formativo de antropônimos bastante apreciado pelos povos semitas, como nos provam muitos nomes bíblicos.

Aplicado ao homem, tem o significado de "herói poderoso" como nos indica o nome Nabucodonosor (Ezeq. 31:11).

Ismael – Quem ouve a Deus;

Samuel – Pedido a Deus;

Daniel – Deus é meu juiz;

Ezequiel – Fortalecido por Deus;

Israel – Vencedor - Soldado de Deus;

Rafael – Medicina de Deus.

SHADAI

Derivado de uma raiz que significa "ser violento" ou "empregar a força" comumente é traduzido por "poderoso" ou "onipotente" quase sempre com o artigo (o onipotente) ou combinado com El (De onipotente).

A LXX a traduz pelas palavras $\epsilon\theta\epsilon\acute{o}\varsigma$ – theós, $\kappa\upsilon\rho\iota\acute{o}\varsigma$ – Kírios e $\pi\alpha\tau\epsilon\rho\acute{o}\varsigma$ – pantocrátor, Deus, Senhor e Todo Poderoso. Em 5 passagens nós achamos $\sigma\upsilon\phi\iota\sigma\tau\acute{o}\varsigma$ – hicanós que pode ser traduzido por Todo Suficiente. Jerônimo adotou a palavra Onipotente Todo-poderoso, e outras versões têm seguido a sua orientação.

O título Shadai realmente indica a plenitude e riqueza da graça de Deus e relembra ao leitor hebraico que de Deus provém toda a boa e perfeita dádiva, que Ele nunca se cansa de derramar Suas misericórdias sobre o Seu povo, e que Ele está mais disposto a dar do que eles estão para receber. A palavra está relacionada com a raiz que significa seio, peito e com esta idéia se aproxima da nossa palavra exuberância. Talvez a expressiva palavra abundante deverá comunicar o sentido mais exato. Esta idéia é confirmada verificando-se algumas passagens onde a palavra aparece designando a Deus como abundante doador. A primeira passagem onde ela aparece, Gênesis 17:1, El Shadai confirma a declaração anterior. Pode-se ler ainda Gênesis 28:3 e 35:11.

Sua etimologia é incerta, mas existem duas conjecturas a este respeito:

1ª.) Já mencionada acima como proveniente da palavra shad, que se refere ao peito de uma mulher. Há aqui uma linda metáfora, isto é, que Deus se esvazia de sua própria energia, ao cuidar dos seus filhos, da mesma maneira de uma mulher que amamenta o seu filho.

2ª.) Seria proveniente do verbo shadad que significa "ser forte".

ELION

O que é alto, o que é elevado. Deriva-se de um verbo que significa subir, por isso traduz-se por "o altíssimo" ou expressões semelhantes. Designa a Deus como "Alto e Exaltado Senhor".

Elion é um sinônimo para Javé (Deut. 32:8-9; II Sam. 22:14; Salmo 7:17).

Na profecia de Balaão em Num. 24:16 três diferentes palavras hebraicas são usadas para a Divindade: "El", Shadai" e "Elion".

QADOSH

Significa "Santo", aparecendo principalmente nos profetas, especialmente, Isaías, e designa a preeminente santidade e pureza de Deus.

BAAL

Dono, senhor, possuidor – divindade adorada em todas as povoações fenícias e em Canaã. Os cananitas criam que Baal ou os Baalins habitavam em árvores santas, nas fontes, montanhas, rochas, por isso falavam destes locais como Baal; Baal-Peor (Num. 25:3,5; Deut. 4:3); Baal-Hermom (Juízes 3:3). Cada região cultivada possuía seu próprio Baal que, segundo a crença fecundava a terra por meio de suas fontes e a quem como dono divino se devia tributo.

Baal sendo adorado por todas as nações circunvizinhas de Israel, exercia grande atração sobre os israelitas, por isso várias vezes lhe deram um culto ímpio, fazendo com que Deus os castigasse com terríveis flagelos.

Embora seja no Velho Testamento uma designação para deuses pagãos, é também aplicado a Jeová. SDABC - Vol. I página 173.

ELOAH

Forma que quase só aparece em poesia. Tem o mesmo sentido de El.

Acham alguns que esta forma é o vocativo singular do plural Eloim. Aparece 42 vezes no livro de Jó e somente 15 vezes em todo os outros livros do Velho Testamento. A palavra aparece com mais freqüência no período do exílio e após ele.

Tem havido longo debate sobre a etimologia desta palavra. Alguns sustentam que a sua raiz quer dizer "poder" ou "força" e justificam esta atitude com o fato de que ela aparece na sua forma plural em Gênesis 1 na história da criação – a maior evidência d poder de Deus. Outros defendem que a sua raiz significa temor, reverência, pelo fato de existir uma raiz semelhante em árabe. Esta etimologia não é muito aceita pelos estudiosos.

EL SUR

A palavra hebraica "Sur" significa rocha. Este termo é uma figura de retórica tirada do cenário palestino para retratar a permanência e a força divinas (Isa. 32:2). Deus é a Rocha de Israel (II Sam. 23:3; Isa. 30:29), e a Rocha Eterna (Isa. 26:4).

EL SHADAI

Seu significado provavelmente seja - Deus das montanhas, Deus Todo-poderoso. O Comentário Adventista, Vol. I página 171 afirma: "Este título sugere a abundante benignidade de Deus, a generosidade temporal e espiritual com que Deus enriquece Seu povo".

Este vocábulo se refere a Deus como aquele que possui todo o poder no céu e na Terra. El Shadai aparece, apenas nos livros de Gênesis e Jó, ocorrendo neste último 25 vezes.

Há vários nomes próprios na Bíblia contendo Shadai. Núm. 1:6, 12.

SENHOR DOS EXÉRCITOS

A expressão hebraica "Javé Sebaoth" tem levantado sérios problemas na mente dos teólogos quanto a sua exata significação. Literalmente a expressão significa - Deus dos exércitos, levando alguns a concluírem que Ele é o comandante-chefe ou o Deus da guerra. Salmo 24:8 expressa esta idéia: "O Senhor, forte e poderoso, o Senhor, poderoso nas batalhas".

Embora Deus apareça lutando a favor do seu povo – Êxodo 14:14; Deut. 1:30; Jos. 10:11; Salmo 18:14 e em muitas outras passagens, segundo teólogos do Velho Testamento a idéia de Deus como o Deus da guerra é secundária em Israel. A idéia primeira e mais aceitável é que Deus é Senhor e Rei de todo o universo (I Sam. 11:12; Salmo 5:3; 10:16; 47:3; 74:12 etc.)

Muitas passagens do Velho Testamento poderiam ser citadas para mostrar que "Javé Sebaoth" expressa o poder soberano de Deus sobre a Terra, por exemplo Isaías 37:16.

Este título sugere o total controle e o domínio absoluto de Deus sobre todo o universo - Salmos 24:9, 10; 46:7; 48:8.

Algumas passagens bíblicas nos dão a entender que este é o mais sublime título entre todos os estudados. II Sam. 7:26; Sal. 46:7; 48:8; Zac. 2:9.

Este título é freqüentemente usado nos profetas menores, e com especial referência à majestade de Deus, algumas vezes também com referência ao Seu cuidado com Israel como por exemplo, em II Sam. 7:26; Sal. 46:7; 48:8; Zac. 2:9. Provavelmente o nome deveria indicar para o judeu que Deus era um Ser que tinha muitas agências materiais e espirituais no Seu comando, e que o universo da matéria e o mundo da mente, não foram unicamente criados, mas também ordenados e guiados, por Ele; que "conta o número de estrelas, e chama-as todas pelos seus nomes". (Sal. 147:4; Isa. 40:23).

OUTROS USOS DE JAVÉ

a) Javé Jireh

Abraão chamou o lugar no Monte Moriá, onde ia sacrificar Isaque - Javé Jireh - O Senhor proverá, o Sustentador proverá. Gên. 22:14.

b) **Javé Nissi**

Moisés denominou o altar construído para lembrar a vitória sobre Amaleque de Javé Nissi - o Senhor é minha bandeira, isto é, o Sustentador da minha bandeira. Êxo. 17:1.

c) **Javé Shalom**

Nome dado por Gideão ao altar construído em Ofra para lembrar a ordem divina para atacar os midianitas. O Senhor é paz, ou aquele que sustenta a minha paz. Ju12es 6: 23-24.

d) **Javé Tsidkenu**

Jeremias aplica este título simbólico ao Messias - Jer. 23:6

"O Senhor, Justiça Nossa", isto é o mantenedor da nossa justiça.

Temos aqui um excelente texto para provar a doutrina da justificação pela fé no Velho Testamento.

e) **Javé Shamá**

Ezequiel fecha o seu livro com uma chave de ouro, declarando que o nome de Jerusalém, após a sua restauração seria – O Senhor está ali. Ezeq. 48:35.

O Senhor está presente. Boa sugestão para um sermão ou sermonete de casamento. Veja SDABC. Vol. IV p. 739.

EL OLAM

Este é outro título para Deus, com o significado de Deus Eterno.

PAI

Já era usado para Deus no Velho Testamento, como nos mostram Isaías 63:16; 64:8 e Malaquias 1:6; 2:10, mas apenas no Novo Testamento adquiriu seu pleno significado, tornando-se nome próprio, de Deus.

O nome hebraico "Pai" - "Ab" aparece em muitos nomes bíblicos:

Abimeleque - O Rei (Divino) é meu Pai

Abigail - Pai da alegria

Absalão - Pai da Paz

Abner - Pai da luz

Acabe - O irmão é Pai

Abraão - Etimologia incerta, talvez - O Pai é exaltado.

REI

No antigo mundo semítico era comum a prática de dirigir-se a divindade como Rei. Deus é apresentado como Rei de Israel (Juízes 8:23). No Salmo 24 o Senhor é adorado como Rei da Glória. Em Isaías 6:5 Jeová é o Rei por excelência.

Há ainda outras expressões figuradas que identificam a Deus:

O Ancião de Dias - Dan. 7:9,13, 22

O Primeiro e o Último - Isaías 44:6; 48:12

O Deus Vivo - para contrastar com outros deuses. I Sam. 17:26; Jer. 10:10

Como afirmou Sabatini Lalli: "Os nomes de Deus no Velho Testamento não são meros vocábulos abstratos, mas expressam a Sua natureza e vários de Seus atributos. Cada nome com que Deus se dá a conhecer no decurso da Revelação tem um significado".

Logos Eterno, pág. 27.

Vincent em *Word Studies in the New Testament*, Vol. I p, 150 tem o seguinte comentário sobre o nome de Deus usado no Pai Nosso:

"O nome, como na Oração do Senhor (santificado seja o teu nome) é a expressão da soma total do Ser divino, não sua designação como Deus ou Senhor, mas a fórmula na qual todos os seus atributos e

características são sintetizados. É equivalente a sua pessoa. A mente finita pode tratar com Ele somente através do seu nome; mas seu nome não deve ser usado separado da sua natureza. Quando alguém é batizado no nome da Trindade, ele professa reconhecer e apropriar-se de Deus em tudo aquilo que Ele é e em tudo o que Ele faz pelo homem. Ele reconhece e depende de Deus o Pai como seu Criador e Preservador; recebe a Jesus Cristo como seu único Mediador e Redentor, e seu modelo de vida; e admite o Espírito Santo como seu Santificador e Confortador".

Deste estudo conclui-se que a Bíblia atribui vários nomes à Divindade, todos válidos e solenes, portanto é improcedente a pretensão das Testemunhas de Jeová pretenderem dogmatizar que o nome da Divindade seja expresso por um único título.

NOMES PARA JESUS

"Se há um nome que seja mais doce que outro aos ouvidos do crente, é o nome de Jesus. Jesus! A vida de todos os nossos gozos. Jesus! É o nome que arranca melodias de todas as harpas céu. Se existe um nome mais encantador e mais precioso que outro, é este. Vai entretido em todas as nossas expressões de louvor. Muitos dos hinos que cantamos com ele começam, e quase todos o nomeiam em alguma estrofe. É o resumo de todo o gozo. É a música dos sinos celestes; é um hino em uma palavra; é um oceano para a compreensão, conquanto seja uma gota em brevidade; é um oratório inigualável em duas sílabas; uma reunião das aleluias da eternidade em cinco letras."

Carlos H. Spurgeon, apud Walter Read, *Ministério Adventista* - Novembro e Dezembro de 1958, página 6.

SEUS NOMES NO VELHO TESTAMENTO

a) "O Seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro, Deus forte, Pai da eternidade, Príncipe da paz". Isa. 9:6. Os antigos rabinos consideravam

este texto como messiânico. Lemos: "Seu nome desde antanho Admirável, Conselheiro, Deus forte, o que vive eternamente, o Ungido (Messias)". – J. F. Sternning, Targum of Isaiah , página 32.

b) "Eis aqui o homem cujo nome é Renovo" Zac. 6:12. Em Zac. 3:8 também é mencionado o "Renovo" como "o Meu Servo", e em Jeremias 23:5 lemos "Levantarei a Davi um Renovo justo e sendo rei, reinará e prosperará".

No Targum, lemos em Jer. 23:5 - "Levantarei a Davi o Messias, o Justo".

c) "Este será o Seu nome, com que o nomearão: O Senhor Justiça Nossa". (Jer. 23: 6).

Muitos judeus antigos reconheceram neste passo uma referência ao Messias. (A respeito do Messias, está escrito: este será o nome pelo qual será chamado, o Senhor, justiça nossa").

(Talmud Baba Bathra 75 b) - *Ministério Adventista*, novembro-dezembro de 1958, página 7.

Das 6.823 ocorrências do nome Javé no Velho Testamento muitas se referem claramente ao Verbo, que encarnado, tornou-se Jesus Cristo, o Messias.

Note bem as declarações seguintes porque são provas inquestionáveis da Divindade de Cristo.

A palavra Javé do Salmo 102:22 e 25 é aplicada em Heb. 1:10-12 a Cristo. O mesmo nome divino (Javé) usado em Habacuque 2 e 3, para Deus é aplicado a Cristo em Hebreus 10:37.

O Novo Testamento faz várias alusões ao Verbo como o Criador de todas as coisas e em Isaías 45:18 Javé é mencionado como Criador.

OS NOMES DIVINOS DE JESUS

1º) É chamado Deus e Senhor Jesus Cristo.

"A graça de nosso Deus e do Senhor Jesus Cristo". II Tess. 1: 12.

Robertson afirma: "Aqui a estrita sintaxe requer, posto que há um único artigo com os substantivos Theou e Kiriou, que se faça referência a uma única pessoa, Jesus Cristo".

Deve aceitar-se este mesmo critério com as passagens de Tito 2:13 - "Do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo", e II S. Pedro 1:1 - "Do nosso Deus e Salvador Jesus Cristo".

2º.) **É chamado "Deus"**

"Mas, do Filho, diz: Ó Deus, o Teu trono subsiste pelos séculos dos séculos". (Heb. 1:8; ver Sal. 45:6).

3º.) **Outros Títulos**

A Jesus nosso Salvador foram dados outros nomes do Velho Testamento.

O Santo. O termo "Santo" refere-se a Jesus em vários passos do Novo Testamento (Atos 2:27; S. Mar. 1:24; S. Lucas 4:34; Atos 3:14, etc.), mas no Velho Testamento é empregado para falar de Jeová: "O Santo de Israel" Isa. 45:11. Também aparece em Isa. 47:4; 48:17; 49:7, etc.

Javé ou Jeová é um nome intraduzível, porque não existe um termo equivalente em outras línguas. Quando João o verteu para o grego, escreveu: "Aquele que era, que é e que há de vir".

Esta parte dos nomes divinos para Jesus, foi uma síntese do estudo de Walter Read, que apareceu no Ministério Adventista de Nov-Dez, de 1958, páginas 8 e 9.

Além destes nomes destacam-se no Novo Testamento:

a) **Jesus**. Mat. 1:21

O nome Jesus é uma transliteração do grego Iesus e este por sua vez vem do hebraico "Jeoshua", uma combinação de dois nomes "Ja" e "oshua". "Ja" é contração de Jeová, "Oshua" significa salvador ou salvação. Jesus portanto significa - Jeová é Salvação ou Jeová é o Salvador. As Testemunhas de Jeová devem atentar bem para esta significação.

Este era o nome original de Josué. Um escritor sugere que Josué recebeu o seu nome como comemoração antecipada do livramento que Deus o capacitara a realizar em favor de seu povo escolhido.

Quando aparecem juntos Jesus Cristo, isto indica que os dois nomes referem-se a Ele como o Ungido de Deus, o Salvador.

b) **Emanuel.** Mat. 1:23

Literalmente significa - Deus está conosco. Este nome não foi traduzido para o grego e para as línguas modernas, mas apenas transliterado. Ele vem de Isaías 7:14 e 8: 8.

c) **Cristo.**

A palavra "Cristo" é transliteração de um termo grego que significa "ungido". Cristo é a forma grega do hebraico - "Messias". Cristo é o particípio do verbo khrio - ungir. Transliteração é o processo de passar uma palavra de uma língua para outra, apenas quanto a sua maneira de soletrar.

d) **Messias.** Em hebraico - Ungido.

e) **Miguel.** Vem do hebraico Mickael, que significa - Quem é como Deus. Aparece apenas em passagens apocalípticas: Daniel 10:13; Judas 9 e Apoc. 12:7. O fato da palavra ser usada somente em exemplos onde Cristo está em conflito direto com Satanás, tem levado alguns estudiosos, e entre estes os adventistas, a defenderem que Miguel seja Cristo.

f) Nomes figurados. São bastante conhecidos de todos os estudantes da Bíblia: Alfa e Ômega, O Bom Pastor, A Porta, A videira e muitos outros.

COTEJO ENTRE OS NOMES APLICADOS A DEUS E A CRISTO

Pode ser observado em conexão com este assunto, que existem várias passagens no V.T. referindo-se a Jeová, que são adotadas no N.T. como cumprindo-se no Senhor Jesus Cristo. Assim em Joel 2:32, lemos "Aquele que invocar o nome de Jeová será salvo"; mas estas palavras são aplicadas a Jesus Cristo em Rom. 10:13.

S. João 12:41, depois de citar certa passagem de Isaías, que lá se refere à Jeová, afirma que era uma visão da glória de Cristo (Ver Isa. 6:9 e 10). Em Isa. 40:3 a preparação do caminho de Jeová é falado, mas João o Batista aplica a passagem como se referindo à preparação ao caminho do Messias.

Em Malaquias 3:1 parece ser uma identificação importante de Jeová como Messias, pois nós lemos "Jeová, a quem procuras virá repentinamente a seu tempo, mesmo o anjo do concerto em quem te deleitas."

Em Rom. 9:33 e I Ped. 2: 6-8, Cristo é descrito como uma pedra de fundamento e uma rocha eterna. Títulos que parecem ser dados a Jeová (Isa. 13 e 14), outra vez em Isa. 45:23-25, Jeová diz: "todo joelho se dobrará... diante de Jeová e toda a semente de Israel será justificada." Mas nós lemos em Filip. 2:9 que Deus "tem exaltado a Cristo Jesus acima nas alturas, e tem dado a Ele o nome que está acima de todo o nome e que ao nome de Jesus todo o joelho se dobre e cada língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor (seguramente Jeová) a glória de Deus o Pai."

Deveria ser profundamente interessante mostrar como cada um dos nomes de Deus encontra seu cumprimento em Cristo, que é a Palavra do Pai. Assim como Eloim, Cristo exerceu poder divino e também comunicou poderes sobrenaturais a outros. Como Shadai, Cristo era auto-suficiente, possuía riquezas insondáveis e estava sempre pronto a derramar seus benefícios sobre o homem. Como Elyon, Cristo foi exaltado na natureza moral e espiritual, e também, foi feito maior, ou melhor, mais alto do que os céus. Finalmente, como Jeová, Cristo é o mesmo ontem, hoje e para sempre, pronto para salvar a todos, está em íntima comunhão com seu povo, cumprindo todas as promessas divinas, e foi apontado para ser o Juiz de toda a Terra. Como do Pai, assim foi declarado de Cristo: "Eu sou o Alfa e o Ômega, diz o Senhor Deus, aquele que é, que era e o que há de vir, o Todo-poderoso". Apoc. 1:8.

Quero concluir este capítulo com as declarações encontradas no livro *Questions on Doctrine*, páginas 37 e 38, com uma dupla finalidade:

1ª.) Ampliam nossa compreensão a respeito dos nomes aplicados Cristo.

2ª.) Evidenciam de maneira incontestável a Divindade de Cristo.

APLICAÇÃO A JESUS CRISTO DE UMA PORÇÃO DE NOMES E TÍTULOS QUE SE RESTRINGEM À DIVINDADE

No Velho Testamento cerca de 70 nomes e títulos são atribuídos a Jesus Cristo, e no Novo Testamento mais 170, os que são exclusivamente restritos à Divindade incluem "Deus" (S. João 1:1); "Deus conosco" (S. Mat.1:23); "o grande Deus" (Tito 2:13); "Deus bendito eternamente" (Rom. 9:5); "Filho de Deus" (40 vezes); "Filho unigênito" (cinco vezes); "o primeiro e o último" (Apoc. 1:17); "o Alfa e o Ômega" (Apoc. 22:13); "o princípio e o fim" (Apoc.22:13); "o Santo" (Atos 3:14); "Senhor" (empregado constantemente); "Senhor de todos" (Atos 10:36); "Senhor da glória (I Cor. 2:8); "Rei da glória" (Sal. 24:8-10; "Maravilhoso" (Isa. 9:6); "Pai da Eternidade" (Isa. 9:6); "Palavra de Deus" (Apoc. 19:13); "Verbo" (S. João 1:1); "Emanuel" (S. Mat. 1:23); "Mediador" (I Tim. 2:5) ; e "Reis dos reis e Senhor dos senhores" (Apoc. 19:16).

CRISTO – O PRIMOGÊNITO DA CRIAÇÃO DE DEUS

Em Col. 1:15 Paulo escreveu: "O qual é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação".

Como harmonizar – "o primogênito de toda a criação" – com idéia da eterna preexistência de Cristo?

Os eternos negativistas da divindade de Cristo, afirmam que nesta passagem a palavra primogênito tem sentido temporal, "de modo que ele está classificado entre as criaturas de Deus, sendo o primeiro entre elas". *Seja Deus Verdadeiro*, página 35.

Que significa a palavra primogênito?

Quase sempre se pensa neste termo com sentido temporal, significando única e exclusivamente o primeiro gerado ou nascido, mas este estudo visa provar que além desta acepção a palavra é usada na Bíblia com o significado de posição de preeminência. Às vezes, primogênito significa um filho amado em grande maneira, o preferido entre os demais. O termo chega a ser usado com o sentido de um qualificativo superlativo: Isaías 14:30 afirma: "Os primogênitos dos pobres serão apascentados", isto quer dizer: Os mais pobres, os paupérrimos serão apascentados.

A palavra grega para primogênito é prwtotokov - prototokos ; formada de prwtov - primeiro, melhor, mais importante, mais preeminente, e prwtov - nascido, criança, de prwtw = nascer. Com o sentido de mais importante, mais preeminente todos conhecem o título de primeiro ministro, primeira ministra.

A palavra pode e é usada na Bíblia para a primeira criança que nasce. Gên. 25:25; Num. 18:15; Luc. 2:7; Heb. 11:28.

Referindo-se a Jesus esta palavra é usada sete vezes no Novo Testamento. Duas vezes, de seu nascimento através de Maria Mat. 1:25; Luc. 2:7. Cinco vezes, não do nascimento físico, mas em sentido figurado.

Rom. 8:29 - Primogênito entre muitos irmãos;

Col. 1:15 - Primogênito de toda a criação;

Col. 1:18 - Primogênito dentre os mortos;

Heb. 1:6 - Deus, introduz o primogênito no mundo;

Apoc. 1:5 - Primogênito dos mortos.

Destas sete referências a Cristo, a que merece especial tenção é a de Col. 1:15. Notem bem que Paulo não diz que o Filho de Deus foi a primeira criação, mas o primeiro de toda a criação. Na sua relação com Deus, Cristo jamais é chamado primogênito, mas sim unigênito, ou ainda melhor - único, como é visto noutra capítulo desta apostila.

Será que com a frase - primogênito de toda a criação - Paulo almejava mostrar que Jesus foi o primeiro ser criado, ou que ele é o primeiro em posição? O contexto e a Analogia da Fé, nos provam que não há aqui a idéia de ser o primeiro gerado, mas o que tem a primazia sobre tudo. Col. 1:18.

Heb. 1:6 nos indica de modo bem claro que a palavra primogênito indica a preeminência de Cristo e o seu domínio sobre todas as coisas.

O eminente professor de grego nas Universidades de Tennessee e Yale, Isbon T. Beckwith, em seu livro *Apocalypse of John*, comentando a passagem de Apoc. 1:5 afirma que a palavra "protótokos" em primogênito, tem o sentido hebraico de o mais notável em categoria principesca.

F. C. Bruce em seu *Commentary on The Epistle to The Hebrews*, página 15 nos diz: "Cristo é chamado o primogênito de toda a criação, porque Ele existe antes de toda a criação e porque toda a criação é herança dele."

Entre os judeus todo primogênito tinha o direito de reclamar quatro privilégios:

1º) A consagração a Deus. Êxo. 13:2, 13, 15; 22:29;

2º) O direito de sucessão nos poderes paternos. Deut. 21:17;

3º) A bênção especial do pai;

4º) Dobrada porção da herança material paterna. Deut. 21:17.

(Ver: "Primogenitura", *Diccionario de la Santa Biblia*, New York, página 525).

Se os judeus tivessem sido leais a Deus haveriam participado dos poderes da primogenitura em sua forma mais ampla. (Êxo. 4:22 – "Dirás a Faraó: Assim diz o Senhor: Israel é meu filho, meu primogênito.).

1º) Israel foi o único povo da terra consagrado a Deus;

2º) Recebeu uma bênção especial quando saiu do Egito;

3º) O direito de chegar à ser "a cabeça" das nações, como império mundial (Dan. 2:44) e ser reais sumo sacerdotes.

4º) Receber a herança da Canaã Celestial.

Todos estes privilégios fizeram com que a palavra fosse empregada figuradamente com o significado de preeminência, respeitabilidade, pessoa digna de toda a atenção.

Temos muitas referências bíblicas que provam esta preeminência, tais como:

Gên. 41:50-52 - José tinha dois filhos, sendo Manassés o primogênito, mas Jeremias 31: 9 afirma: "Efraim é o meu primogênito."

I Sam. 16:10-12 - Davi sendo o mais jovem entre sete irmãos foi ungido rei. Sem preeminência cronológica recebeu as prerrogativas do primogênito - Salmo 89:20, 27.

I Crôn. 26:10 - Sinri, tampouco era o primogênito, apesar disso foi eleito o principal.

Êxodo 4:22 - Moisés devia dizer a Faraó: "Israel é meu filho, meu primogênito." Esta afirmação indica os privilégios deste povo, que É chamado na Bíblia de escolhido, santo, especial e de muitos outros títulos elogiosos. Deut. 7:6-7.

Estes privilégios não permaneceram para sempre com Israel, como a História Bíblica nos confirma, mas se reuniram na pessoa de Cristo, como se conclui do cotejo de várias passagens:

Ezeq. 21:27 – "Ruína! Ruína! A ruínas a reduzirei, e ela já não será, até que venha aquele a quem ela pertence de direito; a ele a darei."

Salmo 110:4 – "O SENHOR jurou e não se arrependará: Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque."

Zacarias 6:13 – "Ele mesmo edificará o templo do Senhor, e será revestido de glória; assentar-se-á no seu trono e dominará, e será sacerdote no seu trono e reinará perfeita união entre ambos os ofícios.

Gênesis 49:10 – "O cetro não se arredará de Judá, nem o bastão de entre os seus pés, até que venha Siló; e a ele obedecerão os povos.

Miquéias 4:8 – "A ti, ó torre do rebanho, monte da filha de Sião, a ti virá, sim, virá o primeiro domínio, o reino da filha de Jerusalém.

Heb. 4:14 – "Tendo, pois a Jesus, o Filho de Deus, como grande sumo sacerdote que penetrou os céus, conservemos firme a nossa confissão."

Dentre os personagens do Velho Testamento, José e Davi estão entre aqueles que mais se destacaram e não sendo primogênitos pelo nascimento receberam este título em virtude do destacado papel que desempenharam na história do antigo Israel. Ao pensarmos no título de excelência que receberam - primogênito - e sendo eles um símbolo de Cristo, entenderemos melhor porque nosso Salvador, cinco vezes, recebeu dos escritores bíblicos esta nobilíssima menção.

W. E. Read, em artigo inserto no *Ministério Adventista*, setembro e outubro de 1964, página 20, escreveu:

"Isto é algo do que Deus queria indicar ao falar de seu 'Primogênito'. O que se aplica a Israel como povo, aplica-se num sentido muito mais amplo ao Messias – a Cristo Nosso Senhor. Na palavra 'primogênito', portanto, a ênfase não está necessariamente na descendência física, mas na posição de dignidade, honra e preeminência. Todas as prerrogativas da primogenitura foram atribuídas a Jesus, mas num sentido muito mais amplo e completo".

Cita ainda o mesmo autor de Adão Clarke:

"Eu o farei Meu Primogênito. Lidarei com ele como um pai o faz com seu filho primogênito, a quem pertence uma porção dobrada das posses e das honras. A palavra primogênito nem sempre tem um significado literal nas Escrituras. Ela muitas vezes significa simplesmente filho benquisto ou mais amado; alguém que se estima acima de todos os outros, e se distingue por alguma prerrogativa elevada. Assim Deus chama Israel Seu Filho, Seu primogênito. Êxodo 4:22. No mesmo sentido ela é, às vezes, aplicada ao próprio Jesus Cristo, para indicar Sua supereminente dignidade".

CRISTO – O PRIMOGÊNITO

S. João nos diz que Cristo é o "primogênito dos mortos" Apoc. 1:5. O primogênito dos mortos foi Abel, porém Cristo é o principal de todos os que têm morrido, o mais amado de Deus entre os mortos ressuscitados. Assim é o "primogênito" de toda a criação (Col. 1:15), não por ser o primeiro ser criado (Ele é Pai Eterno: Isaías 9:6) senão "para que em tudo tenha a preeminência" (Col. 1:18).

Cristo é o principal de toda a criatura porque é "o Primogênito do Céu" (DTN, 51); e o Primogênito da Terra: "ao introduzir o Primogênito no mundo, diz: E todos os anjos de Deus o adorem." (Heb. 1:6).

O Filho de Deus é o primogênito, porque é "sobre todo principado e autoridade, e poder, e dominação e sobre todo o nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro". Efésios 1:21.

Cristo é o primogênito de Deus porque:

1º) Tem sido eleito: Mat. 3:17; I Pedro 2:4;

2º) Tem recebido a bênção do Pai: Salmo 118:26; Luc. 1:42;

3º) Será sucessor do Pai como juiz: Atos 10:42; e Rei e Senhor do Universo: Lucas 1:32; I Tim. 6:15;

4º) Foi chamado o mais amado do Pai: Mat. 3:17; Luc. 9:35;

5º) Foi exaltado ao máximo por Deus. Fil. 2:9.

CONCLUSÃO

Um dos principais problemas envolvidos com este tema é que a linguagem humana é inadequada, por suas limitações, para expressar conceitos envolvidos com as coisas divinas. Todos os comentaristas têm chegado à conclusão unânime de que a palavra protótokos aplicada a Cristo não significa o primeiro a ser criado. Se Paulo visasse afirmar isto de Cristo ele teria usado o vocábulo protoktistos.

**CRISTO – O PRINCÍPIO DA CRIAÇÃO DE DEUS –
APOC. 3: 14**

"Ao anjo da igreja em Laodicéia escreve: Estas coisas diz o Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o princípio da criação de Deus."

As Testemunhas de Jeová gostam de citar a palavra princípio, usada em João 1:1 e Apoc. 3:14, porque crêem que a palavra significando começo, prova que Cristo teve um início, pois foi a primeira criação de Deus.

Para uma melhor compreensão do assunto seria bom saber qual a palavra grega que foi traduzida por "princípio" e o seu significado nessa língua. A palavra é ἀρχή - arquê, e as seguintes autoridades no grego do Novo Testamento nos esclarecem de seus vários sentidos:

The Analytical Greek Lexicon

O Novo Testamento usa a palavra princípio (arquê) desta maneira:

- a) Um princípio - Mat. 24:8;
- b) Extremo - Atos 10: 11;
- c) Autoridade - Luc. 20:20;
- d) Eminência - Judas 6;
- e) Dignidade - Judas 6;
- f) Principado - Efésios 3:10

A Greek English Lexicon de Arndt and Gingrich define arquê como: começo, a primeira causa, governador, autoridade, domínio na esfera da influência.

Theological Dictionary of the New Testament - começo, poder, força, autoridade.

Dicionário Grego - Português e Português - Grego de Isidro Pereira: princípio, ordem, fundamento, poder, autoridade, magistratura, império, reino.

W. E. Nelson - *Los Testigos de Jehová*, pág. 69 e 70 diz: Esta palavra é usada pelo menos com três diferentes sentidos:

1º) No sentido temporal - princípio, começo, origem - Lucas 1:2; Mar. 1:1; I João 1:1;

2º) No sentido de posição - príncipe, autoridade, governante, primazia. É empregada com referência a pessoas que ocupam lugares de importância e autoridade. Luc. 12:11; Tito 3:1;

3º) No sentido de origem - originador, iniciador, primeira causa. Josefo em seu livro *Contra Apion* diz que Deus é o "arquê" de todas as coisas. O Evangelho de Nicodemos declara que o diabo é o "arquê" da morte.

No estudo de palavras sempre se deve levar em consideração que na maioria das vezes elas não apresentam um único significado, Laudelino Freire em seu *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*, no verbete - "princípio" terceira acepção afirma: "causa primeira, razão, base". De acordo com esta declaração "a testemunha fiel (Cristo)" é a causa primeira de toda a Criação.

Sabemos que o Filho de Deus é o Criador dos céus e da Terra, segundo Gênesis 1:1, Col. 1:16-17; S. João 1:1-3, 14; Heb. 1:2. Por isso Deus o Pai o chama de Deus eterno (Heb. 1:8). Cristo foi o Principal Criador do universo, e o Espírito Santo o seu colaborador, na presença do Pai (Gên. 1:26, 27; Isa. 34:4; Jó 33:16; 26:13).

Vincent em seu notável *Word Studies in the New Testament*, Vol. II, página 469, comentando Apoc. 3: 14 diz que "arquê" naquela passagem significa o iniciador, o Autor.

Em Heb. 12:2 - está: "Olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé". Encontra-se no grego a forma "aruegon" derivada de "arquê" que é traduzida para o português por autor, com muita propriedade.

Na Septuaginta "arquê" é usada com freqüência para domínio, poder, posição de poder, posição de liderança, líder, capitão, chefe, como comprovam as seguintes passagens - Gên. 40:13, 20; 1 Crônicas 26:10; Neemias 9:17 etc.

Radiografia do Jeovismo - nos ensina na página 48 que houve tempo em que os russelitas queriam explicar a frase "o princípio da criação de Deus" como se Cristo dissesse de si mesmo, "que foi criado

por Deus", mas encontrando um sério óbice no artigo "tou" antes da palavra Deus recuaram deste processo exegético. Para ser criação por Deus precisaria aparecer a preposição ὑπο - hipó, que com o genitivo significa - sob a influência de, por. No grego esta citação de Apoc. 3:14 aparece assim:

h arch thv ktisevw tou yeou
he arque tes ktiseos tu Theou.

Isto significa de Deus e nunca por Deus, que exigiria como já vimos a preposição hipó.

A. T. Robertson, uma das maiores autoridades em grego explica Apoc. 3:14 assim: "Não a primeira das criaturas como afirmavam os arianos, e os unitários defendem no presente, mas a fonte originadora da criação, por meio de quem Deus opera". *Word Pictures in the New Testament*, Vol. VI, página 321.

As Testemunhas de Jeová, no intuito de negarem a Eternidade de Jesus, proclamam que a palavra "arquê" sempre tem sentido temporal.

Vincent, na obra já citada, ao comentar João 1:1 tem estas judiciosas palavras: "Se no princípio o Logos já era, então Ele pertence à ordem da eternidade".

Explicações exegéticas, que não se coadunam com as verdades bíblicas, não subsistem porque não passam de edifícios construídos sobre artifícios humanos.

A monumental obra *Theological Dictionary of the New Testament*, Vol. I, página 484, analisando as expressões: "Princípio e o Fim", "Alfa e Ômega" aplicadas a Cristo, sentencia: "Assim em Apocalipse, aquele que se assenta sobre o trono, ou Cristo, é um ser que é pré-temporal e pós-temporal, a quem a categoria do tempo não se aplica.

Para provar a fragilidade da argumentação jeovista de que a palavra princípio se refira a um começo ou criação para Cristo, basta lembrar que em Apoc. 21:6 Deus afirma que Ele é o princípio e o fim. A arma usada em defesa da sua tese volta-se contra eles por não saberem manejá-la

com discernimento espiritual. Lucas em Atos 26:23 afirma que Cristo foi o primeiro da ressurreição dos mortos e Paulo em Col. 1:18 designa a Cristo como o princípio dentre os mortos, isto é, o principal dentre os mortos. Nem Paulo, nem Lucas estão dizendo que ele foi o primeiro dos que morreram, pois isto seria um erro – o primeiro a morrer foi Abel. Nem foi ele o primeiro a ressuscitar pois as Escrituras nos informam de várias ressurreições anteriores como o filho da sunamita (II Reis 4:36); o filho da viúva de Naim (Luc. 7: 11-15), a filha de Jairo (Luc. 8: 51 e 55) e Lázaro (S. João 11:44). Com este vocábulo, juntamente com "a cabeça" e o "primogênito" Paulo deseja destacar a sua preeminência.

Cristo é o principal na criação dentre a trindade (façamos), (Apoc. 3: 14) porque Ele é: "Acima de todo principado, e potestade, e poder, e domínio, e de todo o nome que se possa referir não só no presente século, mas também no vindouro". Efésios 1:21.

Diante das autoridades aqui apresentadas e considerando que o mesmo livro de Apocalipse, capítulo 5 verso 13 apresenta a Cristo não como uma parte da criação, mas como aquele que deve ser adorado por todos os seres criados, concluindo-se que "arquê", em Apoc. 3:14, pode ser traduzida por origem, autor. Chamar a Cristo de "O Autor da Criação de Deus" atende perfeitamente à Analogia da Fé e aos princípios exegéticos, pois segundo outras passagens Ele é o originador da criação – S. João 1:3; Col. 1:16.

A palavra arquê empregada por João em Apoc. 3:14, traduzida para o português por princípio expressa a mesma idéia contida em Col. 1:15 e 16, significando que Cristo é a origem ou a fonte principal da criação de Deus. A palavra arcanjo, outra forma cognata, encerra também a idéia de posição e autoridade e nos confirma que a declaração Joanina só pode significar primazia em poder, supremacia, ser investido de autoridade, etc.

Muitas das traduções bíblicas, bastante conhecidas, expressam com fidelidade a idéia do original.

Weymouth: O Princípio e o Senhor da Criação de Deus.

Fenton: O iniciador da criação de Deus.

A Bíblia na Linguagem de Hoje: A origem de tudo o que Deus criou.

Siríaca: O dirigente da criação de Deus.

Knoy: A fonte de que se originou a criação de Deus.

CONCLUSÃO

Creio ser bem adequada para o fecho de nosso trabalho a sintética declaração do insigne helenista Dr. Kenneth S. Wuest, encontrada no precioso livro *Jóias do Novo Testamento Grego*, edição de 1966, p. 80:

"O vocábulo princípio tem dois sentidos no grego, o primeiro de uma série e o originador de alguma coisa. Nosso Senhor foi o originador do Universo criado, pelo fato de haver sido Seu Criador".

CRISTO – O PRÍNCIPE

A palavra príncipe é bastante rica em sua significação, como pode ser vista pelas inúmeras palavras usadas no original, especialmente no

hebraico para transmitir as várias nuances de significado. Como confirmação eis o que declara o *Novo Dicionário da Bíblia* ao comentá-la:

"Muitas palavras hebraicas são traduzidas pelo termo português 'príncipe', em nossas diversas versões. 'Chefe', 'líder', 'capitão', etc., também são outras traduções, visto que os tradutores estavam seguindo (embora não de forma igualmente consistente) o termo usado pela Septuaginta, archon, vocábulo que representa mais de vinte palavras hebraicas, entre as quais a mais importante é aquela que significa 'cabeça', ro'sh.

Os vocábulos hebraicos se dividem em duas categorias:

Primeiramente, palavras emprestadas, que usualmente se referem a dignitários estrangeiros. Por exemplo, khshathrapavan, 'sátrapa', e fratama, 'primeiro', que são palavras persas transliteradas em Dan. 3:2, etc. (aramaico, ahashdarpan), 1: 3 (em hebraico, plural, partemim).

Em segundo lugar, palavras de origem indígena, que representam as seguintes idéias salientes:

1. Sar, 'que exerce domínio', quer como supremo ou como vassalo de um senhor superior;
2. Naghidh, 'que está defronte', usada especialmente acerca dos líderes militares;
3. Nãsi - 'exaltado';
4. nadhibh 'voluntário', que talvez signifique um contraste com aqueles a quem um rei pode compelir a lutar em seu favor;
5. qãcin 'juiz'.

Ezequiel freqüentemente emprega o vocábulo nãsi para indicar o Messias, corresponde com sua concepção sobre o verdadeiro Davi. (Ezeq. 37:24-25). Em Daniel, sar e nãghidh são usados para indicar o Messias, correspondendo ao conceito militar mediante o qual se representa a luta cósmica. Sar também é termo usado para indicar os anjos guardiões dos países, especialmente no caso de Miguel (Dan. 10:13, 21).

Há uma outra palavra hebraica 'alluph', líder de um eleph (mil). Essa palavra é empregada exclusivamente como título dos filhos de Seir, o horeu (Gên. 36:20-30) dos netos de Esaú, por Ada e Basemate, e dos seus filhos por Aolibama (Gên. 36:1-19), bem como dos descendentes posteriores de Esaú (Gên. 36:40-43; 1 Crôn. 1:51-54). Era título característico dos chefes tribais de Edom, até os tempos de Moisés (Êxo. 15:15), e também é conhecido nas inscrições em ugarítico que falam sobre eles. Em Jos. 13:21, 'príncipes' representa o termo hebraico nasikh, isto é, 'príncipes' de Seom.

Quanto ao Novo Testamento, o vocábulo archon é empregado para designar Satanás, 'príncipe deste mundo', etc., e no plural é usado para designar as autoridades romanas ou judaicas. Uma só vez é empregada para indicar Jesus Cristo (Apoc. 1:5), 'príncipe dos reis da terra'; mas noutros lugares onde geralmente aparece o termo 'príncipe', emprega-se a mesma palavra usada pela Septuaginta, archegos (tradução de nãsi e qãcin), mas aplicada a Cristo, que de suas ligações gregas adiciona a idéia de 'autor' e 'pioneiro'." – Vol. III, páginas 1315-1316.

A Bíblia não usa a palavra no limitado sentido do filho, herdeiro de um monarca.

Príncipe é um governador, comandante, líder, um chefe, uma pessoa que está em eminência.

O termo grego para Príncipe tanto pode ser ἀρχὸν - archon, como ἀρχηγός - archegos. Archon é traduzido como chefe, rei, arconte, senhor; e archegos por líder, governador, originador, fundador, alguém que começa alguma coisa.

Archon é o participio presente do verbo archo - governar.

Esta palavra é usada na Bíblia para:

- a) Cristo como o governador ou príncipe dos reis da Terra - Apoc. 1:5;
- b) Governantes das nações - Mat. 10:25; Atos 4:26;
- c) Juízes e magistrados - Atos 16:19; Rom. 13:3;

- d) Membros do Sinédrio. Luc. 14:1; S. João 3: 1; 7:26, 48;
- e) Governantes das sinagogas - Mat. 9:18, 23; Luc. 8:41; 18:18;
- f) O demônio como príncipe deste mundo - S. João 12:31; 14:30; 16:11 e como tendo o poder do ar - Efés. 2:2;
- g) Belzebu, o príncipe dos demônios - Mat. 9:24; 12:24; Mar. 3:22; Luc. 11:15;

Na Bíblia príncipe é usado para reis (I Sam. 13:14; I Reis 1:35; II Reis 20:5); e oficiais militares (I Crônicas 12:27; II Crônicas 32:31).

Este vocábulo designa também nas Escrituras uma pessoa de nobre nascimento, de educação esmerada, um chefe, alguém que é digno de honra: I Sam. 2:8; Jó 12:21; Salmos 107:40.

Abraão é chamado de príncipe pelos heteus. Gênesis 23:6.

Cristo é chamado - O Príncipe da paz - Isaías 9:6; o Príncipe dos príncipes - Daniel 8:25; de Messias, o Príncipe - Dan. 9:25; o Príncipe dos reis da Terra - Apoc. 1:5; Príncipe e Salvador - Atos 5:31.

CRISTO – O UNIGÊNITO FILHO DE DEUS
S. JOÃO 3:16

Se Cristo é o eterno **μονογενής** preexistente como pode ser chamado em S. João 3:16 de unigênito Filho de Deus?

A palavra controvertida neste verso, quanto ao seu real significado, é o termo grego **μονογενής** = monoguenês, que necessita ser bem estudado para uma cabal compreensão do problema. Monoguenês foi traduzida na Versão do Rei Tiago (KJV) por unigênito, mas na Revised Standard Version (RSV) e na New English Bible (NEB) por único.

Pode a palavra grega monoguenês ser traduzida indiferentemente por unigênito e único? A resposta a esta pergunta encontra-se a seguir.

Monoguenês aparece nove vezes no Novo Testamento, sendo cinco vezes usada para Cristo – S. João 1:14, 18; 3:16, 18; I João 4:9 e quatro vezes para outras pessoas - Lucas 7:12; 8: 42; 9:38; Heb. 11:17. É uma palavra composta de monos = um, só, único, singular e guénos = espécie; cuja tradução correta deve ser - o único de uma espécie. Não vem do grego **γεννώ** = gerar, pois se viesse teria dois "nis", mas sim de **γεννώσκω** = tornar-se.

Compreendendo a etimologia da palavra poderemos entender melhor o verdadeiro significado de monoguenês especialmente, ao ser aplicado a Jesus Cristo.

Monoguenês, proveniente de monos (um só, único) e guénos (de guinomai) não se refere a nascer ou ser gerado, mas indica a qualidade inigualável da pessoa a quem se aplica.

Como bem enfatizou Fernando Kattensbruch em seu *Dictionary of Christ and the Gospels*:

"Não há dúvida de que a expressão 'unigênito' indica uma nuance da palavra grega, monoguenês, que raramente é salientada... Quando Cristo é denominado monoguenês huios, não se dá ênfase ao fato de que Ele como Filho 'nasceu' ou foi 'gerado'... , mas sim ao fato de que Ele é o 'único' Filho, de que como Filho de Deus é sem igual. Os tradutores

latinos estavam certos ao traduzirem essa expressão por... *Filius unicus* (Filho Único), não por *Filius unigenitus* (filho unigênito)".

W. E. Read com bastante justeza asseverou:

"Na verdade, como algumas traduções expressam o pensamento, Jesus de Nazaré, nosso Senhor e Salvador, foi realmente único. Era diferente de qualquer outro ser no universo. Permanece sem igual, como o único que na qualidade de Deus se tornou homem, sendo, enquanto estava na carne, tanto Deus como homem. Ele era 'Emanuel... Deus conosco' (S. Mat. 1:23). Era único na Sua relação para com o Pai; em Sua natureza divina; no fato de que revelou o Pai; no fato de que é nosso único Salvador e Redentor; no fato de que era sem pecado, não só em Sua natureza divina, mas também em Sua natureza humana".

O Ministério Adventista, Jan., Fev. 75, p. 19.

O Filho de Deus chegou à existência humana recebendo vida de maneira diferente dos outros seres, por isso, ele é chamado de Filho Único (Monoguenês).

A palavra grega "monoguenês" pode significar único quantitativamente (filho único) e único qualitativamente (único em sua geração, nascimento singular, único na maneira de chegar a ser ou nascimento milagroso). Ver S. João 1:14,18; 3:16.

Ele é "Filho Único", porque da Trindade, Cristo é o único que recebeu o título de "Filho de Deus com poder" (Rom. 1:4) e o poder de Deus (I Cor. 1:24). Seu nascimento é único em sua classe, porque nasceu tendo vida própria, portanto foi um milagre.

O livro *Problems in Bible Translation*, publicação da Conferência Geral, na página 202 afirma o seguinte sobre esta palavra:

"Jesus Cristo, Deus preexistente, o divino Verbo criador, em sua encarnação tornou-se em um sentido incomparável o Filho de Deus. Por isso é que Ele é designado monoguenês, o único de Sua espécie, o único em muitos aspectos do Seu ser e vida".

Vejamos se os dicionários e comentários comprovam a explicação anterior?

Lidell and Scott - único, singular;

Moulton and Milligan - literalmente - único de sua espécie, singular, não unigênito, que é igual a □□□□□□□□□□□□v

Arndt and Gingrich - único (no gênero) de algo que é o exemplo exclusivo de sua categoria... Na literatura joanina, monoguenês é usado apenas com referência a Jesus. A significação de único pode ser perfeitamente adequada para todas as vezes que aparece ali.

H. Cremer - *Biblical Theological Lexicon* - especial preciosidade, especificamente precioso;

Theological Dictionary of the New Testament, vol. IV, página 739 - significa o supremo predicado da majestade, indicando a máxima prova do amor de Deus para o mundo. Somente João usa monoguenês para descrever a relação de Jesus com Deus. Para esta mesma relação Marcos tem: "O huios mu o agapetós" - Meu filho amado.

Platão declarou que o céu é único (monoguenês) em sua espécie.

A Epístola de Clemente faz alusão a certa ave chamada Fênix da seguinte maneira: Esta é a única (monoguenês) de sua espécie.

Seria interessante achar em hebraico a palavra que foi traduzida na LXX por monoguenês, porque se amplia a nossa compreensão sobre o seu verdadeiro significado. A palavra hebraica equivalente é "Yachid". Nas passagens onde aparece como Salmos 22:20; 35:17; Amós 8:10 ela é traduzida na KJV, NEB e Almeida Edição Revista e Corrigida pelas expressões: minha querida, minha preciosa vida, predileta, filha único.

Em Lucas 7:12; 8:42 e 9:38 onde se encontra a palavra monoguenês, ela foi traduzida na KJV por único. Em Heb. 11:17, declara: "Pela fé Abraão, quando pasto à prova, ofereceu Isaque; estava mesmo para sacrificar o seu unigênito (monoguenês) aquele que acolheu alegremente as promessas". Onde fala de Isaque a KJV traduz por unigênito e a RSV por único. Sabemos que Isaque não era o unigênito porque tinha um

irmão mais velho – Ismael, e mais tarde Abraão gerou outros filhos através de Quetura. Isaque em nenhum sentido foi unigênito, mas sim filho singular, o único de sua espécie, o filho da promessa, visto que Ismael estava fora da promessa (Gál. 4: 22, 23).

Em Gênesis 22:2, no texto hebraico, está "Yachid", mas na Septuaginta aparece assim: "Toma teu filho querido (agapeton), a quem amas (egapesas) - Isaque.

COMO SURTIU O UNIGÊNITO EM LUGAR DE ÚNICO

Uma pergunta lógica e natural vem à mente de cada um. Quem traduziu monoguenês para unigênito – o único gerado, se a palavra não tem esta significação?

Nas primeiras versões da Bíblia para o latim este termo foi traduzido por "unicus" como nos prova o Códice Vercelence de 365 AD.

O Papa Dâmaso, pediu a São Jerônimo, que revisasse as velhas versões latinas das Escrituras, porque já havia muitas variantes de leitura em alguns versos. Em 385 estava pronta a Revisão dos Evangelhos, onde São Jerônimo substituiu a palavra "unicus" por "Unigenitus" em virtude de interesse teológico e não gramatical.

A frase que o influenciou parece ter sido uma célebre do Credo de Epifânio $\alpha\beta\gamma\delta\epsilon\zeta\eta\theta\iota\kappa\lambda\mu\nu\pi\rho\sigma\tau\upsilon\phi\chi\psi\omega\pi\alpha\beta\gamma\delta\epsilon\zeta\eta\theta\iota\kappa\lambda\mu\nu\pi\rho\sigma\tau\upsilon\phi\chi\psi\omega$ = único gerado de Deus o Pai. Eram necessárias duas palavras desta frase - $\alpha\beta\gamma\delta\epsilon\zeta\eta\theta\iota\kappa\lambda\mu\nu\pi\rho\sigma\tau\upsilon\phi\chi\psi\omega$ - para dar a idéia. de único gerado ou unigênito; mas esta expressão, aliada a outros conceitos do Concílio de Nicéia, em defesa da Trindade, levaram Jerônimo a traduzir monoguenês, em S. João 1:14, 18; 3:16, 18; 1 João 4:9; Heb. 11:17 por "unigenitus", onde não houve interesse teológico ele conservou "unicus" - Luc. 7:12; 8:42; 9:38.

Unigênito significa único e se o único não é criado, pois se o fosse não seria único, mas apenas mais um entre os chamados filhos de Deus pela criação.

O "unigenitus" da Vulgata influenciou os tradutores da KJV de 1611 e tem influenciado as traduções em português.

O Novo Testamento na Linguagem de Hoje foi feliz em substituir unigênito por único, corrigindo uma impropriedade lingüística. Não há neste feito nenhuma inovação, pois simplesmente palmilharam o acertado caminho já antes seguido por Tyndale, em 1525, por Phillips, pelos tradutores da RSV, NEB e outros.

São comuns na Bíblia as expressões: "Filho de Deus" e "Filho do homem" com referência a Cristo. Sabemos que "Filho de Deus" descreve a sua natureza divina, confirmando a Sua divindade, enquanto o "Filho do homem" comprova sua natureza humana.

O SDABC, vol. VIII, página 1033 nos fornece mais os seguintes dados: "O título 'Filho do homem' assegura-nos que o Filho de Deus realmente veio viver na Terra, como um homem entre os homens, para que Ele pudesse morrer como um homem pela humanidade".

CONCLUSÃO

O estudo da palavra em sua formação etimológica; nos bons dicionários e comentários; na comparação com o hebraico e com a Septuaginta, com o seu uso mesmo fora da Bíblia nos leva à conclusão indiscutível que monoguenês não significa unigênito, mas sim muito querido, o único de sua espécie e que João aplicando-o a Cristo queria indicar que Ele é incomparável e muito amado.

H. R. Reynolds em seu *The Pulpit Commentary* (o Comentário do Púlpito) realçou esta verdade da singularidade de Cristo, relatada em João 1:14, da seguinte maneira:

"A afirmação deste verso, no entanto, é inteira e absolutamente inigualável. O pensamento é completamente novo. Strauss declara-nos

que a concepção apostólica de Jesus não tem valor histórico, pelo fato de representar um estado de coisas que não ocorre em nenhuma outra parte da História. É exatamente isto que os cristãos sustentam. Ele, no mais profundo sentido, é incomparável na história da humanidade".

Os comentários e deduções desta pesquisa nos evidenciam quão significativa é a palavra monoguenês e nos esclarecem bem, para o cuidado que devem ter os responsáveis pela tradução do texto bíblico, para que esta transmita de maneira exata e precisa a idéia do original.

De hoje em diante não leiamos mais S. João 3:16 como Filho unigênito, mas sim como único, indicando a qualidade inigualável do nosso Salvador.

Sabendo que a palavra não indica nascimento ou geração humana, porém realça a natureza e elevada dignidade de Cristo finalizaremos com a paráfrase apresentada por W. E. Read:

"Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu filho, Aquele que é incomparável e tão maravilhoso que ninguém O pode descrever, para que todo o que nEle crê não pereça, mas tenha a eterna."

NOTA: As três fontes mais significativas no fornecimento de subsídios para este estudo foram:

1ª.) A monografia de Dale Moody, "O Único Filho de Deus".

2ª.) Artigo de W. E. Read no *Ministério Adventista*, de Janeiro e Fevereiro de 65, páginas 17 a 19.

3ª.) *Problems in Bible Translation*, The Review and Herald.

O verso 6 nos diz que Deus ungiu a Davi rei sobre Israel.

No verso 7 diz o salmista: "Declarei a ordenança do Senhor: o Senhor disse para mim, tu és meu filho eu hoje te gerei."

Para os escritores judeus: Hoje eu tenho gerado significava hoje tu tens sido ungido rei.

"A expressão 'Hoje te gerei' pode somente significar: Neste dia eu declaro e manifesto que és meu filho, por investir-te com dignidade real e colocar-te sobre o trono".

The Book of Psalms, vol. I, pág. 117 de J. J. Stewart Perowne.

Um comentário judaico declara o seguinte sobre o Salmo 2:7: "Eu hoje Te gerei". Isto quer dizer "neste dia foste ungido Rei".

Salomão I. Freehof, *Commentary on the Psalms*, pág. 4.

Afirma outro comentarista judeu:

"Eu hoje Te gerei deve ser interpretado em sentido figurado. No dia de Sua entronização, o Rei foi gerado por Deus como Seu servo para dirigir os destinos de Seu povo. Quando o trono foi prometido a Salomão, Deus fez a asseveração: Eu lhe serei por Pai, e ele me será por filho (II Samuel 7:14).

A Cohen, *The Psalms* (Londres: Soucino Press, 1945.

A Bíblia usa esta expressão figurada: no dia da entronização do rei ele era gerado por Deus. A prova de que se refere a coroação é que esta mesma afirmativa é aplicada pele profeta Natã à entronização do rei Salomão sobre Israel. II Sam. 7: 14. "Eu lhe serei Pai, e ele me será Filho". Esta mesma expressão é usada para Cristo em Hebreus 1:5.

Esta citação do Salmo 2:7 é aplicada a Cristo três vezes no Novo Testamento, ou seja em Heb. 1:5; 5:5; e Atos 13:33.

Nos dez primeiros versos de Hebreus o autor apresenta sete declarações do Velho Testamento para confirmarem os seus argumentos de que o Filho de Deus é superior aos anjos. Ele jamais disse aos anjos:

Tu és meu filho, eu hoje te gerei. São os anjos filhos de Deus? Alguns citam Jó 1:6; 2:1; 38:7 como evidências de que as Escrituras chamam os anjos de filhos de Deus. São filhos porque são criaturas suas, mas, a nenhuma deles cabe a expressão - Tu és meu filho no sentido que lhe foi dado em Atos 13:33; Hebreus 1:5; 5:5.

Hebreus 1:5 está contestando a declaração de alguns que Cristo é um anjo elevado a sua mais alta posição. Ver SDABC sobre este versículo.

F.F. Bruce em *The Book of The Acts*, (o Livro de Atos), pág. 276, comentando Atos 13:33 tem esta oportuna observação: "O dia da unção do rei no antigo Israel tornava-se o dia em que ele como representante do povo nascia para uma nova filiação com Deus".

A QUE ACONTECIMENTO NA VIDA DE CRISTO SE REFERE ESTA FRASE – "TU ÉS MEU FILHO, EU HOJE TE GEREI?"

W. E. Read, pesquisador adventista, bastante notável, em artigo aparecido no *Ministério Adventista*, Março-Abril, 1965, nas páginas 19-21, assim responde a esta pergunta:

"Em sua aplicação ao Messias esta expressão tem sido debatida através dos séculos. Alguns insistiram em que ela se referia à encarnação de Cristo, outros ao batismo, e ainda outros à Sua ressurreição e um quarto grupo, à Sua entronização como nosso Sacerdote e Rei, após ascender ao Céu".

A aplicação desta frase ao Messias nosso Senhor, evidentemente é múltipla, e bem pode referir-se a vários eventos distintos na vida de Cristo, observemos os seguintes:

1) Aplicação a Sua Encarnação:

"Tu és Meu Filho, Eu hoje Te gerei". Heb. 1:5.

Isto está intimamente relacionado com o verso que segue: "Ao introduzir o Primogênito no mundo". Heb. 1:6.

Estas duas passagens estão aí tão relacionadas que não deixam margem a dúvidas quanto à intenção do escritor da Epístola aos Hebreus. A aplicação dos primeiros versos deste capítulo à encarnação, também é salientada pelos escritos do Espírito de Profecia. Ver *Testimonies*, Volume 2, pág. 426.

2) Aplicação a Seu Batismo

É verdade que em S. Lucas 3:22 a voz do Céu que proclamou a filiação divina do Messias, disse: 'Tu és o Meu Filho amado em Ti me comprazo'. Mas na *Revised Standard Version*, inglesa, quanto esta expressão apareça no texto, a nota ao pé da página dá outra tradução: 'Eu hoje Te gerei', a mesma forma que aparece Salmo 2:7.

Evidentemente, há boas razões para esta nota na R.S.V pois aquela expressão se encontra num dos manuscritos gregos, o Codex Bezae, e é citada por Justino Mártir...

3) Aplicação a Sua Ressurreição

A ressurreição ocupa um lugar relevante na mente dos escritores do Novo Testamento, pois a referência no Salmo 2:7 constituía para eles vigorosa profecia da ressurreição de Cristo. Pode-se ver isto no discurso de Paulo, relatado em Atos 13, onde lemos: 'Nós vos anunciamos o evangelho da promessa feita a nossos pais, como Deus a cumpriu plenamente a nós, seus filhos, ressuscitando a Jesus, como também está escrito no Salmo segundo: 'Tu és Meu Filho, Eu hoje Te gerei'.

E novamente em Rom. 1:3 e 4: 'Com respeito a Seu Filho, o qual, segundo a carne, veio da descendência de Davi, e foi poderosamente demonstrado Filho de Deus, segundo o espírito de santidade, pela ressurreição dos mortos'.

A confirmação do Espírito de Profecia a esta aplicação é vista em Atos dos Apóstolos, pág. 172 e em O Desejado de Todas Nações (3ª ed.), págs. 580 e 581.

4) Aplicação a Sua Investidura

É evidente que nosso Senhor foi 'exaltado' (Atos 2:33) quando ascendeu ao Céu, após Sua gloriosa ressurreição; 'Deus o exaltou

sobremaneira (Filip. 2:9); foi exaltado 'acima de todo principado, e potestade, e poder, e domínio, e de todo nome que se possa referir não só no presente século, mas também no vindouro' (Efés. 1:21); com efeito, foi coroado de glória e de honra (Heb. 2: 9).

Isto também é salientado para Ellen G. White no livro *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 834, 835:

"Com inexprimível alegria, governadores, principados e potestades reconhecem a supremacia do Príncipe da Vida. A hoste dos anjos prostra-se perante Ele, ao passo que enche todas as cortes celestiais a alegre aclamação: 'Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber o poder, e riquezas, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e ações de graças!' Apoc. 5:12 ... O Céu ressoa com altissonantes vozes que proclamam: 'Ao que está assentado sobre o trono, e ao Cordeiro, sejam dadas ações de graças, e honra, e glória, e poder para todo o sempre.' Apoc. 5:13."

Há, porém, outro aspecto de Sua investidura que faremos bem em recordar. Isto inclui o tornar-se Ele sumo Sacerdote bem como nosso Rei. Lemos: "Cristo a si mesmo não se glorificou para se tornar sumo sacerdote, mas o glorificou aquele que lhe disse: Tu és meu Filho, eu hoje te gerei; como em outro lugar também diz: Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque." Heb. 5:5 e 6.

Esta aplicação do Salmo 2:7, mencionada acima, é uma clara referência a Seu sacerdócio.

Citamos de Ellen G. White:

"A ascensão de Cristo ao Céu foi, para Seus seguidores, um sinal de que estavam para receber a bênção prometida. Por ela deviam esperar antes de iniciarem a obra que lhes fora ordenada. Ao transpor as portas celestiais, foi Jesus entronizado em meio à adoração dos anjos. Tão logo foi esta cerimônia concluída, o Espírito Santo desceu em ricas torrentes sobre os discípulos, e Cristo foi de fato glorificado com aquela glória que tinha com o Pai desde toda a eternidade. O derramamento pentecostal foi uma comunicação do Céu de que a confirmação do Redentor havia sido

feita. De conformidade com Sua promessa, Jesus enviara do Céu o Espírito Santo sobre Seus seguidores, em sinal de que Ele, como Sacerdote e Rei, recebera todo o poder no Céu e na Terra, tornando-Se o Ungido sobre Seu povo." – *Atos dos Apóstolos*, págs. 38 e 39.

The Book of Psalms, vol. I de J. J. Stewart Perowne, página 117 diz: "São Paulo nos ensina que devemos ver o cumprimento destas palavras na ressurreição de Cristo dentre os mortos. Foi por meio disso que Ele foi declarado ser, em um sentido distinto e peculiar o Filho de Deus.

F.F. Bruce em *Commentary on The Epistle to the Hebrews*, ao estudar os versos de Heb. 1:5 e 5:5 nos diz que eles se referem à divina aclamação de Cristo como nosso Sumo Sacerdote.

As seguintes idéias colhidas em algum lugar ampliarão nossa compreensão sobre a afirmativa de Davi no Salmo 2:7: Pelo contexto vemos que se refere à coroação de Cristo como Sumo Sacerdote e não ao nascimento físico. Heb. 5:1-10.

Quando no antigo Israel o rei era coroado, naquele dia ele não nascia fisicamente, o que seria um absurdo, mas nascia para um novo concerto com Deus, novos privilégios e responsabilidades. Tu és meu filho, Eu hoje te gerei, Eu te ponho hoje a capacidade de dominar, governar.

Em Heb. 1:5 esta expressão se refere a entronização ou coroação de Cristo depois de sua ressurreição.

A coroação de Cristo se deu por ocasião de sua ascensão, quando Ele foi recebido pelo Pai e seu sacrifício foi aceito, conforme declaração de E. G. White em D.T.N.

Um dos resultados da coroação de Cristo foi o derramamento do Espírito Santo no dia de Pentecostes como nos afirma E. G. White no livro *Atos dos Apóstolos*, cujo trecho já foi citado anteriormente.

Estudando a teologia paulina concluiremos que em nenhum aspecto ela se contradiz. Se o mesmo Paulo em várias de suas Epístolas enfatiza que Cristo é Deus – como poderia mais adiante declarar ser Cristo um ser gerado, uma criatura.

Paulo está aqui usando uma passagem do V.T. dando-lhe porém um novo colorido, uma nova aplicação.

Estudando atentamente o contexto do Salmo 2 compreenderemos em que sentido o salmista está empregando a declaração do verso 7, passagem utilizada por Paulo não para descrever uma geração física, natural, mas simbólica e espiritual. Nos versos anteriores, Paulo mostra as qualificações de Cristo como rei, e neste texto reporta-se à experiência mais destacada na vida terrestre de Cristo, a sua ressurreição, pois se esta não fosse na realidade, as nossas esperanças seriam vãs.

Após a ressurreição Cristo foi ao Pai para receber a certeza da aceitação do Seu sacrifício e ser ungido por Deus, como Rei e Senhor dos Senhores no grande evento da redenção. Cristo foi ungido o nosso sumo sacerdote, foi gerado por Deus na economia divina para ser o nosso advogado, sumo sacerdote e grande rei.

No livro *A Symposium on Biblical Hermeneutics* (Um Simpósio sobre Interpretações Bíblicas) o capítulo - Princípios de Interpretação Bíblica de Gerhard F. Hasel, página 190, assim comenta esta expressão:

"O pleno significado e o sentido mais profundo duma passagem da Escritura seque geralmente a característica da homogeneidade. O escritor de Hebreus cita a frase, "Tu és Meu Filho, Eu hoje Te gerei (Heb. 1:5). Embora estas palavras do Sal. 2:7 tivessem sido usadas nas cerimônias de entronização dos reis de Judá da dinastia davídica (ver II Sam. 7:14), elas se referem especialmente ao Rei ideal futuro que pode ser visto mais claramente quando nos baseamos nos escritos da Carta aos Hebreus.

"O pleno significado messiânico e o sentido mais profundo desta passagem foram desvendados por revelações inspiradas posteriores. Novamente temos aqui uma homogeneidade entre as palavras do salmista e o seu cumprimento em Jesus Cristo. Embora não tenha havido, nunca, um tempo em que o Pai não pudesse dizer para Jesus, "Tu és Meu Filho", veio o dia, isto é, o "hoje" do Sal. 2:7 quando, pela ressurreição na humanidade glorificada, Jesus Cristo foi gerado para um *status* que nunca tivera antes (Atos 13:33; Rom. 8:29)".

CONCLUSÃO

A frase – "Tu és meu filho, hoje te gerei", do Salmo 2:7, refere-se a coroação de Davi como rei de Israel e aplicada a Cristo em Atos 13:33 e Heb. 1:5; 5: 5 tanto pode referir-se à encarnação, batismo, ressurreição como entronizado como ao ser nosso Sumo Sacerdote e Rei como foi visto.

A conclusão inelutável a que se chega da afirmativa do Sal. 2:7 é que Davi está falando da relação que existe entre o rei terrestre e o rei celeste – Cristo – quando eles são entronizados e jamais do nascimento físico.

Todos os comentaristas provam que não há referências ao nascimento físico, a um começo no tempo, mas à coroação, ou em outras palavras, ao momento preciso, exato de sua exaltação.

Deve-se ter ainda em mente que a carta aos Hebreus é dirigida ao povo judeu para quem esta expressão - "Tu és meu Filho, hoje te gerei", era fácil de ser compreendida por ser familiar a eles.

A PROBLEMÁTICA TRADUÇÃO DE S. JOÃO 1:1

Antes do estudo dos problemas envolvidos na tradução deste versículo, algumas palavras sobre o vocábulo Logos.

Os comentários sobre esta palavra têm sido variados e extensos. Sabatini Lalli, estudou-a com proficiência num volume de 100 páginas – *O Logos Eterno*. O Dicionário Teológico do Novo Testamento de Kittel dedica-lhe nada menos de 60 páginas. O autor destas linhas também teve o privilégio ou a pesada incumbência de a estudar numa monografia de 70 páginas para o seu mestrado na Andrews University.

Este termo segundo tudo indica se originou com os Estóicos, que o usaram para designar a sabedoria divina como a força integrante do universo. O vocábulo grego Logos é muito rico em significados pois pode ser traduzido em português por máxima, razão, pensamento, palavra, ordem, argumento, explicação, verbo e outros. Apesar do grande número de diferentes significados, a sua tradução básica é "palavra". É da mesma raiz do verbo lego = falar, dizer.

O livro *Jóias do Novo Testamento Grego*, de Kenneth S. Wuest, comenta nas páginas 46 e 47 sobre esta expressão o seguinte:

"No idioma grego existem três palavra que significam palavra, uma que se refere a mero som articulado da voz, outra que fala desse som como manifestação de um estado mental, e ainda outra, a que é empregada por João, cujo sentido será aqui discutido.

"Essa palavra é Logos (em nossa versão portuguesa traduzida como Verbo). Deriva-se do verbo que significa literalmente escolher ou selecionar, ou seja escolher palavras a fim de expressar os próprios pensamentos, ou ainda, falar. Refere-se a uma palavra proferida pela voz humana, palavra essa que inclui um conceito ou idéia. Não se refere meramente a uma parte da linguagem, mas antes, a uma expressão total. Os filósofos gregos, na tentativa de compreender a relação existente

entre Deus e o universo, falavam de um mediador desconhecido, e a esse mediador chamavam de Logos.

"João informa aos mesmos que esse mediador que desconheciam é nosso Senhor, e para tal emprega o mesmo nome, Logos (Verbo). Nosso Senhor é o Logos de Deus no sentido de que Ele é o conceito total de Deus, é a Deidade a falar por intermédio do Filho de Deus, não em partículas de linguagem, como que numa sentença composta de vocábulos, mas antes, na vida humana de uma Pessoa divina. Nosso Senhor Jesus disse: "Quem me vê a mim, vê o Pai" (João 14:9), e Paulo diz (Heb. 1:1, 2) que enquanto nas épocas passadas Deus falou a Israel usando os profetas como porta-vozes, agora nos tem falado em uma Pessoa que é Seu próprio Filho. Portanto, nosso Senhor é a Palavra de Deus no sentido de que é a Deidade expressa".

O filósofo judeu Filo a usou 1.300 vezes em sua exposição do Velho Testamento, mas em seus escritos Logos exclui a idéia de Personalidade e Preexistência. Para ele o Logos era um "instrumento" ou "ferramenta" de que se serviu o Criador para formar o Universo.

Na Septuaginta o termo "Logos" é usado para traduzir a palavra hebraica dabhar. De acordo com uma característica da psicologia hebraica o dabhar de um homem é considerado, em certo sentido, extensão de sua personalidade.

João o usou como uma designação para Cristo, como a expressão do caráter, mente e vontade de Deus. Que nesta passagem significa uma pessoa, prova-o o versículo 14 logo abaixo. Por que João chamou a Cristo de Logos é uma questão muito controvertida entre os comentaristas. Talvez a explicação mais simples e satisfatória seja a de Melancton e outros, a saber: Cristo é chamado o Verbo porque ele é a voz ou o intérprete da vontade divina.

Qual a finalidade de qualquer palavra?

Expressar uma idéia, revelar um pensamento; portanto Cristo veio como expressão da vontade de Deus, para revelá-Lo aos homens. Foi

este Verbo ou esta Palavra que trouxe todas as coisas à existência. Todas as coisas foram feitas por Ele, isto é, pelo Verbo Eterno.

Logos corresponde a Eloim no Velho Testamento. Eloim não é um título para a Divindade, mas o nome para Deus como o CRIADOR - Gên. 1:1. João 1:3 apresenta Logos como o Criador de todas as coisas.

João de maneira categórica e inequívoca inicia seu Evangelho declarando que Cristo é Deus, sendo esta uma das mais fortes referências da Bíblia, concernente à absoluta Divindade de Cristo mas apesar desta clareza meridiana este verso é o mais citado pelas Testemunhas de Jeová para negarem a Sua Divindade.

Eis ainda a síntese feita por William Barclay, em *New Testament Words*, página 188, após o estudo do "Logos" de João.

"Chamando a Jesus de Logos, João afirmou duas coisas sobre Ele:

1ª.) Jesus é o poder criador de Deus vindo para os homens. Sua vinda não foi tanto para nos dizer coisas, mas para fazer coisas por nós.

2ª.) Jesus é o pensamento de Deus encarnado. Podemos bem traduzir as palavras de João assim: "O pensamento ou propósito de Deus se tornou um homem. Uma palavra é sempre a expressão de um pensamento, e Jesus é a perfeita expressão dos pensamentos de Deus para os homens."

Na língua em que João escreveu o Evangelho, João 1:1 está assim:

en arch hn o **lōgōs** **ōsōs** o **lōgōs** hn prov ton yeōn kai yeōv
 hn o **lōgōs**

As Testemunhas de Jeová, com seu negativismo doentio, procurando derribar a doutrina da Trindade e da Divindade de Jesus apresentam a seguinte tradução e comentário deste verso:

"Em João, capítulo primeiro, fala-se dele como sendo o Verbo de Deus, isto é, o porta-voz ou orador representante de Deus. No texto da Bíblia em grego o Verbo é Logos. Daí ele pode ser chamado de Verbo do Logos. Sendo poderoso e tendo essa alta posição de Logos e sendo

antes de todas as outras criaturas, ele era um Deus, mas não o Deus Todo-Poderoso, que é Jeová. Essa distinção se comprova na tradução que o Diaglótico Enfático faz de João 1:1-3, conforme se segue: 'No princípio era o Logos, e o Logos estava com DEUS, e o Logos era DEUS. Isto estava no princípio com DEUS. Através disto todas as coisas foram feitas; e sem isto nada do que foi feito se fez'.

"Aqui em nossa citação a diferença tipográfica entre DEUS e Deus está exatamente como se encontra no Diaglótico. A tradução interlinear do Diaglótico feita do grego, palavra após palavra, faz a distinção entre Jeová como "DEUS" e o Logos como "Deus" mais explicitamente conforme lemos a seguir: 'Em um princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e um deus era o Verbo. Isto foi num princípio com Deus'. De maneira muito feliz [veja como foi classificado por Bruce logo na frente] a Tradução Novo Mundo das Escrituras Cristãs Gregas (publicada em 1950) verte João 1:1, 2 assim: 'Originalmente era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era um deus. Este estava originalmente com Deus'. Assim o Verbo ou Logos veio à existência muito antes de uma das posteriores criaturas de Deus se transformar em um diabo e tornar-se, conforme é chamada em II Cor. 4: 4 (T N M), 'o deus deste sistema de coisas'." – *Seja Deus Verdadeiro*, pág. 33 e 34

Classificaria este trecho com três adjetivos: prolixo herético e confuso.

A tradução no princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era um deus, não pode ser aceita pelo seguinte:

1º.) Apresentando "um segundo Deus" introduzem o politeísmo no monoteísmo bíblico;

2º.) Ninguém, entre os profundos conhecedores do grego, sanciona esta tradução.

3º.) Consultando as grandes traduções da Bíblia verificamos que esta distorção não aparece. Apenas Moffatt e Goodspeed, ao que parece para contornarem o problema da não existência do artigo antes da palavra Deus (Theós em grego) traduziram – "e o Verbo era Divino". Se esta fosse a idéia de João ele teria usado o adjetivo divino (theiós).

Em João 1:1, período formado de três orações, as duas primeiras visam preparar o nosso espírito para a afirmação sublime de que Cristo era Deus.

Os dois principais problemas gramaticais levantados pelas Testemunhas de Jeová, são estes:

- 1 - Qual o sujeito da oração?
- 2 - O uso do artigo com a palavra Theós = Deus.

PRIMEIRO PROBLEMA - O sujeito da oração.

Em português colocamos o complemento predicativo depois do verbo de ligação, enquanto no grego ele é colocado antes, porque se torna muito mais enfático. *The Interpretation of St. John's* de R. C. Lenski, página 33.

De acordo com Robertson, página 791, Theós nesta frase é complemento predicativo e Logos o sujeito,

É regra elementar da gramática grega que o adjetivo vindo antes do artigo é predicativo e se o adjetivo vier depois do substantivo, ainda sem artigo é também predicativo. Sabatini Lalli, em seu livro *O Logos Eterno* na página 34 cita do *First Greek Book* de John Williams White os seguintes exemplos:

οἱ οἰκοὶ μικραὶ, αἱ ἀποκαθάρουσι τὴν ἀσπίδα τῆς ψυχῆς σου. - As casas eram pequenas, que elucidam a afirmação feita acima. Nestes dois exemplos o substantivo οἱ οἰκοὶ é o sujeito, e o adjetivo μικραὶ é o complemento predicativo. Aplicando esta mesma regra à terceira afirmação de João 1:1 veremos que "Logos" é o sujeito e "Theós" o predicativo, portanto a única tradução correta sé poderá ser – "O Verbo era Deus".

SEGUNDO PROBLEMA - Ausência do artigo com "Theós".

Arnaldo B. Christianini em *Radiografia do Jeovismo*, página 36, escreveu:

"Argumentam elas, as chamadas Testemunhas de Jeová, que ocorrendo o artigo definido Τὸν *Theón* [ὁ θεὸς] em S. João 1:1 segunda oração, e não ocorrendo o artigo com *Theós* [θεὸς] na terceira oração da mesma passagem do Evangelho, é porque essa omissão se destina a mostrar uma diferença. E vão mais longe ainda: dizem que essa 'diferença' é no primeiro caso significar o Único Deus Verdadeiro (Jeová), e no segundo caso significa apenas 'um deus', outro que não o primeiro, inferior a Ele, sendo este último "deus" Jesus Cristo.

"Ora, isto é um contra-senso, além de ser um sacrilégio! Não há nenhuma base lingüística nem lógica para tal desconchavo. Pura invencionice!"

Esta afirmação das Testemunhas de Jeová talvez tenha sua proveniência em Orígenes – o precursor do arianismo que fazia diferença entre *Theós* e O *Theós* de João, Cristo é *Theós*, enquanto Deus o pai é O *Theós*.

Walter R. Martin, talvez quem melhor sintetizou a parte histórica e doutrinária das Testemunhas de Jeová mostrou a fragilidade da argumentação jeovista de que Deus com artigo é Jeová e sem artigo, um deus inferior, isto é Jesus. No livro *The Kingdom of the Cults*, páginas 75 e 76 ilustrou com vários exemplos bíblicos que tal afirmativa é inconseqüente.

Para serem coerentes deveriam traduzir as seguintes passagens desta maneira:

Mateus 5: 9 - chamados filhos de um Deus

Lucas 1:35 - Filho de um Deus

Lucas 1:78 - Compaixão de nosso um Deus

João 1:6 - Enviado por um Deus;

desde que o artigo definido não se encontra diante destas palavras.

As Testemunhas de Jeová acrescentam o artigo e o omitem desde que isto favoreça suas conclusões, sem considerarem as regras mais rudimentares da sintaxe do artigo em grego.

Os eruditos na língua grega afirmam que os escritores do Novo Testamento freqüentemente omitem o artigo com a palavra Deus - em grego Theós.

Robertson comentando S. João 1:1 afirma: "No Novo Testamento... embora tenhamos "pros ton Theón" é muitíssimo mais comum encontrarmos simplesmente "Theós, especialmente nas Epístolas.

O uso ou não do artigo é bastante complexo em grego. Estudando a sua sintaxe em três das melhores gramáticas gregas, ou sejam Dana And Mantey, Robertson e Blass não achei nenhuma base filológica que prove suas descabidas afirmações.

Dana And Mantey na página 139 da sua gramática afirmam:

"Um estudo do uso de $\theta\epsilon\omicron\varsigma$ como dado por Moulton nos convence de que sem o artigo significa divina essência, enquanto com o artigo divina personalidade... O uso de Theós em João 1:1 é um bom exemplo: pros ton Theón aponta para a comunhão de Cristo com a pessoa do Pai, enquanto Theós en ho logos enfatiza a participação de Cristo na essência da natureza divina.

Robertson, que dedica quarenta e três páginas da sua gramática, para a sintaxe do artigo, afirma na página 795: "A Palavra Theós como um nome próprio, é freqüentemente usada com o artigo ou sem ele. Nas Epístolas aparece freqüentemente sem o artigo. Em S. João 1:1, como sujeito ho Theós, mas como um predicativo, Theós en ho Logos".

W.C. Taylor em seu livro *Introdução do Novo Testamento Grego*, na página 198 declara:

"Em geral o sujeito tem artigo, mas o predicativo não o tem: ho Theós agape estin = Deus é amor (I João 4:16)".

Quanto ao emprego do indefinido "um" antes da palavra Deus, usada por eles irreverentemente com letra minúscula, Arnaldo B. Christianini provou, à saciedade, que tal invencionice não subsiste.

Robertson, página 796, afirma: O grego não tem artigo indefinido Teria sido muito fácil se a ausência do artigo em grego sempre indicasse

que o nome é indefinido, mas nós temos visto que isto não acontece. O nome sem artigo pode ser definido ou "indefinido"

Blass em sua gramática Grega do Novo Testamento na página 143 declara: "Os nomes predicativos em regra geral são usados sem o artigo".

O professor Bruce M. Metzger, profundo helenista, especializado no grego do Novo Testamento, em seu trabalho "Jehovah Witness and Christ", comenta:

"Empregando o artigo "um", os tradutores (da Tradução Novo Mundo) desprezaram o bem conhecido fato de que na gramática grega os nomes podem ser definidos por várias razões, quer esteja presente ou não o artigo definido. Uma frase prepositiva, na qual o artigo definido não vem expresso pode ser definida no grego, como ocorre realmente em João 1:1".

Depois de outros comentários sobre João 1:1, Pastor Christianini conclui:

"As chamadas Testemunhas de Jeová não têm nem mesmo o senso do ridículo ao insistirem na sua esdrúxula "tradução". Seus "ministros" (todos os membros são *ministros*) não admitem que ninguém mais conheça o grego. Todas as sumidades de renome mundial daquele idioma são uns ignorantes. Só as traduções 'Diaglótica' e 'Novo Mundo' são intocáveis. Não querem examinar. Não querem cotejar. Não querem analisar. Escondem a cabeça sob a areia, como o avestruz." (Pág. 40)

Ainda outra prova conclusiva da irreverente e absurda tradução das Testemunhas de Jeová temos no livro *Answers to Questions* de F. F. Bruce:

"Pergunta: Que relação, se há alguma, tem a mais recente luz sobre o uso ou omissão do artigo no grego do Novo Testamento sobre João 1:1 com referência à tradução e interpretação daquele verso corrente entre as Testemunhas de Jeová 'o Verbo era um Deus?'

"Resposta: À luz do mais recente estudo do artigo no grego do Novo Testamento, a tradução das Testemunhas de Jeová é vista como sendo 'uma assustadora ou pavorosa (em inglês *frightful*) tradução

incorreta'. Ela despreza inteiramente uma regra estabelecida na gramática grega que requer a tradução '... e o Verbo era Deus'. Colwell da Universidade de Chicago salientou em um estudo do artigo definido grego que 'um predicado nominativo definido tem o artigo quando seque o verbo; não leva artigo quando precede o verbo... O verso inicial do Evangelho de João contém uma das muitas passagens onde esta regra sugere a tradução de um predicado com um substantivo definido. A ausência do artigo (antes de Theós) não torna o predicado indefinido ou quantitativo quando precede o verbo; ele é indefinido nesta posição apenas quando o contexto o exige. O contexto não faz tal exigência no Evangelho de João, porque esta declaração não pode ser considerada como estranha no prólogo do Evangelho que atinge o seu clímax na confissão de Tomé (Bruce M. Metzger, *The Jehovah Witness and Christ*, 1953, p. 75).

"Veja também C. F. D. Moule, *An Idiom of New Testament Greek*, 1953, p. 115; Turner, *Moulton's Grammar of New Testament Greek*, Vol. III Syntax, 1963, p. 183. *The New English Bible* convenientemente parafraseia a cláusula: 'o que Deus era, a Palavra era'. Este é o princípio fundamental do Quarto Evangelho: 'os feitos e palavras de Jesus são os feitos e palavras de Deus; se isto não for verdade, o livro é blasfemo'."

Nec Plus Ultra

A IGUALDADE DE CRISTO COM O PAI – S. JOÃO 5:18

Neste verso João declara: "Por Isso pois os judeus ainda mais procuravam matá-lo, porque não só quebrantava o sábado, mas também dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus."

A afirmativa é bastante clara, significando que Jesus era igual a Deus.

Não encontrando nenhuma base no texto grego, em defesa de suas eternas cavilações, as Testemunhas de Jeová afirmam, que João está aqui recordando o que os judeus diziam a respeito de Cristo. Não se encontra nesta passagem nenhum resquício desta estapafúrdia idéia, porque é o próprio João que por inspiração divina afirma alto e bom som a igualdade de Cristo com Deus. A estrutura frasal apenas admite interpretar que foi João quem afirmou, inspirado pelo Espírito Santo, e não os judeus.

O comentarista C. K. Barrett, no livro *The Gospel According to St. John*, página 214, declara: "Jesus era igual a Deus. Esta dedução era evidente para João, mas extremamente provocativo para os judeus. O sentido, no qual a igualdade de Jesus com Deus, deve ser compreendido é explicado no restante do capítulo".

A palavra grega para igual ê "ison", que de acordo com Thayer, uma autoridade incontestável, significa "igual em qualidade como em quantidade, reclamando para si mesmo a natureza, posição, e autoridade que pertencem a Deus". Como bem sabem os russelitas, Thayer era unitarista, portanto negava a divindade de Cristo, mas sendo honesto deu

o verdadeiro significado do termo bíblico, embora contradissesse suas opiniões.

A IGUALDADE DE CRISTO COM DEUS O PAI É DEMONSTRADA DE MUITAS MANEIRAS NO NOVO TESTAMENTO

1. A honra do Filho é a honra do Pai - João 5:23.
2. Ver a Cristo é ver a Deus - João 14:7-9.
3. Conhecer a Cristo é conhecer ao Pai - João 14:7.
4. Morrer em Jesus é crer em Deus - João 12:44.
5. Cristo faz as mesmas coisas que o Pai - João 5:19.
6. Cristo ressuscita os mortos como o faz o Pai - João 5:21.
7. Cristo tem vida em Si mesmo como o Pai - João 5:26.

O livro *Fundamentos da Educação Cristã*, p. 179 declara a respeito desta igualdade de Cristo ao Pai o seguinte:

"A fim de salvar o transgressor da lei de Deus, Cristo, que é igual ao Pai, veio viver o Céu diante dos homens, para que aprendessem o que significa ter o Céu no coração. Ilustrou o que o homem deve ser para estar à altura da preciosa dádiva da vida que se mede com a vida de Deus."

O Credo de Atanásio afirma: "Cristo é sem dúvida, igual ao Pai quanto à divindade, mas inferior a Ele quanto à humanidade."

A declaração de que Cristo era igual a Deus é um argumento valiosíssimo em defesa da Sua Divindade.

Ellen G. White na conhecida publicação *The Review and Herald*, do dia 7 de janeiro de 1890, página 1, declarou:

"O Redentor do mundo era igual a Deus - Sua autoridade era como a autoridade de Deus. Ele declarou que não tinha existência separada do Pai. A autoridade com que falava, e operava milagres, era-Lhe expressamente própria, não obstante nos assegura que Ele e o Pai são um."

NOTA:

No capítulo Polêmica em Torno da Mudança de uma Letra você encontrará todo O Credo de Atanásio.

ANTES QUE ABRAÃO EXISTISSE, EU SOU - JOÃO 8:58

João relata a declaração de Cristo da seguinte maneira: "Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade eu vos digo: antes que Abraão existisse, EU SOU."

No original se encontra:

eipen autoiv o ihsouv amhn amhn legw umin prin abraam
genesyai egw eimi

A discutida e controvertida Tradução Novo Mundo, na página 312, apresenta uma nota de rodapé declarando o seguinte: "A expressão grega Ego eimi (Eu sou) deve ser traduzida com propriedade no 'tempo do perfeito indefinido'." Por mais que alguém pesquise as gramáticas gregas nunca encontrará este tempo do verbo porque não existe; não passando de pura artimanha dos jeovistas. Se essa sua afirmação pode confundir os incautos, jamais os que podem entender um pouco de grego. Traduzir "Ego eimi" por "Eu tenho sido" é um disparate tão grande, que é melhor não empregar nenhum adjetivo que o qualifique.

Notemos que a forma verbal *existisse* no grego *guenestrai* indica nascimento, geração e é atribuída a Abraão, enquanto *eimi* = sou, que se refere a Cristo, significa existência. Note ainda que o primeiro verbo está no aoristo – ação pontiliar, enquanto o segundo está no presente – ação linear. Uma melhor tradução deste verbo seria: Antes que Abraão fosse feito ou criado, eu sou.

Robertson nos adianta que "eimi" é absoluto, o que simples mente quer dizer, que não há complemento predicativo algum expresso com ele.

O grego jamais admitiria a tradução "Eu tenho sido", porque a única que corresponde ao grego é "Eu sou" = existo. O Novo Testamento oferece excelentes exemplos do uso de "Eu sou", expressão que muitas vezes no hebraico aparece simplesmente com o pronome "eu" e o complemento predicativo, sem o verbo de ligação - "ani Jahweh (Eu Jeová).

A Septuaginta traduz a expressão "ani Jahweh", algumas vezes por "Ego Kyrios", "Ego Théos", mas outras colocando o conectivo "eimi"; como se pode ver em: Gên. 26:24; 17:1; Êxodo 3:14; Salmo 35:3; Isaías 43:25; Jeremias 3: 12; Joel 2:27.

O embuste do tempo perfeito indefinido e sua tradução "eu tenho sido", tem uma única finalidade, fugir da identificação Cristo com o Eu sou de Êxodo 3: 14, que é Jeová.

A única tradução correta de *Ego eimi é Eu sou* e desde que Jeová é o único Eu sou (Êxodo 3: 14; Isaías 44:6) Ele e Cristo são um. Na Septuaginta, a expressão Eu sou de Êxodo 3:14, está traduzida para "Ego eimi", bem idêntica a de João 8:58, provando de maneira inegável a divindade de Cristo.

Duas Explicações de Comentaristas Sobre o Significado da Expressão – Eu Sou

1º) *The Interpretation of St. John's Gospel*, de Lenski, página 671:

"Jesus declara que embora sua vida terrestre não atingisse cinquenta anos, sua existência como uma pessoa (Ego) é constante e independente de algum começo no tempo, como foi a vida de Abraão. Eu sou = Eu existo. Assim com as mais simples palavras Jesus testemunhou da divina e eterna preexistência de sua pessoa".

2º) J. H. Bernard - *A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel of St. John*, Vol. II, página 118:

"É evidente que o 'Ego eimi' (Eu sou), usado por Jesus, reflete a maneira apropriada e peculiar de Deus falar de Si mesmo no Velho Testamento e, na boca de Jesus referindo-se a Sua própria Pessoa, esta expressão se refere a Sua Divindade. Foi exatamente isto o que Jesus quis dizer ao usar esta expressão".

As Testemunhas de Jeová ainda afirmam que a frase "Eu sou" de João 8:58 pode estar empregada no chamado "presente histórico".

Embora exista o presente histórico, aplicá-lo nesta passagem é um verdadeiro absurdo, pois a gramática nos ensina que seu uso é para relatar fatos passados, como se fossem presentes, para tornar mais vívida a narração. A prova máxima de que Jesus se declarou Deus ou Jeová é que os judeus tomaram pedras para o apedrejar, pois este pecado era punido com este tipo de morte. Os seguidores da Seita comentada defendem que os judeus queriam apedrejar a Jesus porque Ele os chamara de filhos do diabo, conforme relatado no versículo 44. Isto é pura invenção, desde que João 10:33 declara o motivo de quererem apedrejá-lo.

As leis judaicas apenas permitem o apedrejamento em cinco casos:

1º) Espíritos adivinhadores - Lev. 20:27;

2º) Blasfêmia - Lev. 24:16;

3º) Filhos obstinados - Deut. 21:18-21;

4º) Falsos profetas que levavam o povo à idolatria - Deut. 13:5-10;

5º) Adulterio - Deut. 22:21-24.

Os judeus como legalistas não iriam apedrejar a Cristo se ele não estivesse infringindo um destes preceitos em que o apedrejamento era permitido.

São Crisóstomo nos asseverou: "Não disse: 'Antes que Abraão fosse eu fui', mas 'eu sou'. Assim como o Pai se serve da expressão 'Eu sou', Cristo também a emprega, porque denota uma existência contínua, que o tempo não pode medir. Por este motivo a expressão pareceu blasfêmia aos judeus".

A pena da inspiração traz luz adicional sobre este tema nas seguintes palavras:

"O mundo foi feito por Ele, 'e sem Ele nada do que foi feito se fez'. Se Cristo fez todas as coisas, existia antes de todas as coisas. As palavras proferidas neste sentido são tão decisivas que ninguém precisa permanecer em dúvida. Cristo era Deus essencialmente, e no mais elevado sentido. Estava com Deus desde toda a eternidade, Deus sobretudo, eternamente bendito...

"Há luz e glória na verdade de que Cristo era um com o Pai antes de serem lançados os fundamentos do mundo. Essa é a luz a brilhar em lugar escuro, tornando-o resplandecente com a glória divina que havia no princípio. Esta verdade, infinitamente misteriosa em si mesma, explica outras verdades misteriosas e de outra maneira inexplicáveis, se bem que engastadas em luz, inatingível e incompreensível."

The Review and Herald, 5-4-1906, p. 8.

QUE SIGNIFICA "POIS O PAI É MAIOR DO QUE EU" EM S. JOÃO 14:28?

Este texto é um dos favoritos das Testemunhas de Jeová, porque afirma ser o Pai maior do que Cristo.

Comentam-no assim: "Meu Pai é maior do que eu, este maior não quer dizer apenas em posição, mas também maior como pessoa."

Seja Deus Verdadeiro, pág. 110.

"A Bíblia mostra que há somente um Deus.... maior do que Seu Filho... E que o Filho como o primogênito, unigênito e criado por Deus, teve um começo. Que o Pai é maior e mais velho do que o Filho é algo racional, fácil de ser entendido e é o que a Bíblia ensina."

Do Paraíso Perdido ao Paraíso Resgatado, pág. 164.

Os arianos antigos e modernos têm predileção por este verso, porque crêem que ele confirma sua crença na inferioridade de Cristo, mas João e outros escritores neotestamentários sempre defendem a divindade do nosso Salvador.

Precisamos partir do princípio que João, em seu Evangelho enfatizou tanto a humanidade, como a divindade de Cristo. Pela encarnação Cristo se tornou humano e nesta situação era inferior ao Pai (João 5:19; 7:16; 10:29; 14:28); enviado pelo Pai (João 3:16) para falar as palavras do Pai (João 14:10; 17:8) e executar as obras do Pai (João 14:10). João de maneira alguma com estas afirmações autoriza heresias antigas e

modernas que proclamam ser Cristo somente um homem ou uma criatura de Deus.

Se os arianistas modernos seguissem os princípios hermenêuticos e exegéticos não se fixariam em textos isolados para tirar suas conclusões, pois o mesmo João proclama a divindade de Cristo ao declarar que ele é Deus (João 1:1), é um com o Pai (João 10:30), é igual a Ele (João 5:18).

A aceitação da exegese das Testemunhas de Jeová sobre versículo coloca Cristo em contradição consigo mesmo e com a Teologia Paulina. Basta conferir João 5:18, 10:30; Filip. 2:6. Deus requer de nós que aceitemos a unicidade bíblica e a Analogia da Fé.

Que Dizem os Comentários sobre S. João 14:28?

G. C. Berkouwer em *A Pessoa de Cristo*, páginas 138-139 analisando esta passagem lembra o comentário de Lutero.

"O 'ser maior' do que o Pai, está aqui integrado num contexto autenticamente especial: o Filho do Homem humilhado, através da paixão partirá para o Pai que há de glorificá-Lo... O contexto fala da humilhação em destaque contra a exaltação posterior . . . O comentário de Lutero do texto de João 14:28: 'Irá ao Pai significa ocupar o reino do Pai, porque lá se torna igual ao Pai, sendo reconhecido e glorificado na majestade do Pai. Por isso vou para o Pai, porque serei maior do que sou presentemente. Só assim Cristo podia falar corretamente sobre a atual função na Terra: o Pai é maior do que eu, que, no momento, sou servo. Chegará, porém, o tempo quando deverei me juntar ao Pai e então ficarei maior, isto é, tão grande como o Pai, com Ele reinando em igualdade de poder e majestade."

Sabatini Lalli em *O Logos Eterno*, pág. 61 pondera: "Todos os textos que nos falam desta submissão devem ser considerados à luz do estado de humilhação a que Cristo, livre e espontaneamente se submeteu, quando se encarnou".

Antônio Neves Mesquita no livro *A Doutrina da Trindade*, pág. 35 asseverou: "A Divindade tem economia própria, o seu governo. Nesta economia, Deus Pai, representa (mal diria) o "chefe" da Divindade . É Ele que manda o Filho, e ordena ao Espírito Santo. Ora, estas ordens são puramente econômicas, são modos de dizer coisas divinas em palavras humanas. São modos de administrar, que só entendemos por comparação".

L. Boettner no livro *The Doctrine of Trinity*, pág. 64 escreveu: "Na economia da redenção, e para cumprimento dum objetivo específico Ele aceitou voluntária e temporariamente, uma posição subordinada ao Pai." – Apud Radiografia do Jeovismo, pág. 187.

Concluiremos com a síntese do argumento bastante elucidativo, apresentado por Walter R. Martin no livro *The Kingdom of the Cults*, pág. 104-105.

O uso da palavra "meizon" - maior, comparativo de megas - grande, parece ser um forte argumento para as Testemunhas de Jeová, porém, um exame mais detido do contexto e dos princípios hermenêuticos, que governam o correto estudo exegético do Novo Testamento, rapidamente revelam que não passa, na verdade, de fraco argumento a ênfase nesta palavra grega.

A refutação é achada ao compará-la com Heb. 1:4, que afirmou: "tendo-se tornado tão superior aos anjos...". Uma pesquisa da palavra no original nos mostrará que o termo usado é bem diferente do que se encontra em João 14:28. Esta palavra é **κρείττον** - kreitton e as gramáticas e dicionários nos mostram que é um comparativo de **ἀγαθός** - agathós, bom, por isso na King James Version e no The Interlinear Greek - English é traduzida por "better".

Confrontando as duas comparações, a de Jesus com o Pai em João 14:28 e a de Jesus com os anjos em Heb. 1:4, um surpreendente fato nos atrai a atenção. O contexto de João nos revela que o Filho do Homem se tinha esvaziado de suas prerrogativas da divindade, Fil. 2: 6-8, e, tomado

sobre si a forma de um servo, por isso Cristo podia verdadeiramente dizer: "Meu Pai é maior do que eu". Maior, como um termo quantitativo descritivo de posição, neste contexto, de modo nenhum poderia ser construído como um comparativo de natureza ou qualidade.

A comparação feita em Heb. 1:4; entre Cristo e os anjos é claramente de natureza. O grego "kraitton" é um vocábulo descritivo de qualidade, portanto, Cristo era qualitativamente melhor do que os anjos, porque ele era o seu Criador (Col. 1:16-17), como tal existia antes de todas as coisas (Col. 1:17-19). Desde que nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade (Col. 2:9), qualitativamente ele era Deus manifesto na carne, enquanto quantitativamente falando ele estava limitado como um homem e podia com toda a veracidade declarar: "Meu Pai é maior do que eu".

Quando a comparação de posição em João 14:28, e a comparação de natureza em Heb. 1:4 são claramente compreendidas, o argumento tentado pelas Testemunhas de Jeová, para despojar a Cristo de sua divindade é reduzido a uma bagatela, diante de uma das maiores verdades reveladas nas Escrituras, isto é, que Deus que fez o mundo e todas as coisas tanto nos amou que apareceu na forma humana (João 1:1, 14) para que filhos dos homens, pudessem através de sua incomensurável graça, tornar-se finalmente os Filhos de Deus.

Cristo em João 14:28 está falando como homem e não como a segunda pessoa da Trindade.

A GLÓRIA DE CRISTO, UMA PROVA DA SUA DIVINDADE – S. JOÃO 17:5

Na tradução de Almeida, Edição Revista e Atualizada no Brasil, se encontra: "E, agora, glorifica-me, ó Pai, contigo mesmo, com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo."

Antes do estudo exegético dos problemas implicados com esta passagem é útil o estudo da palavra glória no original grego.

GLÓRIA - קָבוֹד

Em geral representa o termo hebraico kabodh, que tem por raiz a de "peso" ou "dignidade".

O termo hebraico passou a significar estima, honra, admiração, brilho. Como em português kabodh pode designar os atributos ou características que produzem estima, admiração. É usado no Velho Testamento a respeito de homens, para descrever a sua riqueza, esplendor ou reputação.

A glória de Israel não consistia em seus exércitos, mas em Yahweh (Jer. 2:11).

A Septuaginta traduz o hebraico kabodh pelo termo grego **δοξα**, que no grego clássico significava "opinião" ou "reputação". A primeira

dessas idéias desapareceu totalmente tanto na LXX como no Novo Testamento.

Achada já em Homero e Heródoto, esta palavra tem fora do grego bíblico uma significação básica que reflete sua ligação com □□□□□□□□ - dokéo, isto é, o que alguém pensa, opinião. Ela toma duas formas:

1º.) Eu penso - a opinião que eu tenho.

2º.) Eu calculo - a opinião que os outros têm de mim.

Thomas Whitelaw em *The Gospel of St. John* comentando a palavra □□□□□□ afirma: "parece ser diferente do hebraico kabodh que aponta para a impressão produzida pela majestade de Deus, enquanto doxa descreve o inefável esplendor ou beleza da natureza divina".

Em várias passagens a palavra significa esplendor que irradia de um ser celestial (Luc. 9:32; Atos 22:11); fama e honra (João 7:18; 8:50; II Cor. 6:8); beleza, excelência, grandeza (Mat. 4:8).

Seu emprego principal serve para descrever a revelação do caráter e da presença de Deus na Pessoa e na obra de Jesus Cristo Este é o resplendor da glória divina. Heb. 1:3.

Cristo refletia a glória divina, mas nenhum tabernáculo precisava ser erigido, visto que a palavra de Deus havia armado tenda na carne humana de Jesus (S. João 1:14) e sua glória será mais plenamente revelada por ocasião da sua parusia (aparecimento).

A glória de Deus, refletida em Jesus Cristo, também deve ser vista e refletida pela Igreja (II Cor. 4:3-6). O objetivo da Igreja é fazer o que está ao seu alcance para que o mundo reconheça a glória que pertence a Deus (Rom. 15:9), a qual é exibida em seus feitos (Atos 4:21), em seus discípulos (I Cor. 6:20) e, acima de tudo, em seu filho, o Senhor da glória (Rom. 16:27).

Esta palavra é difícil de ser traduzida porque ela pode designar todos os atributos da divindade.

Não há em português nenhuma palavra que lhe corresponda.

A melhor explicação para o real significado deste verso foi feita por Walter R. Martin ao analisar os desmandos doutrinários da seita.

Cristo ora ao Pai, pedindo-lhe para retornar à glória que tivera anteriormente. Foi esta oração atendida? Sim. Paulo em Filipenses 2:9 nos científica da resposta positiva a esta oração - "Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome."

Esta passagem da Escritura colocada ao lado de Isaías 42: 8 e 48:11 prova quem é Cristo, dando-nos um testemunho inequívoco da Sua divindade. Em Isa. 42:8 e 48:11 Deus declara peremptoriamente que a Sua glória, que é inerente à Sua pessoa, não poderia ser dada a nenhuma outra pessoa que não fosse divina. Não existem argumentos entre as Testemunhas de Jeová, que possam combater a verdade revelada nestas passagens da Bíblia.

A declaração de Cristo em João 17:5 revela que ele seria glorificado com a glória do Pai e que esta glória não lhe era novo, deste que afirma que ele a possuía com (grego pará) o Pai.

As Escrituras apresentam, pelo menos quatro exemplos onde Cristo manifestou Sua glória, revelando Seu poder e divindade.

1º) No Monte da Transfiguração – Mat. 17:2;

2º) No Getsêmani ao identificar-se com o "Eu Sou" de Êxo. 3:14
João 18:6;

3º) Em sua oração sacerdotal - João 17:22;

4º) Na execução de muitos trabalhos do Seu ministério terrestre -
João 1:14

Cristo nunca deixou de ser Deus durante a Sua encarnação.

Um membro deste movimento, ao ser entrevistado, numa tentativa para escapar das evidentes declarações da divindade de Cristo, revelados neste texto, voltou ao surrado chavão da Sociedade , isto é, torcer o texto bíblico, e afirmou que a palavra "com" (grego pará) em João 17: 5, realmente significa "através", e portanto esta glória não é uma prova da divindade de Cristo, porque ela pertence a Jeová e está meramente brilhando através do filho.

Esta afirmação é totalmente descabida diante da gramática grega.

As preposições gregas regem ou determinam os casos em que devem estar as palavras que se lhe seguem. Elas podem reger um, dois ou três casos. A preposição "pará" está entre as que regem três casos, isto é, genitivo, dativo e acusativo, tendo um significado diferente em cada um dos casos. Em João 17:5 ela está regendo o dativo e o dicionário de Arndt and Gingrich, apresenta nestas circunstâncias os seguintes significados: Com, junto de, ao lado de, perto. Outros dicionários e gramáticas confirmam estas acepções.

Se João quisesse dar a idéia de *através* ele teria usado a preposição grega $\pi\alpha\rho\alpha$ - "diá" e não $\pi\alpha\rho\alpha$ - "pará".

Esta glória era uma eterna herança do Filho, portanto, João quando pelo Espírito Santo, deliberadamente escolheu a preposição "pará" = com, de preferência a "dia" = através, ele apresentou um argumento que não pode ser contestado pelos mais astutos jeovistas. Graças a Deus pela exegese correta, feita por pessoas competentes, que jamais se confunde com a deturpada, empreendida por incipientes e insipientes conhecedores dos princípios hermenêuticos e da Gramática Grega.

Jesus reclamou a mesma glória do Pai e desde que Jeová afirma que a Sua glória (Isaías 42:8) não seria dada a um outro, a unidade de substância entre Ele e Cristo é inegável. Eles são um em todas as suas maravilhosas implicações e embora não possamos entender totalmente este mistério, alegremente o aceitamos, e assim fazendo permaneceremos fiéis à Palavra de Deus.

Este versículo poderia ser colocado assim: "Pai, tendo eu terminado a minha obra aqui na terra, peço-te que me restituas ao gozo daquela glória inefável, que eu, como membro da Trindade, tinha contigo, antes da criação."

TOMÉ CONFIRMA A DIVINDADE DE CRISTO JOÃO 20:28

João relatando as palavras de Tomé escreveu em grego:

kai apekriyh o ywmav kai eipen autw o kuriow mou kai o yeov mou

A tradução literal para o vernáculo será: Respondeu Tomé e disse-lhe: Senhor meu e Deus meu.

A importância da ressurreição tem sido reconhecida até mesmo pelos inimigos do cristianismo. Após este fato extraordinário João demonstra sua fé na ressurreição de Cristo, anunciando sua aparição a Maria Madalena, aos dez e depois aos onze discípulos.

Ao os discípulos relatarem a Tomé que haviam visto Cristo, ele revelando sua incredulidade, tornou-se, por antonomásia, o pai dos que precisam ver para crer.

A Bíblia pouco relata a respeito do apóstolo Tomé, mas por algumas de suas afirmações concluímos que parecia ser bastante pessimista, pertencendo a esse grupo de pessoas que vêem todas as coisas por prisma sombrio. Após a morte de Lázaro, ao Jesus querer ir a Betânia ele declarou aos companheiros: "Vamos também nós, para morrermos com ele." (João 11:16). De outra feita, dizendo Jesus aos

discípulos: "E vós sabeis o caminho para onde eu vou." João 14:4. A pergunta de Tomé foi incontinente: "Senhor, não sabemos para onde vais; como saber o caminho?" (v. 5)

Ao Cristo aparecer perante ele, prontificou-se imediatamente a satisfazer a sua incredulidade, mas não foi preciso que Tomé colocasse a mão e os dedos sobre as feridas, porque a Sua presença e onisciência colocaram a incredulidade por terra.

Após a censura do Mestre e a evidência completa da ressurreição do Salvador, Tomé proferiu a solene declaração: "Senhor meu e Deus meu".

Robertson afirma que com esta frase Tomé faz uma aceitação completa da Divindade de Cristo e da evidência da Sua ressurreição.

A expressão de Tomé **θεός μου** v **ουός μου** - ho Theós mu, não poderá ser traduzida de outra maneira a não ser "Deus meu" e o próprio Diaglótico Enfático consigna "O Deus de mim" ou "Meu Deus".

O uso do artigo antes da palavra Deus é elucidativo para nós, mas incômodo para as Testemunhas de Jeová, porque em seus comentários de João 1:1, salientam que o artigo distingue o único Deus verdadeiro - Jeová, de um "deus" inferior e secundário, criado por Deus em algum tempo. Eles aqui foram traídos pelo "conto do artigo", criado em suas mentes férteis de idéias absurdas, de como deve ser traduzido o texto bíblico. Diante do argumento do artigo eles foram prudentes, não comentando nem explicando nada a respeito deste verso.

As Testemunhas de Jeová afirmam que o Corpo de Jesus não ressuscitou e para harmonizar sua crença com o aparecimento Corporal de Cristo perante Tomé ensinam o seguinte: Só porque Tomé não queria crer é que Jesus lhe apareceu num corpo semelhante àquele em que tinha morrido. Pode alguém aceitar que Cristo aprovasse este tipo de simulação?

A prova de que Cristo era Deus está no seguinte: o Nosso Salvador aceitou este título que Tomé lhe deu, como nos mostra o verso 29. Em segundo lugar a afirmação vem de alguém, que tinha sido educado como

um judeu, na concepção judaica da dignidade do nome de Deus. Nesta declaração se encontra implícita a seguinte verdade: Tomé está pronto a servi-Lo como Senhor e adorá-Lo como Deus.

Alguns russelitas diante da embaraçosa situação criada por João 20: 28, onde Tomé proclama a divindade de Cristo, usam o seguinte sofisma: Ao Tomé dizer "Senhor meu", ele se refere a Cristo ali presente, mas ao proferir "Deus meu" dirigia-se a Jeová no céu. Esta declaração nos faz lembrar de certos advogados, que perdidos diante das evidências dos fatos, apelam para a chicana ou métodos cavilosos procurando confundir os opositores.

Se as Testemunhas de Jeová valorizam tanto o grego, porque então não estudam melhor a sintaxe da conjunção aditiva kai = e, para ver se é possível uma afirmação desta natureza. Ver no comentário a Tito 2:13, nesta apostila, uma explicação análoga sobre esta conjunção.

Quero concluir este capítulo com uma declaração de São Jerônimo: "O verdadeiro mestre é aquele que não traz a sua doutrina para a Escritura, mas tira-a da Escritura".

QUAL O EXATO SENTIDO DE FILIPENSES 2:6?

Como bem demonstrou Arnaldo Christianini em *Radiografia do Jeovismo*, página 58:

"As fraudes tradutórias das chamadas "testemunhas de Jeová" não se limitam ao abuso de verterem erroneamente ou truncarem os textos sagrados. Vão além e, quando não encontram na Bíblia um cabide em que dependurar suas idéias heréticas, recorrem então ao processo da subtileza, da *especiosidade no sentido* da frase sacra, forçando-a a amoldar-se ao esquema ariano, que nega a Divindade de Jesus."

Um exemplo frisante, que comprova as assertivas feitas no parágrafo anterior pelo Pastor Christianini, encontra-se na tradução tendenciosa que fizeram da declaração paulina de Filipenses 2:5 a 11.

O livro *Seja Deus Verdadeiro*, página 32 declara o seguinte:

"Na carta aos crentes filipenses este escritor hebreu diz alguma coisa sobre o passado pré-humano de Jesus, declarando: 'Mantenham esta atitude mental, que também era de Jesus Cristo, o qual ainda que existisse em forma divina, não deu lugar à usurpação, isto é, não se considerou igual a Deus. Não, mas ele se esvaziou e tomou a forma de escravo e fez-se à semelhança do homem. Mais do que isso, quando o encontramos na forma de homem, ele se humilhou e foi obediente até a morte, sim, morte no poste dos suplícios. Por causa disso exatamente,

Deus o exaltou a uma posição superior e deu-lhe bondosamente o nome que está acima de qualquer outro nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho daqueles que estão no céu e na terra e debaixo da terra, e que toda língua confesse abertamente que Jesus Cristo é o Senhor para a glória de Deus Pai'. (Filip. 2:5-11 - Tradução Novo Mundo).

"Esse alguém não era Jeová Deus, mas existia na forma de Deus. Como assim? Era um espírito, exatamente como Deus é um Espírito; era poderoso, ainda que não Todo-Poderoso como Jeová Deus."

Duas páginas na frente (p. 34) o mesmo livro afirma:

"Antes de vir à terra, esse Filho unigênito de Deus não se julgava igual a Jeová Deus; ele não se considerava 'igual em Glória e poder' com o Deus Todo-Poderoso; ele não seguiu o caminho do Diabo e não conspirou nem planejou fazer-se igual ou semelhante ao Deus Altíssimo, nem usurpar o lugar de Deus. Pelo contrário, provou a sua sujeição a Deus como seu Superior, humilhando-se sob a mão toda poderosa de Deus, até o mais ínfimo grau, que significa uma morte infamante sobre um poste de suplícios. Citando a tradução Diaglótica Enfática de Filip. 2:5-8, temos: 'Cristo Jesus, o qual, ainda que tendo a forma de Deus, não pensou em usurpação para ser igual a Deus, mas despojou-se, tomando a forma de escravo, tendo sido feito à semelhança dos homens; e estando na condição de homem, ele se humilhou, tornando-se obediente até a morte, até mesmo morte de cruz'."

Nestas duas citações encontramos uma das maiores aberrações no traduzir a Bíblia e uma tremenda distorção da exegese das Escrituras Sagradas.

As traduções Diaglótica Enfática e Novo Mundo não são reconhecidas pelas autoridades da língua grega.

Lendo apressadamente Filip. 2:6 na tradução Novo Mundo: "O qual embora existisse em forma de Deus, não deu consideração a uma usurpação, a saber, que devesse ser igual a Deus" poucos notariam a propositado distorção do pensamento do apóstolo, que é mostrar, que

Cristo embora fosse igual a Deus, não se agarrou a esse privilégio, mas dele abriu mão, para tomar a forma humana.

Em grego Paulo escreveu: *ov en morfē yeou uparcwn ouc arpagmon hghsato to einai isa yew*, cuja tradução literal na ordem helenística seria: O qual na forma de Deus subsistindo não usurpação julgou o ser igual com Deus.

Em bom vernáculo o sentido seria: O qual subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação ser igual a Deus.

Parece-me que não foi muito feliz a tradução que se encontra em A Bíblia na Linguagem de Hoje na segunda parte do versículo: "Ele sempre teve a mesma natureza de Deus, mas não tentou ser, pela força, igual a Deus". Ele não se apegou pela força a este privilégio – ser igual a Deus.

A explicação dada por Roberto G. Bratcher, um dos tradutores do Novo Testamento na Linguagem de Hoje, não nos convence por não ter atendido à Analogia da Fé, ao contexto e à teologia paulina. Eis suas palavras:

"Desde os tempos antigos os comentadores e expositores se têm dividido em dois grupos: para uns a palavra *harpagmos* significa (1) algo a ser mantido pela força, e outros (2) algo a ser conseguido pela força. A idéia de força está presente na palavra *harpagmos*, bem como em suas formas verbais e nominais; mas é impossível determinar com perfeita segurança se nesta passagem quer dizer algo a ser mantido ou a ser conseguido. Que é que Paulo quis dizer quando escreveu estas palavras? Que Cristo não pensava que igualdade com Deus era algo a ser conseguido? Ou que era algo a ser mantido? O tradutor precisa decidir-se, ele precisa tornar claro o sentido.

"O N. T. L. H, dá a idéia de conseguir; este é o sentido do texto consignado na American Standard Version, Revised Standard Version, nas traduções de Weymouth, Knox, Goodspeed e na New English Bible. Outras traduções têm a idéia de reter a igualdade com Deus, como a Twentieth Century, Moffatt, Phillips e a Bíblia de Jerusalém."

O professor de grego William Carey Taylor em seu livro *Introdução ao Estudo do Novo Testamento Grego*, capítulo 86, n.º 790, assim traduz: "O qual, existindo essencialmente em natureza de Deus, não considerou o estar em pé de igualdade com Deus presa (o ser cobiçado e retido como a leoa segura a presa ou o salteador o seu espólio)."

As traduções dos Rutherfordistas têm uma única e fundamental finalidade, negar a Divindade de Jesus, por isso traduzem a aludida passagem dando a impressão de que Cristo não se interessava pela Divindade, chegando mesmo a menosprezá-la.

Há neste versículo, três palavras que merecem um estudo mais detido para que compreendamos bem o sentido que Paulo nos quis transmitir:

- a) ὁ ὢν ὁ ὄν – nom. sing. masc. do part. presente do verbo
 ὢν ὄν – existir, ser, subsistir, indicando uma condição essencial ou original que perdura, em contraste com o fugaz e acidental.
- ἔσθι – ser, existir, o verbo geral de existência.
- ἑαυτοῦ – tornar-se, nascer, acontecer, ser feito, especificando o que uma pessoa se torna quanto à qualidade, condição, categoria ou caráter. Filip. 2:6- 8 ilustra os três verbos".

Tanto Blass § 414, quanto Robertson página 1121, em suas respectivas gramáticas, nos afirmam que o verbo *guinomai* é amplamente usado como um substituto para "eimi".

- b) ἡρπασμός – que apenas foi usada nesta passagem, é o acus. singular de *arpagmós* = roubo. Segundo *The Analytical Greek Lexicon*, na Bíblia significa: uma

coisa retida com ávido desejo ou avidamente reivindicada e conspicuamente exercida.

c) **μορφή** – Taylor, no livro já citado, na página 393, explica-nos o seguinte:

μορφή – forma, com ênfase sobre o aspecto exterior. Luc. 3:22; João 5:37; II Cor. 5:7.

μορφή – forma, implicando essencial caráter e natureza. Está em contraste com **εἰκόν** – figura, semelhança exterior e efêmera. Morfê salienta a essencial natureza divina e a real humanidade de Jesus, em Fil. 2:6-7; squêma salientando a fase passageira da sua humilhação.

Vincent, abalizado comentarista, em *Word Studies in The New Testament*, vol. III, páginas 430 e 431 comentando a palavra morfê afirma: "Precisamos banir de nossa mente a idéia de forma. A palavra é usada em seu sentido filosófico para denotar aquela expressão do ser que teria em si mesmo a distinta natureza e caráter do ser a quem pertence e é assim permanentemente identificada com aquela natureza e caráter. Assim é distinta de squêma, porque compreende aquilo que apela aos sentidos e que é mutável. Morfê é identificada com a essência de uma pessoa ou coisa. Squêma é um acidente que pode mudar sem afetar a forma. Para o termo morfê aplicado a Deus não temos nenhuma palavra que possa transmitir sua exata significação..."

Dizer de Cristo, que sendo na forma de Deus, é dizer que ele existia tão essencialmente como Deus existe".

O Comentário Adventista, Vol. 7, página 154 afirma sobre esta palavra:

" 'Morfê' aqui denota todas as características e atributos essenciais de Deus. Neste sentido, morfê representa a maneira em que as qualidades e características eternas de Deus se têm manifestado. Seja qual for a

forma que essa manifestação tenha tomado, foi ela possuída por Cristo, que por isso existiu como Um com Deus".

Sabatini Lalli em *O Logos Eterno* pondera:

"A expressão, 'que sendo ou subsistindo na forma de Deus', revela que, na mente lúcida de Paulo, como também no texto grego – pois o apóstolo se expressa com clareza e segurança – está contida a afirmação da preexistência eterna do Logos Divino. Em sua segunda Carta aos Coríntios 8:9, Paulo afirma: 'Porque já sabeis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo que, sendo rico, por amor de vós se fez pobre; para que pela Sua pobreza enriquecêsseis'. A mesma força verbal que se encerra na frase 'sendo ou subsistindo na forma de Deus', de Fil. 2:6, é evidente e irredutível na expressão 'sendo rico', de II Cor. 8:9. Cotejando estas duas passagens, concluímos que, além de o Logos, como Pessoa, ter existência eterna, conforme João 1:1, possuía também as riquezas próprias do Seu estado de Divindade.

"Para o Apóstolo, o Logos não 'era' pobre, mas 'tornou-se' pobre. 'fez-se' pobre. O verbo grego 'ptochéno' – que significa 'tornar-se pobre', 'fazer-se pobre' ou 'empobrecer' – é empregado por Paulo na terceira pessoa singular do Indicativo Aoristo (éptócheusen) e indica uma ação passada que se realizou em certo tempo. Este tempo é referido por Paulo em Gál. 4:4 e na Carta aos Hebreus 1:1. A riqueza que o Logos Divino renunciou, quando assumiu a forma ou a natureza humana, foi a Sua glória, o Seu Domínio e a Sua Bem-aventurança, na Sua Pobreza. O Logos identificou-se com a raça humana na sua miséria, e, por meio desta identificação, enriqueceu-a com a suprema dádiva da Justificação, da Iluminação, da Santificação, da Paz, da Alegria, da Certeza da Vida Eterna, presentes de valor infinito que a raça recebeu em virtude da encarnação do Logos'." Páginas 38-39.

Morfê significa poder, glória, majestade, natureza, essência. Essa palavra traduziria bem o sentido de glória que se encontra em S. João 17:5.

O oráculo Russelita, na página 22, comentando Fil. 2:1-11 afirma: "Paulo faz claro que Cristo Jesus em sua forma pré-humana não era igual

a seu Pai. Ele aconselha os cristãos a não serem motivados pelo egoísmo, mas a terem humildade de mente, assim como teve Jesus Cristo, que, embora existindo na forma de Deus, antes de sua vinda à Terra, não foi ambicioso para tornar-se igual seu Pai".

Eles sustentam ainda, que Paulo nesta passagem ensina que Jesus era inferior ao Pai, em natureza, quando na realidade a teologia paulina é totalmente oposta a esta afirmação. Basta citar:

1º) Col. 2: 9 – "Porquanto, nele, habita, corporalmente, toda a plenitude da Divindade."

2º) Tito 2:13 – "Aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo."

3º) Heb. 1:8 – "Mas, do Filho, diz: Ó Deus, o teu trono subsiste pelos séculos dos séculos."

Segue-se uma página bastante oportuna, relacionada com este tema, citada por Homero Duncar, no livro Testemunhas de Jeová?!

Com permissão da Oxford University Press citamos o rodapé desse texto na New Scofield Reference Bible (Fil. 2:6): "Esta é uma das afirmativas mais incisivas do Novo Testamento sobre a Divindade de Jesus Cristo. A forma (no grego morfê) é a aparência externa pela qual uma pessoa ou coisa dá na vista; é entretanto, uma forma externa verdadeiramente indicativa da natureza interior da qual brota. Nada nesta passagem ensina que a Palavra eterna (João 1:1) se esvaziasse de Sua natureza divina ou de seus atributos, mas apenas da manifestação externa e visível da Divindade. Deus pode mudar de forma, mas Ele não pode deixar de ser Deus. Em todas as ocasiões Seus atributos divinos puderam ser exercidos de acordo com a Sua vontade".

Os editores da Scofield Reference Bible, que fizeram tal declaração, são mundialmente reconhecidos como sendo competentes mestres da Bíblia .

Sabatini Lalli, em *O Logos Eterno*, página 38, enfatiza mais uma vez: "No texto de Fil. 2:6-11 ocorrem duas palavras cujo sentido deve ser notado, porque revelam o propósito definido que Paulo tinha em mente:

"morfê" e "schema". A palavra "morfê" significa "forma" e envolve também a idéia de "substância" ou "essência". A palavra "schema", por outro lado, tem, entre outros o sentido de "forma", "aparência", "semelhança" e "figura". Sófocles, por exemplo, empregando a palavra "schema", escreveu: 'Tyrranon schema échein' (tem ares ou aparência de rei). Isto significa que qualquer pessoa pode ter "ares" ou "aparência" de rei, sem ser, necessariamente, rei. A palavra "morfê" portanto, em contraste com "schema", denota a forma que é a expressão externa de determinada substância e essa forma é concebida como intimamente relacionada com a natureza dessa substância".

Em Fil. 2:6 Paulo afirma que Cristo não teve o desejo de lutar por aquilo que era seu por natureza e herança.

Para não nos alongarmos cansativamente em comentários sobre esta passagem, apresentamos ainda uma tradução e uma paráfrase, já tornadas conhecidas, entre nós, pelo Pastor Christianini, ao tratar deste mesmo assunto.

"Arthur S. Way, hábil tradutor de clássicos gregos, em "The Epistles of St. Paul" (edição 1921), página 55, assim traduz o passo: 'Ele mesmo, quando subsistia na forma de Deus, não se agarrou egoisticamente à Sua prerrogativa de igualdade com Deus...'

"E o erudito G. B. Phillips, em *Epistles to New Churches*, 1948, página 113, em tradução perifrástica, assim verte o texto: 'Porque Ele, que sempre fora Deus por natureza, não se ateu às Suas prerrogativas de igualdade com Deus, mas despiu-se de todo o privilégio, consentindo tornar-Se escravo por natureza e nascendo como homem mortal'. O autor de *Radiografia do Jeovismo*, após seu comentário desta passagem pergunta:

"Diante dessa *nuvem de testemunhas*, as mais autorizadas, verdadeiras sumidades na língua original do Novo Testamento, em que fica o arremedo de tradução, o mistifório jeovista?"

Sendo que não há resposta a sua pergunta, eis aqui a minha:

Estudando-lhes as doutrinas, comparando-as com os ensinamentos bíblicos, contra os quais assestam as suas armas negativistas e demolidoras à Divindade de Cristo e a Trindade, concluo que muito apropriadamente se lhes aplica o provérbio: **O pior cego é aquele que não quer ver.**

UMA TRADUÇÃO AMPLIADA DE COL. 1:15-17

Na Bíblia Sagrada, Tradução de Almeida, Edição Revista e Atualizada no Brasil, lemos: "Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação; pois, nele, foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam troncos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele. Ele é antes de todas as coisas. Nele, tudo subsiste."

A Tradução Novo Mundo, em inglês traz: "Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação, porque por meio dele todas as outras coisas foram criadas nos céus e sobre a terra ... Todas as outras coisas têm sido criadas por meio dele e para ele. Também ele é antes de todas as outras coisas e por meio dele todas as outras coisas foram tornadas existentes".

A palavra "outras" sublinhadas quatro vezes não se encontra no original.

Na Tradução Novo Mundo em português a palavra "outras" se encontra entre colchetes.

Comentando esta tradução berrante, o Dr. Metzger diz: "Nesta passagem, a palavra 'outras' foi inserida quatro vezes, sem nenhuma

justificação. Não se encontra no original grego, e foi obviamente usada pelos tradutores para fazer com que a passagem se referisse a Jesus como igual às outras coisas criadas. A verdade é que a antiga heresia colossense, que Paulo teve de combater, assemelha-se à opinião dos modernos "Testemunhas de Jeová", visto que alguns dos colossenses defendiam a noção de que Jesus era a primeira de muitas outras criaturas intermediárias entre Deus e o homem. Para se dar o verdadeiro sentido à exaltada descrição que Paulo faz do Filho de Deus, nessa passagem, é necessário que se leia a aludida tradução sem o quádruplo acréscimo da palavra 'outras'."

Revista Teológica do Seminário Presbiteriano do Sul, com sede em Campinas, dezembro de 1952. Citação de *Logos Eterno* de Sabatini Lalli, págs. 53-54.

Estudando os comentários sobre estes versos concluí que os melhores argumentos foram aduzidos pelo erudito Walter R. Martin em sua análise deste povo. Tomamos a liberdade de traduzi-los, resumi-los e adaptá-los em nossa apostila.

Nesta tradução as Testemunhas de Jeová cometeram uma das piores perversões no texto do Novo Testamento que o autor já tem visto. Sabedores de que a palavra "outras" não se encontra no original deliberadamente eles a inseriram na tradução na vã tentativa de fazer Cristo uma criatura e uma das "coisas".

Tentando justificar o disparate, a Tradução Novo Mundo coloca após a palavra "outras" um sinal remetendo o leitor para a nota do rodapé, onde se pede que leia Lucas 13:2 e 4. Qualquer simples estudante de grego percebe a inoportunidade de comparar a palavra outros de Lucas com a afirmativa de Paulo em Col. 1:15-17. Compreende-se que Jesus estava apresentando um contraste entre certos galileus e seus conterrâneos, mas por que esta afirmativa do Mestre autoriza a inserção de termos em Col. 1 para provar um ponto doutrinário antibíblico é alguma coisa inconcebível a nossa mente.

Visando reduzir o Filho de Deus de criador a criatura desrespeitam a gramática e a técnica da tradução.

Todo o contexto de Col. 1:15-22 pulula de idéias sobre Cristo como o Criador de todas as coisas. Corroboram com a descrição Paulina os versos de João 1:3, 14 e Heb. 1:3. As Escrituras apresentam um inequívoco testemunho da atividade criativa do Filho de Deus, distinguindo das coisas criadas com o criador e mantenedor de todas as coisas.

As Testemunhas de Jeová não têm elementos para defender esta tradução desonesta. Agindo assim revelam sua supina ignorância pelos princípios exegéticos do grego.

A SEGUNDA VINDA DE JESUS – PARUSIA

Existe apenas uma maneira correta para verificarmos se uma doutrina bíblica é certa ou errada: é aferi-lo com a infalível Palavra de Deus. "À lei e ao testemunho! Se eles não falarem desta maneira, jamais verão a alva" (Isaías 8:20).

Os ensinamentos bíblicos não devem ser explicados por livros que falam da Bíblia, mas pela própria Bíblia. Veja o segundo princípio hermenêutico nesta apostila.

As "Testemunhas de Jeová" em vez de apresentarem um sistema de doutrinas em que crêem, preferem como já foi visto, apresentar uma relação das coisas em que não crêem, negando assim doutrinas fundamentais ensinadas na Bíblia.

Os russelitas seguindo estritamente as idéias de seus dois preeminentes líderes – Russell e Rutherford – ensinam que no ano de 1914 ao terminar o "tempo dos gentios" começou a "segunda presença de Cristo". Para eles Cristo não virá, já está aqui, mas de maneira invisível, dirigindo o seu movimento teocrático.

O dogma da segunda presença de Cristo se baseia na profecia dos 2520 dias-anos advindo dos sete anos determinados sobre

Nabucodonosor em Daniel 4. Segundo eles os 2520 anos começaram em 607 AC, quando Zedequias foi levado cativo para Babilônia. Acontece que há um anacronismo nesta data, pois as fontes históricas nos cientificam de que Jerusalém foi tomada em 586 AC, portanto 20 anos depois da data fixada por eles.

Em defesa da sua crença traduzem S. Mat. 24:3, da seguinte maneira: "Enquanto estava sentado no Monte das oliveiras. aproximaram-se os discípulos, em particular, dizendo: Dize-nos: quando sucederão estas coisas e qual será o sinal da tua presença e da terminação do sistema de coisas?"

O problema primordial da controvérsia se encontra no real significado da palavra grega □□□□□□□□. Esta palavra aparece 24 vezes no Novo Testamento. Catorze vezes nas Epístolas Paulinas, quatro em Mateus, duas em Tiago, três em II Pedro e uma em I S. João.

Em que passagens se baseiam para negarem a segunda vinda de nosso Salvador de forma visível e corpórea e defenderem a presença invisível de Cristo? Evidentemente, em nenhum texto bíblico se encontra esta idéia, que foi arquitetada, em 1871, na mente do fundador da seita – Russell. Estabeleceram suas conclusões baseadas em premissas falsas, isto é, interpretando mal Mat. 23:39 e João 14:19.

Afirmam em *Make Sure of All Things*, pág. 321: "O retorno de Cristo será invisível, porque Ele testemunhou que o homem não poderia vê-lo, outra vez, em forma humana".

As afirmativas de Cristo não servem de fundamento para as suas esdrúxulas conclusões, por violarem uma das regras básicas da hermenêutica que diz: Ao fazer a exegese da Bíblia, o intérprete deve ter em vista o contexto.

A volta de Cristo, que pode ser apropriadamente chamada de sua "segunda vinda" (Heb. 9:27) é expressa no Novo Testamento por diversos vocábulos gregos que necessitam ser estudados porque contêm a idéia daquilo que é visível.

1º) **παρουσία** – derivado do verbo **παριστάω** – estar presente, chegar.

Que dizem os dicionários sobre o significado de parusia?

Arndt and Gingrich

a) Presença – II Cor. 10:10; Fil. 2:12;

b) Vinda de Cristo – Mat. 24:3; I Cor. 1:8, etc.

"No grego helenístico a palavra tanto era empregada para a vinda de uma divindade, que fazia sua presença sentida, por uma revelação de seu poder; quanto para a visita de uma pessoa de linhagem como reis e imperadores visitando uma província".

O Dicionário do Novo Testamento de Thayer ao estudar a palavra nos diz:

"No Novo Testamento acha-se, especialmente, relacionada com o Advento, isto é, a futura volta visível de Jesus, procedente do céu, o Messias, que virá para ressuscitar os mortos, decidir o último julgamento e estabelecer de maneira aparente e gloriosa, o reino de Deus".

Thayer foi bastante honesto nesta afirmativa, embora contrariasse sua crença.

2º) **αποκαλύψις** – apocalipsis, esta palavra é também usada para descrever o aparecimento de Cristo. I Cor. 1:7; II Tess. 1:7, 13; I Pedro 4:13.

Chamar a volta de Cristo um "apocalipsis" que quer dizer um "desvendamento" ou "descoberta", significa que o poder e a glória que agora já lhe pertencem serão desvendados ou tornados visíveis perante o mundo, como nos diz Pedro em sua primeira carta, capítulo quatro, versículo treze.

Em que base fica a defesa de "presença invisível" dos empedernidos negativistas?

3º) **φανερώνω** – **faneróo** – manifestar, mostrar claramente.

O notável dicionário de Arndt and Gingrich, que não passa de uma tradução de W. Bauer, traduz este verbo da seguinte maneira:

- a) revelar, fazer conhecido, mostrar: Rom. 1:19; I Cor. 4:5; Tito 1:3.
 b) tornar visível ou conhecido, ser revelado: Mar. 4:22; João 3:21; Rom. 16:26; Efés. 5:13.
 c) aparecer, revelar-se especialmente do aparecimento de Cristo no Segundo Advento: Col. 3:14; I Pedro 5: 4; I João 2:28.
 4º) ██████████ – **epifânia** – aparecimento, manifestação. Designa a visibilidade do retorno ou aparecimento de Cristo.
 I Tim. 6:14; II Tim. 4:1; Tito 2:13.

No grego clássico significava o aparecimento de uma divindade que se encontra escondida.

Destas quatro, a mais conhecida e mais importante para descrever a segunda vinda de Cristo é "parusia".

A Tradução do Novo Mundo na página 780 registra as 24 ocorrências da palavra "parusia", que sempre traduzem por "presença"; justificando porque assim o fazem. Ver argumentos refutatórios de Walter R. Martin no livro *The Kingdom of the Cults*, página 70.

A Critical Lexicon and Concordance de E.W. Bullinger, página 976 afirma que destas 24 vezes, duas significam presença e vinte e duas vinda.

Os dicionários: *The Analytical Greek Lexicon*, Arndt and Gingrich e muitos outros traduzem II Cor. 10:10 e Fil. 2:12 como presença e nas outras ocorrências como vinda.

A conclusão a que chegamos pela consulta a Dicionários e Comentários é que "parusia", às vezes, pode ser traduzida por presença, como foi visto acima, mas na maioria dos casos traduzi-la por presença seria uma violação do contexto – Mat. 24:3, 27, 37, 39; I Cor. 15:23.

Embora "parusia" signifique presença ou vinda ver neste vocábulo a idéia de presença invisível é afastar-se dos claros ensinamentos bíblicos.

O motivo da tradução Novo Mundo é ensinar que o retorno de Cristo é invisível e desconhecido de todos os que não forem fiéis

russelitas. Como harmonizar a afirmação de que Cristo já veio invisivelmente em 1914, com as suas próprias palavras em Mat. 24:36?

Embora um ou outro conceito possa ser um pouco repetitivo, creio ser de utilidade a transcrição de um artigo de Roberto L. Odom, que apareceu no *Ministério Adventista* de Maio-Junho de 1967, páginas 18 e 19, intitulado: **Os Adventistas do Sétimo Dia e a Parusia**, porque ele confirmará, fixará e também ampliará as idéias já apresentadas:

"Como os adventistas do sétimo dia obtiveram sua interpretação sobre o vocábulo grego parusia, da maneira como é usado no Novo Testamento?

"Esta é a pergunta que fazem certas pessoas que pensam que a volta de Cristo a este mundo para buscar Seu povo será secreta e invisível, e que só os justos terão conhecimento de sua ocorrência.

"O substantivo grego parusia é empregado vinte e quatro vezes no Novo Testamento. Os dicionários gregos em geral definem esta palavra como "estar presente", "presença" ou "chegada". Os adventistas do sétimo dia não negam isto. O que rejeitamos é a noção de que a presença ou a vinda de Cristo quando Ele regressar à Terra tenha de ser espiritual, impessoal, secreta e invisível, e que precise ocorrer de tal maneira que só será notada pelos poucos justos que viverem na Terra nesse tempo. Nada há na palavra parusia para indicar ou sugerir isso.

"De Éfeso, Paulo escreveu o seguinte para os crentes de Corinto: 'Alegro-me com a vinda de Estéfanos, e de Fortunato, e de Acaico; porque estes supriram o que da vossa parte faltava.' I Cor. 16:17. Que razão se pode alegar para supor que a chegada (parusia) destes três homens a Éfeso foi tão secreta, invisível impessoal e que não foi vista por ninguém mais além de Paulo?

"O mesmo apóstolo escreveu para os crentes de Filipos, mencionando que esperava visitá-los, 'para que a vossa glória aumente por mim em Cristo Jesus, pela minha nova ida [parusia] a vós.' Filip. 1:26. Por que motivo o regresso de Paulo a essa localidade não podia ser literal,

pessoal e visível, e por que apenas poucas pessoas entre eles poderiam nota-la quando ocorresse?

"Escreveu ainda o apóstolo Paulo para o mesmo grupo de crentes: 'Assim, pois, amados meus, como sempre obedecestes, não só na minha presença [parusia], porém, muito mais agora, na minha ausência, desenvolvi a vossa salvação com temor e tremor.' Filip. 2:12. A chegada de Paulo a Filipos não foi secreta, invisível e impessoal quando ele labutou ali como evangelista. O relato de Atos 16:12-40 revela que toda a cidade ficou deveras ciente a esse respeito.

"Paulo informou à igreja de Corinto o que alguns de seus membros pensavam dele, declarando: 'As cartas, com efeito, dizem, são graves e fortes; mas a presença pessoal [parusia] dele é fraca, e a palavra, desprezível.' II Cor. 10:10. Significa isto que a "presença pessoal" do apóstolo não foi literal e visível, e que somente alguns dos coríntios tomaram conhecimento dela, quando ele trabalhou um ano e seis meses entre eles (Atos 18:11)?

"Pedro, um dos doze apóstolos, escreveu com convicção: 'Não vos demos a conhecer o poder e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo seguindo fábulas engenhosamente inventadas, mas nós mesmos fomos testemunhas oculares da sua majestade.' II S. Ped. 1:16. Quando Cristo veio a este mundo, aproximadamente dezenove séculos no passado, Sua presença foi literal, pessoal e visível. Os homens viam Seu corpo, ouviam-no falar, conversavam com Ele e observavam-Lhe as atividades. Pregaram-no literalmente na cruz. João, um de Seus discípulos, descreveu-O como Alguém que 'temos ouvido, o que temos visto com os nossos próprios olhos, o que contemplamos, e as nossas mãos apalparam' (I João 1:1). Além disso, advertiu a todos contra a doutrina dos pretensos ensinaidores cristãos que negavam ter Cristo vindo em carne (I S. João 4:2 e 3).

"Os discípulos de Jesus perguntaram-Lhe: 'Que sinal da Tua vinda (parusia) e do fim do mundo?' S. Mat. 24:3. Respondeu o Salvador: 'Portanto, se vos disserem: Eis que ele está no deserto!, não saiais. Ou: Ei-lo no interior da casa!, não acrediteis. Porque, assim como o

relâmpago sai do oriente e se mostra até no ocidente, assim há de ser a vinda [parusia] do Filho do Homem. ... Então, aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem; todos os povos da terra se lamentarão e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e muita glória. E ele enviará os seus anjos, com grande clangor de trombeta, os quais reunirão os seus escolhidos, dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus' Mat. 24:26, 30, 31.

"Segundo esta declaração de Cristo, um dos sinais de Sua vinda (parusia) seria a propagação do conceito de que ela haveria de ser um tanto secreta, e não visível e manifesta aos habitantes do mundo em geral. Ele nos advertiu contra essa idéia enganadora e declarou enfaticamente que Sua vinda (parusia) seria tão manifesta e visível a todos como o grande clarão do relâmpago que ilumina a Terra e o céu desde o horizonte oriental até o ocidental. Todos os habitantes da Terra ficarão sabendo quando ela ocorrer, pois então 'todos os povos da Terra se lamentarão e verão o Filho do homem vindo sobre as nuvens do céu'. Ela não somente será acompanhada por uma ostentação de 'poder e muita glória', mas também por efeitos audíveis, pois os anjos serão enviados 'com grande clangor de trombeta' a fim de levar os remidos para junto de seu Senhor.

Declarou Cristo ainda mais: 'Pois assim como foi nos dias de Noé, também será a vinda [parusia] do Filho do Homem. Porquanto, assim como nos dias anteriores ao dilúvio comiam e bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e não o perceberam, senão quando veio o dilúvio e os levou a todos, assim será também a vinda do Filho do Homem.' Mat. 24:26, 30, 31.

"O dilúvio que ocorreu nos dias de Noé não foi algo secreto e invisível, conhecido apenas por algumas pessoas juntas. Constituiu literalmente uma catástrofe de proporções globais que cobriu de água as mais altas montanhas e destruiu quase toda a vida vegetal e animal deste planeta. (Ver Gên. 7:18-23). Embora seja verdade que apenas oito pessoas justas se salvaram entre os que viviam naquele tempo, por certo

o grande número dos que pereceram estavam bem cientes da presença do dilúvio quando ele ocorreu.

"Paulo escreveu que 'assim como, em Adão, todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo. Cada um, porém, por sua própria ordem: Cristo, as primícias; depois, os que são de Cristo, na sua vinda [parusia]'. I Cor. 15:22 e 23.

"Será a vinda de Jesus e a ressurreição dos justos mortos algo secreto e invisível? O apóstolo prossegue, dizendo neste mesmo capítulo: 'Nem todos dormiremos, mas transformados seremos todos, num momento, num abrir e fechar de olhos, ao ressoar da última trombeta. A trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis.' Versos 51 e 52. Isto se harmoniza com as palavras de Cristo, mencionadas atrás, de que em Sua vinda Ele enviará Seus anjos 'com grande clangor de trombeta' para reunir Seu povo junto de Si. Concorda também com o que Paulo escreveu a outra igreja:

'Nós, os vivos, os que ficarmos até à vinda [parusia] do Senhor, de modo algum precederemos os que dormem. Porquanto o Senhor mesmo, dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descera dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e, assim, estaremos para sempre com o Senhor.' I Tess. 4:15-17.

"Estas diversas passagens das Escrituras Sagradas indicam que a vinda (parusia) de Cristo à Terra será literal, pessoal, universalmente visível, e até audível. 'Eis que vem com as nuvens, e todo olho O verá, até os mesmos que O traspassaram; e todas as tribos da Terra se lamentarão sobre Ele.' Apoc. 1:7. (Ver também Apoc. 6:14-17).

"Noutras passagens o Senhor nos exorta a estar preparados para Sua vinda (parusia), e adverte que não deixemos ninguém enganar-nos com respeito a ela (ver I Tess. 3:13; 5:23; II Tess. 2:1-9; S. Tia. 5:7 e 8; 1 S. João 2:28).

"Em vista de tudo o que Cristo e Seus apóstolos deixaram registrado para nossa informação no tocante a Sua segunda vinda (parusia)

à Terra, a fim de levar os justos mortos e os justos vivos para o Céu, os adventistas do sétimo dia possuem realmente fundamento bíblico para sua crença de que ela será literal, pessoal e visível, e que todas as pessoas que vivem neste planeta notarão com clareza quando ela ocorrer".

NOTA: A palavra grega □□□□□□□□, foi transliterada para parusia, e não parousia, como se encontra no artigo, porque atende melhor à correta pronúncia grega.

Pedro Apolinário.

PROVAS BIBLÍCAS DE QUE CRISTO AINDA NÃO VEIO

- 1ª - Os mortos em Cristo ainda não ressuscitaram. I Tes. 4:16;
- 2ª - Os cristãos vivos não foram arrebatados. I Tess. 4:17;
- 3ª - Aqueles que O traspassaram deverão ver a sua vinda. Apoc. 1: 7.
Será que a viram? Eles ensinam que foram os olhos espirituais dos fiéis servos da Torre de Vigia que discerniram a ocorrência de sua presença. A Bíblia afirma: "Todo olho O verá."
- 4ª - A ceia deve ser comemorada até que Cristo venha. II Cor. 11:26.
Se ele veio por que continuaram a comemorá-la?
- 5ª - Todos os povos da Terra verão a sua volta. Mat. 24:30 e 31.
Viram-na em 1914?
- 6ª - Os sinais da sua vinda são para nossa advertência. Mat. 24:42-44. Tornar-se-iam desnecessários se Cristo já tivesse vindo.
- 7ª - Os perversos serão destruídos com a sua vinda. II Tess. 2:8.
Morreram os maus?
- 8ª - Heb. 7:25 nos diz que Cristo intercede sempre por nós. Se ele não está mais intercedendo por nós, de 1914 para cá, mais ninguém se teria salvado. Por que vocês continuariam pregando o Evangelho?

Seque-se parte de um artigo de E. B. Price, do *Ministério Adventista*, Janeiro-Fevereiro de 1963, página 11:

"O ensino segundo o qual a vinda de Cristo ocorreu em 1914 é relativamente recente pois desde o início do movimento a Torre de Vigia ensinava que o segundo advento de Cristo ocorreu em 1874. Isto foi ensinado até 1917, embora esta seja três anos posterior à do segundo advento conforme crêem agora.

"Em 1917, a Torre de Vigia publicou uma obra póstuma de Russell, intitulada *The Finished Mystery*, série 7 de Estudos nas Escrituras, na qual, à página 167 aparece a arrojada declaração: Por ocasião do Segundo Advento em outubro de 1874. Um gráfico à página 60 do livro aponta o outono de 1874 como a ocasião do segundo advento do Senhor, e a primavera de 1878 como o tempo da ressurreição. Há, ao todo, nove afirmações incisivas no livro indicando estas datas.

"A pergunta a que nenhum crente das Testemunhas de Jeová pode responder satisfatoriamente é esta: 'Por que a Torre de Vigia, se ela é o que pretende ser, o canal da verdade, nestes últimos dias, publicou um livro três anos depois da suposta vinda de Cristo em 1914, declarando que Ele veio em 1874?'"

CONCLUSÃO

Finalizo com as ponderações de Walter R. Martin:

"Uma vez mais percebe-se, que as Testemunhas de Jeová, somente estão interessadas no que elas podem fazer as Escrituras dizerem, não naquilo que o Espírito Santo, já de maneira perfeita nos revelou. Todo o estudante cuidadoso rejeitará totalmente as suas traduções".

Meu apelo: Se alguma testemunha de Jeová ler este capítulo, siga o conselho cristão de S. Mateus 24:23 – "Então, se alguém vos disser: Eis aqui o Cristo! Ou: Ei-lo ali! Não acrediteis."

Não acredite em ensinamentos que não estiverem alicerçados nas Escrituras Sagradas.

POLÊMICA EM TORNO DA MUDANÇA DE UMA LETRA

Ário – o precursor longínquo dos modernos "Testemunhas de Jeová" – defendia suas idéias heréticas baseando-se em palavras gregas. Com expressões de duplo sentido e frases equivocadas procurava confundir seus opositores. Quem sabe temos aqui uma influência atávica para os modernos arianos serem extremados defensores da língua grega para a comprovação de doutrinas excêntricas e antibíblicas, quase sempre envoltas em vocabulário ambíguo.

Ário para negar que o Filho fosse igual ao Pai usava duas palavras gregas: **omov** = homos (igual) e **omoiov** = homoios (semelhante). Com a primeira negava a igualdade do Filho com o Pai e com a segunda defendia a semelhança das naturezas do Pai e do Filho.

O problema teológico da Divindade de Cristo culminou com a convocação do Concílio de Nicéia, cujos teólogos terçaram lanças em torno do iota a menos ou a mais em dois vocábulos gregos – **homoousios** e **homoiousios**. O debate principal deste Concílio girou em torno da palavra grega **ὁμοούσιος** - usia (substância). Este Concílio, realizado em 325, foi o mais famoso da história da Igreja, por ter sido convocado pelo Imperador Constantino, que nele pronunciou um discurso assentado sobre o seu trono de ouro, por se encontrarem presentes 318 bispos, mas sobretudo por se defrontarem dois expoentes de uma famosa controvérsia religiosa – Ário negando a Deidade de Cristo e Atanásio – simples diácono, secretário do bispo Alexandre, levantando-se como o maior baluarte na defesa da divindade do Logos.

Podem ser mencionados três grupos distintos neste Conclave Religioso:

1. O Ortodoxo - liderado por Atanásio, a sua mais fulgurante estrela, que estabeleceu em seu Credo sobre a Divindade de Cristo que o Filho era da mesma ou de igual substância do Pai - **homoousios**.

2. O Arianista - capitaneado por Ário, homem de ferro como afirmou Constantino, defendia que o Filho era apenas semelhante ao Pai (**homoios**), mas não da mesma substância ou essência.

3. O Semi-Ariano guiado por Eusébio de Cesaréia afirmava: O Filho era de substância semelhante com o Pai - **homoiousios**.

Algumas pessoas menos avisadas poderão estar pensando, não é perda de tempo ou pura bizantinice a preocupação com o problema insignificante de uma letra a mais ou a menos em vocábulos gregos? Na realidade, não é, porque a palavra **homoousios** diz uma coisa, mas **homoiousios** diz outra completamente diferente. Aceita uma, Cristo era Deus, essencialmente Deus; aceitando a outra Ele seria apenas a mais elevada das criaturas, o mais eminente dos seres criados por Deus, portanto criatura e não Criador.

Eis o que nos diz Daniel Hops no livro *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*, página 544:

"Alguns dos mais maldosos e entre outros os Eusébios - pensaram que com uma insignificante mudança na grafia, as suas doutrinas poderiam sobreviver. Assim substituíram a palavra **Homoousios**, que quer dizer "da mesma substância" pela palavra **Homoousios**, que significa "de substância semelhante". Entre as palavras não há diferença senão de um iota, mas tal diferença mínima na aparência era fundamental, e temos de avaliar bem o valor da parada posta em jogo".

Desta famosa polêmica religiosa nasceram dois Credos – o Nicéia e o de Atanásio. O conhecimento deles é útil para todos pesquisadores de dois assuntos transcendentais – A Divindade Cristo e a Trindade, por isso eles se encontram a seguir:

O CREDO DE NICÉIA

"Cremos em Deus, o Pai Todo-Poderoso, Criador de todas coisas visíveis e invisíveis; e em um Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, unigênito do Pai, isto é, da substância do Pai, Deus de Deus, Luz de Luz, verdadeiro Deus de Verdadeiro Deus, gerado não feito, sendo da mesma substância do Pai, por quem todas as coisas foram feitas no céu e na Terra, que por nós homens e para nossa salvação desceu do céu, e encarnou-se, fez-se homem, sofreu, ressuscitou no terceiro dia, subiu aos céus e virá para julgar os vivos e os mortos. Aqueles que dizem que houve tempo quando Ele não existia e que Ele não existiu antes de ser gerado e que foi feito do nada, ou que o Filho de Deus é criado, que Ele é mutável ou sujeito à mudança, a Igreja Católica anatematiza".

A. R. Teixeira, *Dogmática Evangélica*, página 76, apud Aristarcho P. de Mattos na Monografia - Jesus Cristo, Aquele que Era, que É e que Há de Vir, página 82.

O CREDO DE ATANÁSIO

Fonte: Philip Schaff, *The Creeds of Christendom* (New York: Harper, 1919). vol. 2, págs. 66-70.

(p. 66).

1. Para todo aquele que deseja ser salvo: antes de tudo é necessário que mantenha a Fé Católica:

2. Por cuja Fé, a menos que cada um se conserve íntegro incontaminado, sem dúvida perecerá para sempre.

3. E a Fé Católica é esta: Que adoramos um Deus em Trindade, e Trindade em Unidade;

4. Não confundindo as Pessoas; nem dividindo a Substância (Essência).

5. Porque há uma Pessoa do Pai; outra do Filho; e outra do Espírito Santo.

6. Mas a Deidade do Pai, do Filho, e do Espírito Santo, é totalmente uma: a Glória semelhante, a Majestade co-eterna.

7. Tal como é o Pai, assim é o Filho, e assim é o Espírito Santo.

8. O Pai incriado; o Filho incriado; e o Espírito Santo incriado.

9. Pai incompreensível (ilimitado); o Filho incompreensível (ilimitado); e o Espírito Santo incompreensível (ilimitado, ou infinito).

(p. 67).

10. O Pai eterno; o Filho eterno; e o Espírito Santo eterno.

11. E contudo eles não são três eternos, mas um eterno.

12. Como também não há três incriados, nem três incompreensíveis (infinito), mas um incriado, e um incompreensível (infinito).

13. Assim do mesmo modo o Pai é Onipotente; o Filho Onipotente; e o Espírito Santo Onipotente.

14. E contudo eles não são três Onipotentes; mas um Onipotente.

15. Assim o Pai é Deus; o Filho é Deus; e o Espírito Santo é Deus.

16. E contudo eles não são três Deuses, mas um Deus.

17. Assim semelhantemente o Pai é Senhor; o Filho é Senhor; e o Espírito Santo é Senhor.

18. E contudo não há três Senhores: mas um Senhor.

19. Porque, como somos compelidos pela verdade cristã a reconhecer cada Pessoa por si mesma como Deus e Senhor:

20. Assim, somos proibidos pela Religião Católica a dizer: há três Deuses, ou três Senhores.

21. O Pai não é feito de ninguém: não criado, nem gerado.

22. O Filho é somente do Pai: não feito, nem criado, mas gerado.

(p. 68).

23. O Espírito Santo é do Pai e do Filho: não criado, nem gerado, mas procedente.

24. De sorte que há um Pai, não três Pais; um Filho, não três Filhos; um Espírito Santo, não três Espíritos Santos.

25. E nesta Trindade nenhum é anterior, ou posterior ao outro; nenhum é maior, ou menor do que o outro (não há nada antes, ou depois, nada maior ou menor).

26. Mas todas as três Pessoas são co-eternas, e co-iguais.

27. De sorte que em todas as coisas, como dito anteriormente: a Unidade na Trindade, e a Trindade na Unidade, deve ser adorada.

28. Aquele, portanto, que será salvo, deve (permita-lhe) assim pensar na Trindade.

29. Outrossim, é necessário para a salvação eterna: que ele também creia corretamente (fielmente) na Encarnação de nosso Senhor Jesus Cristo.

30. Porque a verdadeira Fé consiste em que creiamos e confessemos: que nosso Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, é Deus e Homem.

31. Deus, da Substância (Essência) do Pai; gerado antes dos mundos: e Homem, da Substância (Essência) de sua Mãe, nascido no mundo

(p. 69).

32. Perfeito Deus: e perfeito Homem, de uma alma justa e carne humana permanente.

33. Igual ao Pai, no tocante à sua Divindade: e inferior ao Pai no que respeita à sua Humanidade.

34. O qual embora seja (é) Deus e Homem; contudo não são dois, mas um Cristo.

35. Um; não pela conversão da Divindade em carne: mas pela recepção (apropriação) da Humanidade em Deus.

36. Totalmente uno; não pela confusão da Substância (Essência), mas pela unidade da Pessoa.

37. Quanto à carne e alma justa, é um ser humano: de sorte que Deus e Homem é um Cristo.

38. Que padeceu pela nossa salvação; desceu ao inferno (Hades, mundo dos espíritos); ressurgiu dos mortos ao terceiro dia.

39. Ascendeu ao Céu, está assentado à mão direita de Deus Pai (Deus o Pai) Todo-Poderoso.

40. Onde (dali) ele virá para julgar os vivos e os mortos.

41. Em cuja vinda todos os homens ressuscitarão com seus corpos.

42. E prestarão contas por suas próprias obras.

(P. 70).

43. E aqueles que tiverem feito o bem irão para a vida eterna; e aqueles que tiverem feito o mal, para o fogo eterno.

44. Esta é a Fé Católica, que a menos que o homem creia fielmente (verdadeira e firmemente), ele não pode ser salvo.

(NOTA DOS EDITORES: As inserções entre parênteses estão na edição de Schaff).

Extraído do SDABC, Vol. IX, págs. 298-299.

PODE SER DIFERENTE A TRADUÇÃO DE TITO 2:13?

A Tradução Novo Mundo, Edição Brasileira, apresenta a passagem assim:

"Ao passo que aguardamos a feliz esperança e a gloriosa manifestação do grande Deus, e de nosso Salvador Cristo Jesus".

No original grego se encontra:

prosdecomenoi thn makarian elpida kai epifaneian thv doxhv
tou megalou yeou kai swthrov hmwn ihsou cristou

De acordo com a sintaxe grega, de nomes com o artigo sem ele, é bom saber o seguinte: Robertson em sua gramática, página 785 nos

ensina: "Quando diversos atributos com "kai" = e, se aplicam à mesma pessoa ou coisa, usualmente, é usado apenas um artigo. Exemplo: Apoc. 3:17; Marcos 6:3; Lucas 6:49; Atos 3:14."

Dana and Mantey em sua *Gramática do Grego do Novo Testamento*, na página 147, apresentam a seguinte regra de Granville Sharp sobre a sintaxe do artigo:

"Quando a partícula copulativa kai está unida a dois nomes do mesmo gênero, se o artigo preceder o primeiro dos ditos nomes ou participios, e não estiver repetido antes do segundo nome ou participio, o último sempre se refere à mesma pessoa expressa ou descrita pelo primeiro nome ou participio, isto é, denota uma mais ampla descrição da primeira pessoa citada".

Bruce M. Metzger em seu livro *Jehovah's Witness and Christ*, após citar as três melhores gramáticas gregas em inglês, ou sejam a de Moulton, de Blass e de Robertson, que estudam com proficiência a sintaxe do artigo, conclui enfaticamente:

"Estes eruditos estão de acordo em afirmar que em Tito 2:13 há referência a apenas uma pessoa e, portanto, só pode ser traduzido: 'nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo'."

R. E. Loasby, professor de línguas bíblicas acrescenta:

"Esta regra também é aplicável às palavras 'Deus' e 'Pai'. Quando a palavra 'Deus' tem o artigo definido e 'Pai' não o tem, e ambas estão unidas pela partícula 'e' ver Rom. 15: 6, onde a primeira Pessoa da Divindade, que deve ser glorificada, é definida com mais precisão como 'o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo'. Neste passo, a palavra 'Deus' leva o artigo definido grego, mas 'Pai' não o tem, e ambas estão unidas pela conjunção 'e'. Em conformidade com a regra da gramática grega, isto faz do segundo termo uma descrição adicional do primeiro. Numerosos exemplos existem, tais como I Cor. 15:24; II Cor. 1:3; Gál. 1:4; Efés. 5:20; Fil. 4:20; I Tess. 1:3; 3:11 e 13

"Esta mesma regra é aplicável a Jesus Cristo, na expressão 'Senhor e Salvador Jesus Cristo' (II S. Ped. 1:11). Aos crentes é prometida

entrada no reino eterno. O artigo definido aparece junto a 'entrada' no texto grego, referente ao próprio ato de ingressar no reino eterno que havia sido pregado com tanta diligência. Este reino eterno é descrito como sendo o de 'Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo'. Neste passo 'Senhor' tem o artigo definido, mas 'Salvador' não o tem. Assim, Aquele que é apresentado como 'Senhor' é também descrito como 'Salvador'. Outros exemplos deste mesmo uso são encontrados em II Ped. 2:20; 3:18. Devem eles ser comparados com II Ped. 1:1, onde temos a expressão: 'pela justiça de Nosso Deus e Salvador Jesus Cristo'. Aqui, de novo, se aplica a regra: 'Deus tem o artigo definido, mas 'Salvador' não o tem, e ambos estão unidos pela conjunção 'e'. A menção é, pois, de uma única pessoa: 'pela justiça de nosso Deus, Salvador Jesus Cristo'."

O Ministério Adventista, Novembro-Dezembro de 1954, pág. 6.

O Comentário Adventista, quase sempre em sua atitude de expressiva prudência prefere expor os fatos sem tornar uma atitude definitiva, nem de um lado nem do outro. Deve haver razões ponderáveis para este método que não nos cabe discutir.

Ao comentar esta passagem afirma: "O grego desta expressão é ambíguo, portanto existe incerteza se Paulo está falando de ambos, o Pai e o Filho ou de Cristo somente. Muitos comentaristas preferem considerar a expressão como se referindo a Cristo somente. Nenhuma dificuldade é encontrada quando é assim interpretada, porque Paulo atribui as prerrogativas da Divindade a Jesus. Ver Rom. 1:7; Fil. 2:6; Col. 2:9; I Tim. 1:1".

Embora este versículo, aparentemente, possa sugerir duas Pessoas da Divindade, a sintaxe grega, como já vimos, nos confirma que se trata de uma única pessoa.

A História Eclesiástica nos relata que os arianos aplicavam a expressão "nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo" a duas pessoas, referindo-se a primeira ao Pai e a segunda a Cristo. A índole da língua grega proíbe tal exegese; porque se houvesse referência a duas Pessoas

da Divindade, o artigo definido grego que precede a expressão "grande Deus" estaria também repetido antes da palavra "Salvador".

Seria ainda bom atentarmos para o seguinte fato:

Paulo está instando com Tito e os crentes a aguardarem ansiosamente a segunda vinda de Cristo. Esse evento majestoso é descrito pelo apóstolo como uma manifestação exterior da glória. Essa manifestação exterior da glória, nunca é atribuída por Paulo ao Pai, mas apenas quanto à segunda vinda de Cristo no fim do tempo. A leitura das seguintes passagens (I Cor. 1:7-8; Fil. 1: 6; 3:20; II Tess. 2:8; I Tim. 6:14-15; II Tim. 4:1) confirma a declaração anterior.

Vincent, inquestionavelmente, o mais abalizado estudioso de palavras gregas do Novo Testamento, no IV volume de *Word Studies*, página 345, também sugere que esta passagem pode ser interpretada nos dois sentidos, mas afirma estar ao lado dos que crêem que a expressão indica uma única pessoa – Jesus Cristo, em favor da qual apresenta os seguintes argumentos:

1º) Que os dois nomes Theós e Soter estão incluídos sob um único artigo;

2º) que Soter com hemôn, onde há duas designações, tem o artigo em cada caso, exceto I Tim. 1:1;

3º) Que o pronome relativo "hos" no verso catorze é singular e se refere a Cristo, indicando que somente uma pessoa é indicada no verso treze.

4º) A analogia de II Pedro 1:1, 11; 3:18.

5º) As declarações a respeito de Cristo em Col. 1:15; II Tess. 1:7; I Pedro 4:13; Col. 2:9.

Uma passagem paralela a Tito 2:13 é II Tessalonicenses 1:12, que reza assim na última parte "segundo a graça do nosso Deus e do Senhor Jesus Cristo".

Robertson, página 785 da *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research*, faz sobre ela o seguinte comentário:

"Aqui a estrita sintaxe desde que há um único artigo com os substantivos Theou e requer Kuriou, que se faça referência a uma única pessoa, Jesus Cristo".

O mesmo critério pode ser usado para II Pedro 1:11.

Dentre as traduções categorizadas apenas a King James Version favorece a idéia de dois seres na passagem de Tito 2:13. A Revised Version of the New Testament de 1881, a Revised Standard Version, a The New English Bible e outras conceituadas traduções indicam uma só pessoa, defendendo assim a Divindade de Cristo.

KAI EPEXEGÉTICO

No estudo da sintaxe da conjunção aditiva kai, equivalente ao português "e", há um sentido especial que necessita ser destacado. As gramáticas gregas o chamam de epexegetico ou explicativo, segundo Robertson, página 1181. Taylor, em *Introdução ao Estudo do Novo Testamento Grego*, denomina- de epexegetico ou explanatório.

Quando antes de um nome aparece um atributo, e depois do kai o segundo atributo, o kai pode ser traduzido por *isto é*. Aplicando a Tito 2:13 leríamos: "Aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do grande Deus (isto é) nosso Salvador Jesus Cristo."

A Gramática de Robertson na página 1181 exemplifica Luc. 3:18; João 20:30; I Cor. 2:2; como epexegeticos.

Da exposição feita até aqui e de acordo o principio hermenêutico, de que apenas um sentido deve ser procurado em cada passagem, conclui-se que a melhor resposta para o título que encima este capítulo é - a tradução de Tito 2:13 apenas pode ser:

"Aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus."

MORREU CRISTO NUMA CRUZ OU NUMA ESTACA?

INTRODUÇÃO

O objetivo deste capítulo é pesquisar o tipo de instrumento usado para a crucifixão de Cristo.

É notório entre os estudiosos das crenças das Testemunhas de Jeová, que defendem ardorosamente o ter sido Cristo crucificado numa estaca, e não numa cruz.

Embora o ser crucificado numa cruz ou numa estaca não afete o valor do grande sacrifício feito a nosso favor é interessante conhecer os fatos reais a respeito do assunto.

COMENTÁRIOS GERAIS

Dentre os ensinamentos antibíblicos das "Testemunhas de Jeová" encontra-se o seguinte: Jesus se deu em resgate pelos homens como ser humano, portanto esse resgate não garante vida eterna para ninguém, mas simplesmente oferece o direito de uma segunda oportunidade.

"Com esta declaração têm dois propósitos:

- a) Destruir a crença na pessoa divina de Jesus;
- b) Destruir a segurança no valor de Cristo como Salvador".

Testemunhas de Jeová, Antenor Santos de Oliveira, pág. 46.

Por que morreu Cristo de modo tão humilhante numa cruz? Por que se não fosse essa morte jamais poderíamos obter a salvação, como nos diz Paulo em seus escritos. Rom. 3:24-25; II Cor. 5:21; Efés. 1:7; Col. 1:14.

Apesar do sofrimento de Cristo já ter sido profetizado pelo salmista e por Isaías séculos antes, nosso Salvador sabia que Seu sacrifício na cruz seria bastante humilhante e mesmo decepcionante para Seus discípulos, por isso em Seu contato diuturno com eles procurou prepará-los o espírito para as cenas finais do Calvário, mas eles só compreenderam este sacrifício após Sua saída gloriosa da tumba, como pode ser visto em Mat. 16:21, 22; 26:28; João 3:16; 12:32, 33; Luc. 24:1-9.

Nenhum dos discípulos compreendeu tão bem o plano da redenção como o Apóstolo Paulo, por isso exclamou o que se encontra em Romanos 8:21-39.

Pelo fato de todo este plano ter tido o seu desfecho final na cruz, compreendemos o porquê desta palavra ter um efeito tão magnetizante sobre os cristãos e de Paulo tornar-se o seu paladino incansável. Por isso afirmou: "Mas longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de

nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo." Gál. 6:14.

Só podemos compreender esta apologia de Paulo nela cruz quando sabemos que nela se encontra a centralização do Evangelho de Cristo e que Sua morte no madeiro propiciou a redenção para a humanidade.

Paulo percebeu ainda que as igrejas da Galácia se estavam desviando do evangelho cristocêntrico para um falso evangelho, daí sua exaltação da cruz na carta enviada a estas igrejas. Gál. 1:4; 2:20; 3:13, 14; 4:5; 6:15.

Ficamos condoídos ao pensarmos nos atrozes sofrimentos suportados por Cristo naquela terrível cruz, mas de outro lado a exemplo de Paulo nos gloriamos na cruz, por ser este o meio escolhido por Deus para nos reconciliar com Ele. O apóstolo Pedro de modo idêntico nos mostra o grande preço pago pela nossa salvação na sua primeira carta capítulo 1 versos 18 e 19: "Sabendo que não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados do vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram, mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo."

Satanás conhecendo o fascínio que irradia da cruz de Cristo, tudo faz, para que os homens não centralizem a esperança da salvação no sacrifício do Calvário.

A exemplo de alguns falsos ensinadores nas igrejas da Galácia, os professos exaltadores do nome de Jeová procuram minimizar o valor da cruz pelo ensinar que o sacrifício de Cristo não é suficiente para dar-nos a vida eterna, mas apenas oferecer uma segunda oportunidade.

Se todo o ensino bíblico visa ressaltar o valor da cruz, e o ensino das "Testemunhas de Jeová" apouca a obra do nosso Salvador, então poderemos compreender melhor o porquê de suas preocupações bizantinas em asseverar que Cristo não morreu numa cruz, mas numa estaca.

Qual a palavra do original grego que foi traduzida por cruz?

É staurós.

Se formos aos dicionários helênicos eles nos dirão que a palavra tem múltiplos significados, tais como: instrumento de suplício, mourão de cerca, estaca, paliçada, poste, patíbulo, madeiro, cruz.

O *Dicionário Grego-Português e Português-Grego* de Isidro Pereira, depois de apresentar várias acepções, conclui que no Novo Testamento significa cruz.

Se a palavra tem todas estas significações e se todos os tradutores da Bíblia a traduzem por cruz, por que as Testemunhas de Jeová defendem que deve ser traduzida por estaca? A resposta é apenas esta: visam retirar da cruz o seu valor e negar a doutrina bíblica, que através desta mesma cruz, exalta a Pessoa Divina de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

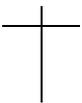
Sem nos alongarmos em vários aspectos curiosos da cruz, como da sua origem na letra grega maiúscula **T** – "tau", ou na letra inicial da palavra grega *Christos*, ou que a expressão "pau de cedro" de Num. 19:6 seja típica para a cruz, eis apenas a transcrição de um trecho da pág. 18 do *Logos Eterno* de Sabatini Lalli: "W. Berry, em sua 'Enciclopédia Heráldica' menciona nada menos do que 385 diferentes tipos de cruzes, incluindo o grande número de cruzes artísticas e simbólicas."

As principais cruzes usadas no tempo de Cristo eram as seguintes:

a) A cruz grega ou aquela em que as duas hastes se cruzam pelo meio, é também chamada eqüilateral, porque seus quatro braços eram iguais

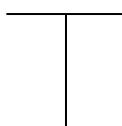


b) A cruz latina quando a haste horizontal cruza a vertical acima da metade.



Denomina-se ainda de imissa ou capitata;

c) A cruz comissa



quando a haste horizontal passa na extremidade superior da vertical. Esta, crêem alguns, foi a usada na crucifixão de Cristo. O título ou o motivo da condenação era colocado por cima da cabeça per meio duma ripa. (Mat. 27:37).

d) A cruz de Santo André, também conhecida como decussata teria a forma do X maiúsculo.

Grande número de autores defende que a cruz em que Cristo foi pregado era a do tipo latino ou romano, isto é, "imissa". Os Evangelistas – Mateus 27:37; Marcos 15:26; Lucas 23:38 e João 19:19 – dão a entender este fato, dizendo que, por cima de Jesus crucificado, foi colocada uma inscrição em Hebraico, Grego e Latim.

A palavra cruz tem sido usada, através dos séculos, como sinônimo de provação e tribulação.

Sendo que nela se realizou a prova mais cabal do amor de Cristo pela humanidade, em vez de instrumento de suplício transmuda-se em instrumento de salvação.

A BIBLIA E A PALAVRA RELIGIÃO

As Testemunhas de Jeová chamam pejorativamente de "religionistas" os membros de outras seitas religiosas. Afirmam que não há nas Escrituras Sagradas a palavra "religião", e que esta não passa de uma invenção de Satanás.

Como prova dizem que a "Versão Siríaca" usa a palavra "adoração" em lugar de "religião" em Tiago 1:26-27.

A palavra que se encontra no original nestas passagens é yrhske que aparece apenas 4 vezes no Novo Testamento. Duas em Tiago 1:26, 27, e as outras em Col. 2:18 e Atos 26:5.

Que nos dizem os dicionários sobre sua significação?

Arndt and Gingrich: a adoração de Deus, religião.

Isidro Pereira: respeito e adoração da divindade, em o Novo Testamento – religião.

The analytical Greek Lexicon: Adoração religiosa, religião, piedade.

E. W. Bullinger – A Critical Lexicon and Concordance: a cerimônia ou o serviço externo da religião, a forma externa de adoração.

Adoração é expressa em grego por: θεοσέβια - theossébia, προσκύνησις - prosquinesis e λατρεία - latréia.

Experimente traduzir Atos 26:5 por adoração e concluirá que não se adapta ao contexto. "Pois, na verdade, eu era conhecido deles desde o princípio, se assim o quiserem testemunhar, porque vivi fariseu conforme a seita mais severa da nossa *adoração*."

Ao chamarem todas as religiões como organizações de Satanás se enganam a si mesmos, pois as Escrituras nos afixam que há a religião verdadeira e a falsa religião. S. Tiago 1:25 e 26. Verdadeira religião é a que segue diuturnamente os ensinamentos de Cristo, porém a falsa é aquela que é afirmada pelos lábios mas negada na vida prática.

Religião não é apenas adoração à Divindade, porém algo deve ser praticado na vida diária.

QUE DIZEM AS ESCRITURAS DA "SEGUNDA OPORTUNIDADE"?

Nada dizem, porque esta doutrina não tem apoio nas Sagradas Escrituras, sendo apenas mais um ardil do arquienimigo para levar os homens a descrerem no sublime plano da redenção.

José Giron no livro *Los Testigos de Jehova y sus Doctrinas*, pág. 46-47 afirma:

"As Testemunhas de Jeová ensinam que o Dia do Juízo consistirá de um período de mil anos. Cristo será o Juiz, as pessoas julgadas serão aquelas que tiverem o privilégio de conhecer a Cristo, segundo o ensino russelita. O juízo começará com a ressurreição geral, que inclui os príncipes e as outras ovelhas que sobreviveram à batalha do Armagedom e a todos os que foram dignos de ressuscitar para o juízo. O juízo não será para condenação, mas para conceder aos grupos já mencionados outra oportunidade para viver e gozar a salvação.

O livro *A Harpa de Deus*, pág. 344 declara: "Julgar implica por meio de uma prova dar uma oportunidade para receber uma bênção."

A doutrina da "Segunda oportunidade" é um aspecto da crença católica na missa e purgatório, e do espiritismo na reencarnação.

Os dois principais líderes das "Testemunhas" Russell e Rutherford, em seus respectivos livros: *Estudo nas Escrituras* e *Milhões que Agora vivem Não Morrerão Jamais*, foram tenazes defensores da "Doutrina da Segunda oportunidade"; embora excluam alguns grupos deste privilégio. Ver *Los Testigos de Jehova* de W. M. Nelson, pág. 107.

Afirmam eles que o sacrifício de Cristo na cruz não foi suficiente para a nossa salvação, pois ele apenas propicia uma segunda oportunidade a ser atingida durante o milênio.

Que diz a Palavra de Deus sobre isto?

Os ensinamentos bíblicos são muito evidentes em nos mostrarem que há apenas uma oportunidade para a salvação, isto é, nesta vida. A leitura de apenas algumas passagens como II Cor. 6:1, 2; Heb. 2:3; 3:7, 8; 6:4-6 nos convencerão desta verdade.

Em que passagens bíblicas elas fundamentam a crença numa segunda oportunidade? Em João 5:29 e Heb. 9: 27 encontra-se a palavra

□□□□□□v que é traduzida em português nestas passagens por

condenação e juízo, mas que os líderes do jeovismo torcendo as Escrituras (II Pedro 3:16) e fugindo às regras hermenêuticas traduzem por prova, para por seu intermédio dar uma segunda oportunidade.

A palavra grega **crisis** não permite de modo nenhum esta tradução. As palavras gregas que podem ser traduzidas por prova seriam **πίστις** e **ἀποκρίσις**. Nenhum dicionário grego digno de consideração traduzirá a palavra grega **crisis** como prova, provação, no sentido de outra oportunidade. A palavra oportunidade em grego é **καιρία** - eucairia. Enquanto os dicionários traduzem **doquimê** [**δοκιμή**] por prova, experiência, indício comprovativo e **peirasmos** [**πειρασμός**] por tentação.

Isidro Pereira em seu Dicionário apresenta os seguintes significados pára **crisis** = ação ou faculdade de separar, de discernir, luta, litígio, processo, decisão, juízo, sentença, resultado, desenlace e crise.

A doutrina da segunda oportunidade é satânica, porque leva o ser humano a procrastinar, a tergiversar quando lhe é apresentado o apelo para que aceite a Cristo como seu Salvador pessoal. O raciocínio humano seria este: posso continuar em minha vida de pecado nesta terra, porque depois Deus vai conferir-me outra oportunidade para a salvação.

Meditações Matinais do dia 24 de novembro de 1979, trouxe muito bom comentário de Raymond H. Woolsey sobre este assunto. Devido a sua objetividade e visando ampliar nossa compreensão do assunto apresentado neste capítulo, ele aqui se encontra:

"Sobre a face da Terra, hoje em dia, há certos ensinos que declaram ou dão a entender que após a volta de Jesus os pecadores terão outra oportunidade de aceitá-Lo como seu Salvador. De acordo com a teoria do arrebatamento secreto, haverá um período de sete anos desde o tempo em que os cristãos desaparecerem deste mundo (na opinião deles) até que Cristo volte publicamente. Nesse período se converterão os que não forem trasladados na primeira vez. Outros afirmam que depois de Cristo

haver estabelecido o Seu trono na antiga cidade de Jerusalém (novamente segundo a crença deles), todas as nações da Terra se converterão, pois estarão fora do alcance de Satanás.

"Foi para refutar uma teoria como essas, de uma segunda oportunidade, que Jesus contou a parábola do rico e Lázaro. Ao concluí-la, disse Ele dos dirigentes judeus: 'Se não ouvem a Moisés e aos profetas, tampouco se deixarão persuadir, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos' S. Lucas 16:31. Fazendo uma aplicação pessoal dessas palavras, podemos dizer que temos a Bíblia e todo o testemunho dos profetas para persuadir-nos a aceitar a salvação em Cristo. Se isso não fosse suficiente, quem ressuscitasse dentre os mortos ou a própria pessoa de Jesus também não conseguirão persuadir-nos a tomar essa decisão. Em suma, Deus tem feito tudo o que é possível.

"A humanidade teve sua primeira oportunidade de vida eterna no jardim do Éden. Mós essa oportunidade foi perdida. Então Deus enviou Seu Filho para dar-nos outra oportunidade. Por meio de Jesus é demonstrado o seu amor; Ele nos concedeu Sua Palavra para ensinar-nos Sua vontade; tem mostrado reiteradas vezes o que acontece com os que desprezam o Seu reino; por milhares de anos tem sido paciente e longânimo; Seu Espírito pleiteia incessantemente com os pecadores. Em vez de uma 'segunda oportunidade', Deus nos concede centenas de oportunidades nesta vida. Não haverá proveito algum em adiar o julgamento até depois da volta de Jesus.

"Precisamos preparar-nos agora. As decisões que faremos amanhã serão determinados em grande parte pelas decisões que tomamos hoje. Temos de estar em paz com Deus no tempo presente. Quando Jesus vier com Seus anjos, nosso destino já estará decidido."

BIBLIOGRAFIA

- Almeida, João Ferreira de. (trad.). A Bíblia Sagrada. Edição Revista e Corrigida. Rio de Janeiro: imprensa Bíblica Edição Brasileira, 1962.
- Angus, Joseph. História, Doutrina e interpretação da Bíblia. Lisboa: Livraria Evangélica, 1917.
- Arndt, William F. e Gingrich, F W. A Greek-English Lexicon on The New Testament. London. 4ª edição. London: The University of Chicago Press, 1952.
- Barclay, William. New Testament Words. London SCM Press, 1964.
- Berkwith, Isbon T. The Apocalypse of John. Michigan: Baker Book House, 1967.
- Berkhof Louis. Princípios de Interpretação Bíblica. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1965.
- Berkhouwer, G.C. A Pessoa de Cristo. São Paulo: Editora ASTE, 1964.
- Bernard, J.H. A Critical and Exegetical Commentary on The Gospel of St. John.
- Blass. F. and Debrunner, A. A Greek Grammar of The New Testament and Other Early Christian Literature. Chicago: The University of Chicago Press, 1962.
- Bruce, F. F. Commentary on The Book of Acts. 6ª edição. Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1968.
- Bruce, F.F. Answers to Questions, Zondervan - Publishing House.
- _____ The Epistle To The Hebrews. Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964.
- Bullinger, Ethelbert H. A Critical Lexicon and Concordance. 9ª edição. London: Samuel Bagster and Sons Limited, 1969.
- Buttrick, George Samuel (editor). Interpreter's Dictionary of The Bible. 4 vols. New York: Abingdom Press, 1962.
- Christianini, Arnaldo B. Radiografia do Jeovismo. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1975.

- Dana, H. E. e Mantey, Julius R. A Manual Grammar of The Greek New Testament. Ontario: The Macmillan Company.
- Dicionário Enciclopédico da Bíblia: Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes Limitada, 1971.
- Duncan, Homero. Testemunhas de Jeová?! São Paulo: Publicado pela imprensa Batista Regular, 1976.
- Figueiredo, Antônio Pereira (trad.). Bíblia Sagrada. Edição Barsa Catholic Press, 1971.
- General Conference Committee (edit.). Problems in Bible Translation. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1954.
- Giron, José. Los Testigos de Jehova y sus Doctrinas. Miami, Flórida: Editorial Vida, 1976.
- Harper and Brothers (edit.). The Analytical Greek Lexicon. New York: Harper and Brothers.
- Holy Bible. King James Version. New York: American Bible Society.
- Hyde, Gordon M. (edit.). A Symposium on Biblical Hermeneutics. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1974.
- International Bible Students Association (edit.). Seja Deus Verdadeiro. New York: International Bible Students Association 1949.
- Kittel, Gerhard. Theological Dictionary of The New Testament. 5 vols. Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1965.
- Lalli, Sabatini. O Logos Eterno. Rio de Janeiro: Confederação Evangélica do Brasil, 1960.
- Lenski, R.C.H. Interpretation of St. John's Gospel. Ohio: Lutheran Book Concern, 1931.
- Martin, Walter R. The Kingdom of The Cults. Minneapolis: Bethany Fellowship Inc., 1974.
- Mattos, Aristarco P. Aquele que Era, que é e que Há de Vir. (Apostila). São Paulo: Instituto Adventista de Ensino, 1969.

May, Herbert G. e Metzger, Bruce H. (edit.). The Oxford Annotated Bible with The Apocrypha. Revised Standard Version. New York: Oxford University Press, 1965.

Mesquita, Antônio Alves. A Doutrina da Trindade no Velho Testamento.

Ministério Adventista, O. (revista). Edições entre julho de 1964 e março de 1965. edições novembro e dezembro de 1958. Santo André: Casa Publicadora Brasileira,

Nelson, Wilton H. Los Testigos de Jehova. Ed. Rev. Texas, EUA: Casa Bautista de Publicaciones, 1965.

New English Bible, The. Standard Version. New York: Oxford University Press, 1971.

Nichol, Francis D. (edit.). The Seventh-Day Adventist Bible Commentary. 7 vols. Washington, D C.: Review and Herald Publishing Association, 1953.

Novum Testamentum Graece. Edição de Erwin Nestle e Kurt Aland. 25ª edição. Stuttgart: Württembergische Bihelanstalt Stuttgart, 1927.

Oliveira, Antenor Santos de. Testemunhas de Jeová. 2ª edição, Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1971.

Pereira, Isidro. Dicionário Grego-Português e Português-Grego. Porto: Livraria Apostolado da imprensa, 1951.

Rahlfs, Alfred (edit.). Septuaginta. 5ª edição. Stuttgart: Privilegiert Württembergische Bihelanstalt, 1952.

Roberts, oral (edit.). Hebrew Bible. Tulsa, Oklahoma: Evangellipress, 1957.

Robertson, A. I. A Grammar of The Greek New Testament in The Light of Historical Research. Nashville, Tennessee: Broadman Press, 1934

Ryle, J. C. Comentário do Evangelho Segundo São João. São Paulo: Imprensa Metodista, 1957.

Schnell, William J. Into The Light of Christianity. 4ª edição. Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1967.

Spurgeon, C.H. The Treasury of David. 3 vols. Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1968.

Terry, M. S. Hermenêutica Bíblica. Buenos Aires, Argentina: Casa Unida de Publicaciones, S.A. Sem data.

Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas. Edição Brasileira. New York: Watchtower Bible and Tract Society of New York, Inc., 1967.

Vincent, Marvin R. Word Studies in The New Testament. Grand Rapids. Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1957.

Whitelaw, Thomas. The Gospel of St. John. Fiscastle, Virginia: Scripture Truth Book Company.

Wuest S. Kenneth. Jóias do Novo Testamento Grego.